



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**CENTRO DE HUMANIDADES – CH**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – DHG**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH**

**INAIRAN CRISTINO CUNHA**

**LEITURAS SENSÍVEIS: SUBJETIVIDADES E  
SENSIBILIDADES DOS *BANQUETEIROS* DE JUNCO DO  
SERIDÓ-PB (1990-2010)**

**CAMPINA GRANDE - PARAÍBA**

**2011**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**CENTRO DE HUMANIDADES – CH**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – DHG**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH**

**INAIRAN CRISTINO CUNHA**

**LEITURAS SENSÍVEIS: SUBJETIVIDADES E  
SENSIBILIDADES DOS *BANQUETEIROS* DE JUNCO DO  
SERIDÓ-PB (1990-2010)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: **Cultura, Poder e Identidades.**

Orientador: Prof. Pós-Doutor Iranilson Buriti de Oliveira.

**CAMPINA GRANDE**

**2011**



**INAIRAN CRISTINO CUNHA**

**LEITURAS SENSÍVEIS: SUBJETIVIDADES E SENSIBILIDADES DOS  
BANQUETEIROS DE JUNCO DO SERIDÓ-PB (1990-2010)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito à obtenção do Título de Mestre em História, Área de concentração: Cultura, Poder e Identidades.

Avaliada em \_\_\_\_\_ com conceito \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Pós-Dr. Iranilson Buriti de Oliveira – Orientador  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Prof. Pós-Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Profa. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento  
Universidade Federal de Campina Grande



## RESUMO

Esta é uma escrita de vida. É uma leitura sensível construída a partir dos sentimentos e emoções dos garimpeiros nas banquetas de caulim em Junco do Seridó, Paraíba. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é dar visibilidade e dizibilidade as sensibilidades e subjetivadas produzidas pela poética dos sentidos desses trabalhadores da extração de caulim. Tomando a paisagem de Junco do Seridó e das banquetas como representação visível e sensível, cenário construído tanto pelos passos do pesquisador quanto pelas sensibilidades dos *banqueteiros*. Por meio de entrevistas orais e outras fontes, entendidos enquanto documento-monumento, se procura representar essa "profissão" de *banqueteiro* e o espaço das banquetas como cenário de fronteiras e posicionamentos. E, assim, busca-se, ao longo deste trabalho, construir uma história sobre a lavra do caulim em Junco do Seridó a partir das sensibilidades, pelos sentimentos alegres e tristes, pelas territorialidades sensíveis subjetivadas por aqueles que (sobre)vivem diretamente dessa atividade, os *banqueteiros*, como também, dos que convivem e/ou dependem, de uma forma ou de outra, das banquetas. Personagens relacionais, os quais corroboram com os seus corpos, suas narrativas, seus movimentos e suas subjetividades, na urdidura desta escrita afetiva sobre os *banqueteiros* do caulim de Junco do Seridó.

Palavras Chave: Sensibilidades. Subjetividades. Banquetas e *banqueteiros*. Caulim. Junco do Seridó.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Vista dos decantamentos de caulim e das banquetas do “Alto do Chorão”.....	28
Figura 2 – Junco do Seridó visto do “Alto do Chorão”.....	30
Figura 3 – Junco do Seridó – Amanhecer.....	37
Figura 4 – Junco do Seridó - À tarde.....	41
Figura 5 – Junco do Seridó – Entardecer.....	44
Figura 6 – Banquetas.....	58
Figura 7 – Banquetões.....	58
Mapa 1 – Caminho dos tropeiros e boiadeiros no estado da Paraíba.....	17
Mapa 2 – Mapa da Paraíba com a localização dos municípios.....	21
Mapa 3 – Mapa Rodoviário do estado da Paraíba.....	22



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>07</b>
<b>Capítulo I – ESPAÇO “EM QUE ME IDENTIFICO”</b>	<b>15</b>
1. Leituras de mundos, leituras de textos humanos	15
2. “... Dia de sol parei, no Junco do Seridó...”	19
3. Junco do Seridó: “meu patoá”	32
<b>Capítulo II – ESPAÇOS DE FRONTEIRAS</b>	<b>49</b>
1. “É um serviço muito perigoso né? Mas, aqui pra gente é a sobrevivência”: as sensibilidades garimpeiras	55
2. “Deus leve e Deus traga com vida e saúde”: sensibilidades de vida e de morte	66
3. A poética dos sentidos	73
<b>Capítulo III – ESPAÇOS POSICIONAIS</b>	<b>84</b>
<b>Fontes e Referências</b>	<b>86</b>

## INTRODUÇÃO

*[...] a História precisa escapar deste discurso racional, deve reintroduzir a arte em seu discurso, tomar a sensibilidade, a imaginação e a intuição partes de seus instrumentos de trabalho, [...], mesmo sabendo que a 'sensibilidade é traideira' e que com sua direção nunca teremos certezas, verdades definitivas, pois sua guia pressupõe o fim do pretenso afastamento entre sujeito e objeto, entre o observador e o observado. O saber, [...], não buscará julgar, mas jogar com os dados de que se dispõe, inventar o verossimilhante, o possível, o provável do improvável...<sup>1</sup>.*

Leituras de mundos, leituras de textos humanos, prática criadora de espaços, paisagens e histórias, assim é o trabalho dos historiadores, fabricarem narrativas de eventos passados. Pesquisando nos arquivos (particulares e públicos), bibliotecas, prédios, em fontes orais, enfim, nos documentos-monumentos<sup>2</sup> que constituem a sua matéria-prima. Esses garimpeiros de acontecimentos<sup>3</sup> temporais, ao escolherem seu objeto de pesquisa o questionam, criam problematizações e se a resposta for positiva iniciam o trabalho de garimpagem das fontes, fazendo investimentos financeiros e pessoais esperando que, ao final da extração depois de meses, obtenha seu lucro ao produzir um trabalho científico. Caso a resposta não seja satisfatória, ou seja, os documentos não tenham respondido suas inquietações intelectuais, eles, muitas vezes, abandonam o objeto de pesquisa, arcam com os prejuízos (tempo, dinheiro, etc.) da empreitada e buscam um novo território de pesquisa.

Nesta escrita se tratará dos *banqueteiros*<sup>4</sup> do caulim, mineral que é extraído da natureza. Uma atividade que, guardada as devidas proporções, é muito parecida com o trabalho do historiador. Pois veja, o garimpeiro da lavra caulínica escolhe o

<sup>1</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *História: A arte de inventar o passado*. Bauru-SP: EdUSC, 2007, p. 88/89.

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão et. al. 5.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

<sup>3</sup> É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta... FOUCAULT, 2010, p. 28.

<sup>4</sup> Banqueteiro significa: aquele que prepara banquetes ou refeições de culinária esmerada. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. 3.ed., 1ª. Imp. revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Edição eletrônica autorizada a POSITIVO INFORMÁTICA LTDA. ©2004 by Regis Ltda. No caso em questão, ele é um neologismo criado para designar os trabalhadores das banquetas e diferenciá-los dos outros garimpeiros. No capítulo II será feita uma discussão sobre este conceito.

local para extração, mas, antes de iniciá-la ele interroga o filão, ou seja, retira parte do material e manda para análise em laboratório, caso o caulim seja qualificado como bom eles investem o pouco dinheiro que tem na limpeza do local de trabalho, nos mantimentos, na compra e aluguel de máquinas e na contratação de outros trabalhadores para que no final da produção, depois de descontada as despesas, possam obter lucro. Mas, mesmo o mineral sendo bom, se o veio for ruim de extraí-lo, eles abandonam a escavação, “aceitam” o prejuízo e procuram novo lugar para (re)começar outra lavra caulínica.

Em ambas as atividades se ler as problematizações serem levantadas, de acordo com o que se busca, os investimentos pessoais e financeiros serem feitos para, ao final ou no decorrer da pesquisa, analisarem se dará certo ou não a empreitada. Pois bem! Michel de Certeau, em sua operação historiográfica<sup>5</sup>, questionando-se sobre o *metier* do historiador, procura entender a relação enigmática desta profissão com a morte, do mesmo modo que o historiador, os *banqueteiros* também mantêm uma relação enigmática com a morte, contudo, enquanto àquele se “enterra” nos documentos procurando trazer à “vida” o que estava “morto”, este escava a terra “procurando” a morte, isto porque, seu trabalho, parecido com as formigas e tatus, consiste em cavar a natureza o mais profundo possível para retirada do caulim e, muitas vezes, devido à falta de colunas artificiais nas paredes das banquetas para sustentá-las, eles acabam sendo soterrados pelos desmoronamentos destas, levando-os, na maioria dos casos, ao óbito.

Contudo, esta é uma escrita de vida, como será visto ao longo do trabalho. É uma leitura das sensibilidades construídas nas banquetas de caulim de Junco do Seridó e dos que dependem, direta e indiretamente, desta atividade. E, neste ponto, o historiador e o *banqueteiro* se encontram para narrar às histórias de vida e de morte existentes nesse espaço, pois, tendo vivido na cidade desde a infância, convivi (e convivo) com estas histórias de alegrias e tristezas no caulim, mais tristes devo confessar.

Desde cedo, meu pai, que trabalhou por pouco tempo em caulim e sentiu de perto o quão duro é esta atividade, contando histórias do garimpo “alertava” meus irmãos e eu para estudar e buscar novas oportunidades de trabalho quando adulto. Ele sempre dizia: “se não quiser estudar, vai trabalhar nas banquetas” e nós

<sup>5</sup> CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: \_\_\_\_\_ *A Escrita da História*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2000.



respondíamos prontamente: "Deus nos livre!". Nesse sentido, a lavra caulínica, de uma forma ou de outra, entrecruzou o meu caminho de vida cotidiana e, agora, intelectual, pois, em meio às dificuldades, procurei estudar e hoje, na pesquisa de mestrado, retorno às banquetas, mas não mais com o olhar de quem a via como um local de desgraça, ao contrário, vendo-as como um espaço de vida, em meio aos problemas que nelas existem, uma territorialidade construída pelas sensibilidades de quem (sobre)vive deste trabalho, subjetivadas em anos de escavações, de sobe e desce em carretel e guinchos, de entrar e sair dos túneis e das banquetas de caulim.

O trabalho com as sensibilidades é sutil, ler como o medo e a coragem, a tristeza e a felicidade, o prazer e o desprazer, as emoções e os sentimentos são subjetivados pelo ser humano, neste caso, pelos trabalhadores do caulim, e representá-los em "materialidades", historicizá-los e socializá-los, é encontrar mais dúvidas do que certezas. Isto leva a dois conceitos que percorrem, conjuntamente com o espaço, a lavra desta pesquisa: sensibilidades e subjetividades.

As sensibilidades, que tratam das emoções e sentidos do ser humano, parte, ainda, sendo explorada pelos historiadores, nesta escrita serão lidas a partir dos caminhos traçados por Sandra J. Pesavento<sup>6</sup>, já que, para esta historiadora,

as sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. [...] O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. [...] Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído...

A História pode (e deve?!) se encarregar do estudo das sensibilidades, das emoções, dos gestos, para narrar os acontecimentos trágicos e alegres que, muitas vezes, desviam o seu curso. À vista disso, as sensibilidades são mais sentidas do que ditas, ou seja, são mais subjetivadas, estas, por sua vez, são pensadas a partir de Michel Foucault, em uma (re)leitura feita por Hélio Rebello<sup>7</sup>, na qual, a subjetividade seria "a expressão do que em nós, em nosso núcleo de subjetividade, se relaciona com as coisas, com o mundo, por isso envolve uma relação com o

<sup>6</sup> PESAVENTO, 2005, p. 57/58.

<sup>7</sup> CARDOSO JR., Hélio Rebello. *Para que serve uma Subjetividade? Foucault, tempo e corpo.* Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, p. 345.

tempo”, é “uma expressão de nossa relação com as coisas, através da história”<sup>8</sup> e da memória.

Mas, quando esses acontecimentos se encontram na “ordem do dia”, ou seja, quando eles estão ainda se desenvolvendo, o quê fazer? Este é um dos problemas da História do tempo presente, a sua construção está em andamento, não se conhece o seu fim, nem tampouco, suas conseqüências, “o historiador do tempo presente sabe [...] que o seu papel não é o de uma chapa fotográfica que se contenta em observar fatos, ele contribui para construí-los”<sup>9</sup>, observando, ao vivo, o desenrolar de práticas de espaço, de fragmentos de narrativas que, com seus corpos e sensibilidades, constroem historicidades. Por outro lado, esta contemporaneidade com os acontecimentos e os sujeitos por ele trabalhados permite (re)formular os procedimentos metodológicos, assim como, o acesso às fontes orais da história o leva ao “encontro com seres de carne e osso que são contemporâneos daquele que lhes narra a vida”<sup>10</sup>.

Nesta escrita, procuro produzir um texto sobre as sensibilidades dos garimpeiros do caulim de Junco do Seridó a partir de suas histórias e memórias, de seus próprios corpos em movimento, leituras sensíveis que têm a lavra do desse mineral como espaço de vida e de morte. Nesse sentido, acabo sendo testemunha ocular dos acontecimentos, o que poderia (e pode) levar a um envolvimento direto com o objeto pesquisado e, dessa forma, fazer juízo de valor e limitando a visão sobre o objeto estudado e a forma como é estudado, pois, como afirma Foucault<sup>11</sup>,

é incrível quanto as pessoas gostam de julgar. Julga-se em todo lugar, continuamente. Provavelmente, para a humanidade, é uma das coisas mais simples a fazer... Não posso deixar de pensar em uma crítica que não procure criticar, mas fazer existir uma obra, uma frase, uma idéia, acenderia fogos, olharia a grama crescer, escutaria o vento e imediatamente tomaria a espuma do mar para a dispensar. Reproduziria, ao invés de juízos, sinais de vida; invocá-los-ia, arrancá-los-ia do seu sono.

Entretanto, não busco saber o certo e o errado, o verdadeiro e o falso nas entrevistas e outras fontes pesquisadas, o que se objetiva, neste trabalho, não é

<sup>8</sup> CARDOSO JR., Hélio Rebello. *Para que serve uma Subjetividade?* Foucault, tempo e corpo. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, p. 345.

<sup>9</sup> REMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução, p. 208. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos & abusos da história oral*. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

<sup>10</sup> CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista, p. 215. In: *Ibidem*.

<sup>11</sup> 1994 apud CARDOSO JR., 2005, p. 346.

crítica pela crítica, ou, uma má-fé, mas, a vida, “sinais de vida”, como disse Foucault acima, uma nova visibilidade e dizibilidade do espaço das banquetas como um posicionamento, surgido das sensibilidades produzidas e subjetivadas pelos *banqueteiros*, comunidade da pesquisa e instituições oficiais, dar a ver e a ler um trabalho duro, aliás, duríssimo, mas afetivizado por muitos que nele e dele (sobre)vivem, (trans)formando os sentimentos tristes e negativos em alegrias e positivities, pois, os que gostam desse trabalho não o trocam por outro.

Espaços, paisagens, histórias, memórias, sensibilidades, posicionamentos, subjetividades... oralidades... escrita que fala da vida, da arte de viver em um ambiente insalubre e “aterrorizante”, onde qualquer descuido pode causar uma fatalidade, mas, que despertam uma afetividade em quem (sobre)vive há muito deste trabalho. Então, só as leituras do sensível para se entender os motivos que levam esses *banqueteiros* irem trabalhar sem saber se voltam vivos para casa. Uma máxima sem ter uma premissa, ou seja, parece um fim sem ter *começos*, sem ter uma arte de (sobre)vivência neste ambiente, visto e dito pelos *banqueteiros* como aniquilador e desumano.

Buscando essa arte de (sobre)viver em um espaço, praticamente, inóspito, é que se procura fazer uma leitura das subjetividades desses trabalhadores a partir de suas histórias e memórias vividas e sentidas nas banquetas de caulim. E um dos objetos mais estudados nas últimas décadas pelos historiadores foi à memória, tanto individual quanto coletiva, ela e seus mecanismos são fundantes para a construção das subjetividades dos *banqueteiros* que busco representar nesta escrita. E, no que concerne à memória individual destes sujeitos, Fernando Catroga<sup>12</sup>, diz que ela,

[...] é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às conseqüentes alterações ocorridas no campo das *representações* do pretérito.

Como a memória individual é construída a partir de um procedimento relacional com as memórias alheias, dito de outra forma, a memória, enquanto subjetividade, a memória é construída na relação com o outro, com as coisas e com o mundo. Sendo assim, ela não pode ser tomada como a representação da

---

<sup>12</sup> CATROGA, 2001, p. 16.

coletividade, mas, apenas como uma perspectiva desse coletivo, implicando na idéia de um documento-monumento, no dizer de Le Goff<sup>13</sup>.

No entanto, para representar essa subjetivação fabricada pelos garimpeiros do caulim, foi utilizada a história oral, ou melhor dizendo, as fontes orais da história<sup>14</sup> como procedimento metodológico, buscando, por meio de narrativas de vida e de questionamentos diretos, a partir de uma linguagem “ordinária”, ler as experiências (re)vividas pelos entrevistados e as adquiridas por meio de outros nesse espaço das banquetas. Confrontando estas falas com fontes impressas, jornais, dados estatísticos fornecidos pelo Cartório local e Secretaria Municipal de Saúde, bem como relatos de representantes de instituições, tais como, a Cooperativa de Junco do Seridó.

Aliás, Junco do Seridó é o espaço da pesquisa, posto que, as banquetas se encontram dentro de seu território. A noção de espaço segue o que preconiza De Certeau<sup>15</sup>, um “lugar praticado” pelo caminhar e o falar dos homens ordinários, recheado de lembranças, entendidas como um produto da rememoração feita no presente, e de recordação<sup>16</sup>, na qual organiza essas rememorações que ficam soltas no passado. São espaços e memórias posicionais, marcados pelas aproximações e distanciamentos entre as sensibilidades aqui operacionalizadas (garimpeiros, comunidade, instituições), paisagens construídas histórica e culturalmente, cravadas pela mão do homem e que, ao mesmo tempo, deixam marcas nos corpos, por isso, “antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de lembranças quanto de estratos de rochas”<sup>17</sup>.

Banquetas... Junco do Seridó... Subjetivados e projetados nas lembranças e recordações dos entrevistados, os quais serão tratados nos capítulos adiantes. Espaços vistos não apenas como um cenário estático, mas “um conjunto de cenas que ocorrem numa dada temporalidade, forjando dadas tramas, dadas redes, dadas relações, constituindo panoramas, montando paisagens móveis, prontas a se

<sup>13</sup> Op.cit.

<sup>14</sup> Expressão cunhada por REMOND, René. Op.cit, 2005, p. 208.

<sup>15</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

<sup>16</sup> Sobre as lembranças e as recordações ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil*. In: \_\_\_\_\_ *História: a arte de inventar o passado*, Bauru-SP: EdUSC, 2007, p. 202.

<sup>17</sup> SCHAMA, 1996, p. 17.

desmanchar ao final<sup>18</sup> de cada dia, de cada banquetta explorada, de cada volta para casa e (re)construídas quando evocada à cena, emergida pelas práticas discursiva ou não<sup>19</sup>.

Nesse sentido se lê o espaço de Junco do Seridó, misturas de dimensões concretas – banquettas, a igreja, das ruas, a residência de cada um – e dimensões simbólicas, germinados pelas artes e astúcias dos homens, que definem fronteiras, estabelecem proximidades e separações, dotam-nos de certa ordem, lançando mão tanto de explicações ditas racionais quanto de fantasias, de mitos, crenças, etc.<sup>20</sup>.

O trabalho se divide em três pontos: o primeiro centraliza-se na paisagem de Junco do Seridó e nas sensibilidades construídas neste espaço; o segundo focaliza a lavra do caulim (banquettas, *banquetões* e trabalhadores) como um espaço de fronteiras, destacando as sensibilidades garimpeiras subjetivadas pelos vários sentidos do corpo; o terceiro procura-se analisar as teias subjetivas sobre o trabalho nas banquettas e os garimpeiros, a partir do diálogo entre as sensibilidades dos trabalhadores do caulim e das instituições como cooperativas, DNPM, e outros membros da comunidade.

Dessa forma, o primeiro capítulo se inicia com uma leitura de *As cidades invisíveis* de Ítalo Calvino, para se entender as cidades visíveis e as cidades sensíveis. Depois se tem a representação visível de Junco do Seridó, a partir de uma viagem imaginária onde dois sujeitos partem de direções opostas (um do sertão rumo ao litoral e outro fazendo o caminho inverso) até a cidade, descrevendo a trajetória por eles percorrida e a paisagem avistada, seguindo, com a leitura das ruas da cidade e o caminho até as banquettas do “Alto do Chorão”, espaço escolhido para a pesquisa.

Ainda no primeiro capítulo, se destaca a cidade sensível, “simbólica e concreta” de Junco do Seridó, construída pelos passos “ordinários” do pesquisador, suas lembranças e recordações, urdidas pelas passagens do presente, onde, cidade e historiador seguem os rastros do dia, partindo da aurora, passando pelo vespertino até o entardecer, numa trama em que o lugar social do historiador não é escamoteado e é tecido com os traços da história da cidade, numa visão em que “o

<sup>18</sup> ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. O Teatro da História: os espaços entre cenas e cenários, p. 82. In: \_\_\_\_\_ *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagagem, 2008.

<sup>19</sup> Idem. Ibidem.

<sup>20</sup> Idem. Ibidem.

presente não nos ajuda a retrodizer o passado, tal como ele foi, nos permite, apenas, construir uma visão dele que melhor se adéque às questões que este presente coloca”<sup>21</sup>.

O segundo capítulo se dedica ao espaço das banquetas e as sensibilidades dos garimpeiros que nelas trabalham, procurando representar como as narrativas desses sujeitos históricos (trans)figuraram o lugar da extração do caulim em espaços sensíveis, em uma paisagem portadora de lembranças, de gostos, desgostos, prazer e desprazer, subjetivadas como um ator a desempenhar o seu papel na urdidura da memória.

Um espaço construído pelas sensibilidades garimpeiras, onde a banqueta é comparada a casa, a sua residência, mas, também, é vista como um espaço de perigo constante e uma vigilância sempre alerta. São retalhos de vida e de morte costurados em um lugar praticado pelos sentidos, onde sonhos e pesadelos contracenam em uma arte de (sobre)viver nas banquetas, fabricada pela poética dos sentidos e subjetivados nos odores bons e ruins que permitem e proíbem certas práticas higienizadoras no interior da banqueta, pelos ouvidos atentos ao rachar das barreiras, o paladar a saborear o papear descontraído dos companheiros na hora das refeições e a visão e o tato unidos e cuidadosos às alterações da temperatura e a perceber as fraturas nas barreiras.

No terceiro capítulo, costurado pelo posicionamento, é o momento em que as sensibilidades dos garimpeiros da lavra do caulim, descritas em suas narrativas, serão beneficiadas por sensibilidades outras, a partir de fontes escritas e orais de personagens da localidade da pesquisa e/ou representantes das instituições de garimpeiros ou não. Buscando, dessa forma, não saber quem estar certo ou errado, mas, se as posições que eles assumem convergem e/ou colidem, se avizinham e/ou se distanciam, na construção de “uma história que não se dirige apenas a razão, a consciência, mas que dá lugar aos sentimentos, aos sentidos, as paixões, aos desejos, aos delírios...”<sup>22</sup>.

E, assim, convido-os a lavrar comigo o caulim das sensibilidades desses trabalhadores de sonho e de pó...

<sup>21</sup> ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Bicho solto: natureza, espaços e história na transição da modernidade para a pós-modernidade. Op.cit. 2008, p. 50.

<sup>22</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades*. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2011.

## Capítulo I

### ESPAÇO “EM QUE ME IDENTIFICO”<sup>23</sup>

*Inutilmente, magnânimo Kublai, tentarei descrever a cidade de Zalra dos altos bastiões. Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos pósticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado<sup>24</sup>...*

## 1 LEITURAS DE MUNDOS, LEITURAS DE TEXTOS HUMANOS

A epígrafe acima foi retirada do conto “As cidades e a memória 3”, do livro *As cidades invisíveis* de Ítalo Calvino. Neste, o autor nos apresenta os encontros entre Marco Polo e o imperador mongol Kublai Khan sobre as várias cidades pertencentes ao seu império. Nele, *Marco Polo* descreve as cidades procurando fugir de uma perspectiva racional, econômica e estática, na qual transmitiria um relato frio, distante, sem vida e emoção, olhar matemático que, a partir dos dados coletados e dos cálculos feitos, se entenderia a cidade no presente, no passado, faria uma projeção de futuro e “seria o mesmo que não dizer nada”<sup>25</sup>...

Suas narrativas das cidades, ao imperador Mongol, eram (res)significadas pelo olhar sensível, vivo e cheio de movimento, pelas sensações e cheiros, eram cidades inaladas, degustadas, tocadas e ouvidas pelos sentidos de *Marco Pólo*. Histórias carregadas de gestos, gritos, pulos, paixões e desejos, uma maneira peculiar de narrar que levava o Grande Khan a percorrer e a construir as cidades pelo pensamento, pela imaginação, pelas sensibilidades e emoções.

Desta forma, o Marco Pólo, de *As cidades invisíveis*, criava novos espaços e inventava novos mundos, “uma história que encara a aventura da invenção narrativa de mundos, de realidades, de versões possíveis e mutáveis para os acontecimentos

<sup>23</sup> Título retirado de: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *No Espaço em que me Centro, em que me Identifico*: sobre identidade e região. Disponível em:

[www.cchla.ufm.br/ppch/docentes/durval/index2.htm](http://www.cchla.ufm.br/ppch/docentes/durval/index2.htm). Acesso em: 17/04/2011.

<sup>24</sup> CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. 2.ed. 9.Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>25</sup> Id. 2008, p. 14.

e para os tempos<sup>26</sup>. Suas descrições dão a ler de que a cidade não é feita, apenas, de prédios e fachadas, de linhas e curvas arquitetônicas, geométricas e geográficas, mas, principalmente, de vida, de desejos ocultos e abertos, de paixões escondidas e declaradas, das relações entre as pessoas, seu espaço e seu passado.

Assim, o livro *As cidades invisíveis* de Ítalo Calvino, nos sensibiliza que não se pode ler a cidade, somente, por um único viés cartesiano, racional. Nesse sentido, essa literatura ficcional é representativa para as narrativas do sensível que se pretende fabricar sobre o Junco do Seridó, e, principalmente, sobre os garimpeiros do caulim e suas vivências nas banquetas, muito embora, deva-se ressaltar que, querendo ou não, enveredaremos “pelas passagens labirínticas dos começos”<sup>27</sup> da construção do município.

Todavia, andar pelo dédalo dos começos é mais um informativo com relação ao povoamento inicial do município e aos primeiros relatos de atividade mineradora do que procurar uma origem, uma identidade fixa, um ponto singular, homogêneo e comum para Junco do Seridó. Mesmo porque, como já foi pensado por Foucault<sup>28</sup>, a busca pela “origem”, pelos começos, leva ao encontro da complexidade, do heterogêneo, da alteridade, da não identidade, uma miríade de acontecimentos dispersos e incompletos<sup>29</sup>.

A cidade-história. Envolvendo-se pelas artimanhas dos começos, o povoamento do município de Junco do Seridó teve início no final do século XIX, na fazenda “Unha de Gato”, que ficava localizada a um quilômetro da atual sede do município, de propriedade da família Balduino Guedes<sup>30</sup>. Dedicando-se à agricultura e à pecuária, o lugar prosperou como centro de paragem para os tropeiros e boiadeiros que se deslocavam do sertão ao litoral e os que perfaziam o caminho inverso, como se pode observar no mapa 1 das rotas desses personagens no estado Paraíba.

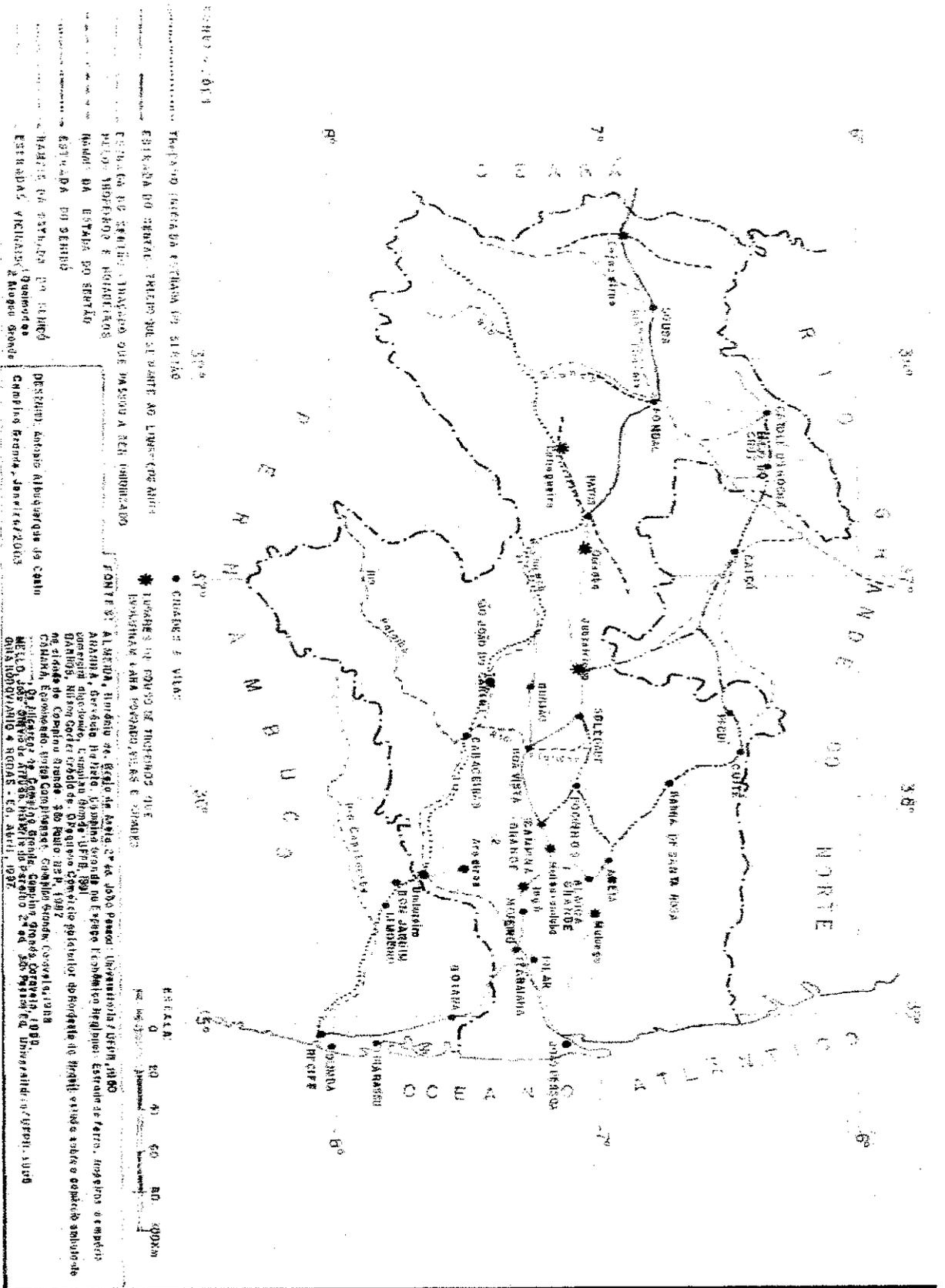
<sup>26</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *História: A arte de inventar o passado*. Bauru-SP: EdUSC, 2007, p. 91.

<sup>27</sup> GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memórias e práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá-MT: Carlini&Caniato;EdUFMT, 2006, p. 21.

<sup>28</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org., Trad. e revisão técnica de Roberto Machado. 28. Reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

<sup>29</sup> ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008, p. 47.

<sup>30</sup> Essa família é tida pela população da cidade como os “fundadores” de Junco do Seridó.



Mapa 1 – Caminho dos tropeiros e boiadeiros no estado da Paraíba  
 Fonte: Antonio Albuquerque da Costa, 2009, slides de aula.



“Unha de Gato”. Parte da anatomia felina que permanece escondida, sendo mostrada quando para se defender ou atacar. A unha do gato tem a forma curvada, de uma curvatura, talvez, seja por isso a peculiaridade do nome da fazenda, pois a mesma se encontrava em uma curva muito fechada dando a impressão de uma unha. O mapa 1, acima, demonstra que a propriedade entrava no caminho dos tropeiros e no caminho do gado, pois, na “unha de gato” próxima ao Rio Grande do Norte e após a cidade de Juazeirinho, onde se observa, no mapa, as letras “JUAZE”, era a localização da fazenda que, além dos viajantes paraibanos, recebia “peregrinos” do estado vizinho também.

O “progresso” advindo pela passagem dos caixeiros-viajantes, pelas tropas de homens e de burros e pelo transporte da boiada exigiu que novos trabalhadores fossem contratados, ao mesmo tempo, ele proporcionou as pessoas circunvizinhas da propriedade e a alguns desses caixeiros e tropeiros<sup>31</sup> estabelecerem moradas no lugar<sup>32</sup>, com isso, as novas sensibilidades geográficas (trans)formaram a fazenda em povoado e, assim, outros espaços<sup>33</sup> próximos para habitar foram cartografados, levando, dessa forma, a construção de casas onde é a sede atual do município<sup>34</sup>.

Este novo espaço manteve a “tradição” de pousada para os caminhantes, auxiliando no crescimento econômico da localidade e proporcionando a Junco do Seridó se tornar cidade, ocorrendo sua emancipação política no ano de Sessenta e Um do século passado (1961)<sup>35</sup>. Sendo assim, “Unha de Gato” prosperou, mostrou suas “garras” e a pequena fazenda possibilitou a construção da pequena em território, mas, grande sentimentalmente, pelos menos para o autor desta pesquisa, Junco do Seridó...

Então, dos primeiros traços de formação social do lugar até o espaço hoje, o município se destacou pela produção agrícola e pecuária extensiva, todavia, estas atividades foram entrecortadas, especialmente nos períodos prolongados de seca, pela atividade mineradora, a qual, a partir da última década do século XX e primeira

<sup>31</sup> Segundo relatos da comunidade, muitas famílias se formaram com a união desses viajantes e pessoas que viviam na localidade. Sendo um dos fatores para isto a localização central do povoado.

<sup>32</sup> A noção de lugar é inspirada em Certeau: “[...] é a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência, não podendo duas coisas ou corpos ocuparem o mesmo lugar. É um posicionamento e uma estabilidade”. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

<sup>33</sup> Ibidem, 2004: “[...] é produzido pelos movimentos que nele se desdobram. É um lugar praticado...”.

<sup>34</sup> Cf.: PRODER (Programa de desenvolvimento de emprego e renda). *Diagnóstico Sócio-Econômico de Junco do Seridó-PB*. João Pessoa: SEBRAE-PB, 1997.

<sup>35</sup> Ibidem, 1997.

década do século XXI, vem se destacando na geração de emprego e renda em Junco do Seridó, principalmente, devido à produção do caulim.

Portanto, neste capítulo, se fará uma leitura da cidade de Junco do Seridó, não somente pelo viés de seus prédios e casas, o traçado urbanísticos de suas ruas, os limites geográficos de seu território e sua topografia, mas, principalmente, pelas cartografias sensíveis construídas na cidade e sobre a mesma. Sensibilidades fabricadas pela criança na aurora de sua vida, (res)significadas pelo jovem no vespertino das horas, lembradas e representadas pelo adulto no entardecer do dia vivido e revivido neste espaço, onde, sonhos e pesadelos, alegrias e tristezas, vitórias e derrotas são subjetivadas racional e emocionalmente, possibilitando a leitura deste espaço, gravado nos ângulos das ruas, nas pedras de calçamento e nos campinhos de futebol, como uma territorialidade<sup>36</sup> construída historicamente.

## 2 " ... DIA DE SOL PAREI, NO JUNCO DO SERIDÓ... "37

*Junco do Seridó  
Chama viva da nação<sup>38</sup>  
Planalto da Borborema  
És rico em mineração  
Tuas rochas cristalinas  
Teu povo ordeiro e de bom coração  
Berço da tranquilidade  
Que felicidade morar neste chão...  
(Refrão do Hino Oficial de Junco do Seridó-PB).*

## OS PASSOS ATÉ A CIDADE

Este capítulo seguirá pelos traçados matemáticos e sensíveis de Junco do Seridó, conforme dito anteriormente. Linhas objetivas e subjetivas usadas na tessitura de um texto que almeja pela escrita das sensibilidades. Dessa forma, na trama entre a frieza dos números e o calor das emoções, semelhante à sensação atmosférica do semiárido nordestino, se inicia esta fala com um exercício de

<sup>36</sup> "Identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias..." In: MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru-SP: EDUSC, 2002, p. 35.

<sup>37</sup> Título retirado da música Junco do Seridó. Disco *Estradas*. Paulo Diniz, EMI-Odeon, 1976.

<sup>38</sup> O termo nação referido na letra do Hino Oficial de Junco do Seridó, está relacionado ao país Brasil.

imaginação, no qual, duas pessoas, que após lerem nos jornais<sup>39</sup> sobre as mortes causadas por desabamentos em banquetas<sup>40</sup> de caulim no município, resolveram conhecer o que eram essas banquetas e porque mereceram destaque na mídia estadual.

A cidade visível. Inicialmente, os dois viajantes procuraram informações sobre a cidade de Junco do Seridó e como chegar até ela. Então, de posse dessas instruções e do mapa das sub-regiões da Paraíba (figura 2), verificaram que a cidade está localizada, geograficamente, no extremo ocidental do planalto da Borborema<sup>41</sup>, microrregião do Seridó Ocidental Nordestino e na região mineradora denominada Província Pegmatítica Borborema-Seridó<sup>42</sup>, a qual abrange os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte<sup>43</sup>

<sup>39</sup> Para as mortes, ver matéria no portal Paraíba1. Disponível em:

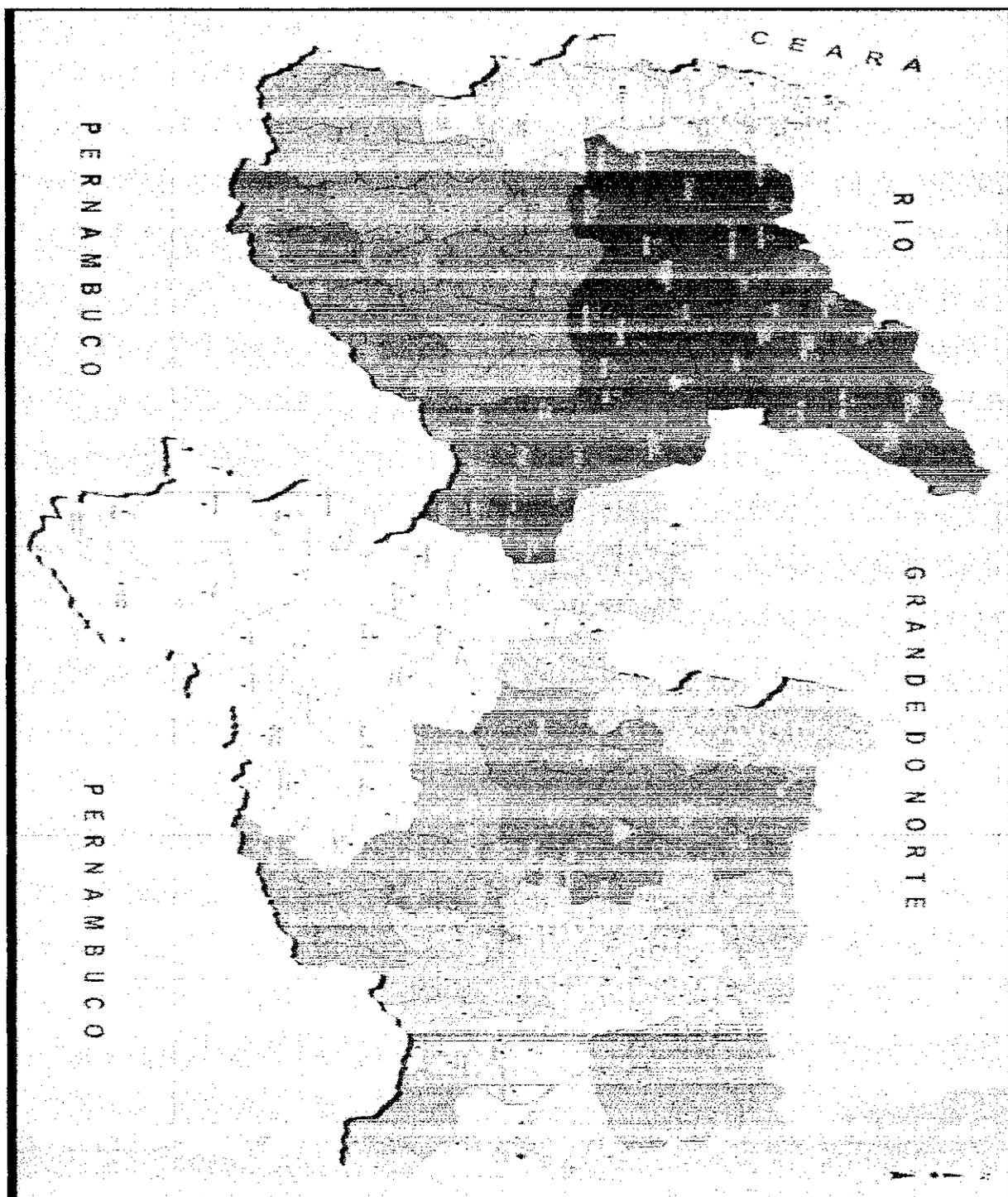
[http://www.paraiba1.com.br/Noticia/52474\\_mineradores-morrem-soterrados-no-serido-sao-4-mortes-em-um-mes.htm](http://www.paraiba1.com.br/Noticia/52474_mineradores-morrem-soterrados-no-serido-sao-4-mortes-em-um-mes.htm). Acesso em: 02 dez. 2010

<sup>40</sup> Banqueta significa: Escavação mais ou menos profunda, conforme a natureza do terreno, para mineração. No jargão local, são jazidas de caulim cavadas manualmente, em sentido vertical ou horizontal, as quais podem ter dezenas de metros, sem qualquer proteção, seja nas paredes ou no teto. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. 3.ed., 1ª. Imp. revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Edição eletrônica autorizada a POSITIVO INFORMÁTICA LTDA. ©2004 by Regis Ltda.

<sup>41</sup> LUZ, 2003, *passim*. Disponível em: [http://www.cetem.gov.br/publicacao/series\\_srmi/srmi-09.pdf](http://www.cetem.gov.br/publicacao/series_srmi/srmi-09.pdf). Acesso em: 1º set. 2009.

<sup>42</sup> Segundo FORTES, 1994, p. 7, essa denominação foi sugerida por Rodrigues da Silva e Dantas (1984) e “abrange uma faixa na fronteira dos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte...” In: FORTE, José Filgueira. *Cooperativas de pequenos mineradores: a experiência nos garimpos de pegmatitos do nordeste*, 1994, 150f. Dissertação (Mestrado em Geociências). Área de Administração e Política de Recursos Minerais – Instituto de Geociências, Campinas-SP, 1994.

<sup>43</sup> Os municípios desta área são: Junco do Seridó, Salgadinho, Taperoá, Juazeirinho, Cubati, São Vicente do Seridó, Pedra Lavrada, Nova Palmeira, Picuí e Frei Martinho, no estado da Paraíba. No estado do Rio Grande do Norte: Equador, Santana, Jardim do Seridó, Parelhas, Acará e Carnaúba dos Dantas. FORTES, 1994, p. 7.



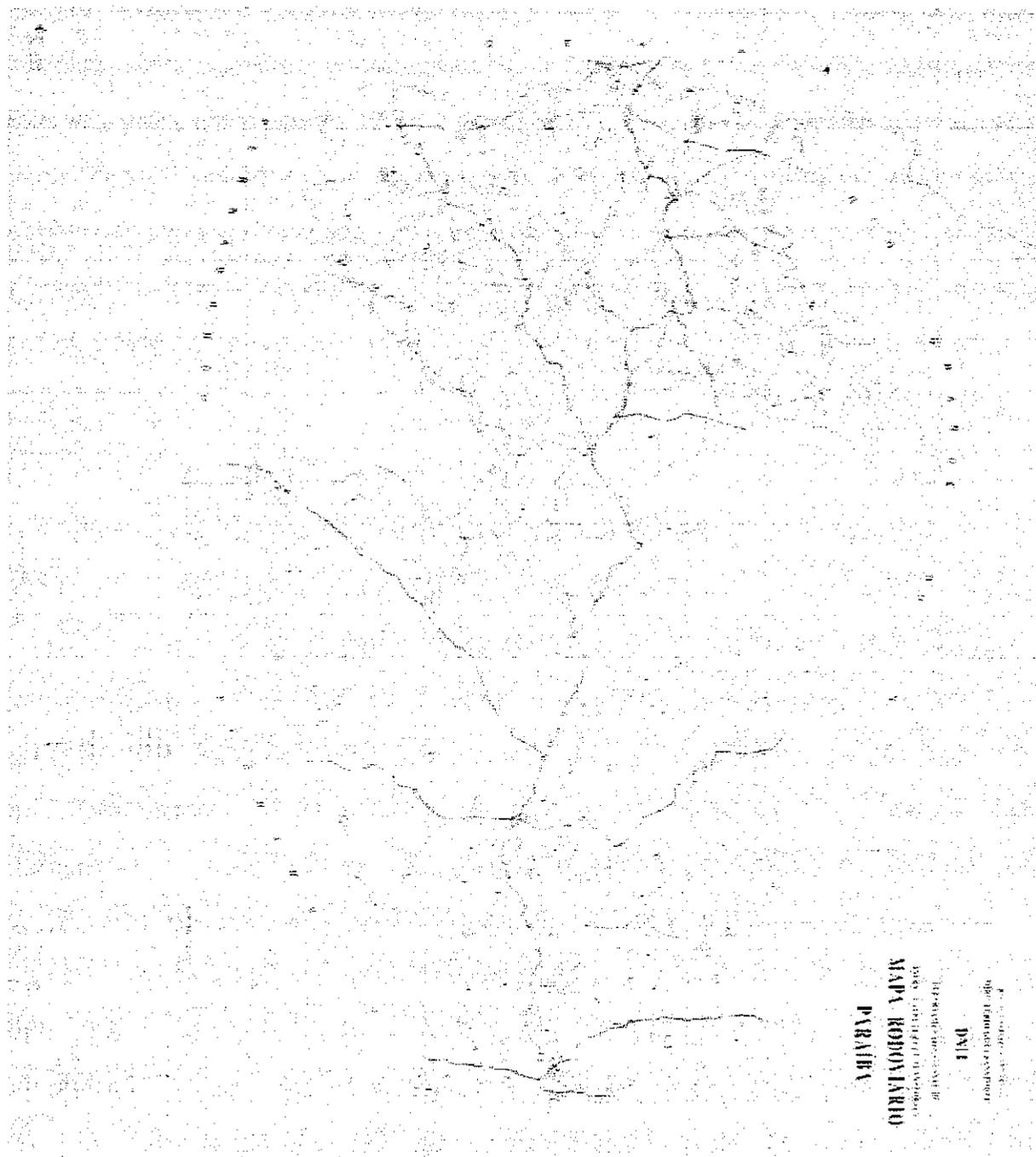
Mapa 2 – Mapa da Paraíba com a localização dos municípios.

Fonte: <[http://3.bp.blogspot.com/\\_X0Cp91wEoCY/Tdovwz5iLUU/AAAAAAAAAJ0/NbncMIMBCmAA/s1600/Goerno%2Bdo%2BEstado%2B%25-%2BMapa%2B1%2Bbanner%2B300%2Bx%2B170.png](http://3.bp.blogspot.com/_X0Cp91wEoCY/Tdovwz5iLUU/AAAAAAAAAJ0/NbncMIMBCmAA/s1600/Goerno%2Bdo%2BEstado%2B%25-%2BMapa%2B1%2Bbanner%2B300%2Bx%2B170.png)>

<[http://3.bp.blogspot.com/\\_X0Cp91wEoCY/Tdovwz5iLUU/AAAAAAAAAJ0/NbncMIMBCmAA/s1600/Goerno%2Bdo%2BEstado%2B%25-%2BMapa%2B1%2Bbanner%2B300%2Bx%2B170.png](http://3.bp.blogspot.com/_X0Cp91wEoCY/Tdovwz5iLUU/AAAAAAAAAJ0/NbncMIMBCmAA/s1600/Goerno%2Bdo%2BEstado%2B%25-%2BMapa%2B1%2Bbanner%2B300%2Bx%2B170.png)>. Acesso em: 21/07/2011.

Em seguida, observaram o mapa rodoviário do estado da Paraíba, conforme figura 3 abaixo, e analisaram que o melhor caminho é pela BR 230, então, com

estas informações, resolveram seguir por ela, mas, partindo de direções opostas para examinarem quais cidades passariam até chegarem ao destino traçado. Saliendo que o mapa acima dá uma dimensão da localização territorial do município no estado da Paraíba e o mapa da figura 3, abaixo, a trajetória da BR 230 em todo o Estado.



Mapa 3 – Mapa Rodoviário do estado da Paraíba.

Fonte: <[http://dss.ufcg.edu.br/~nigini/maps/Paraiba\\_Treveled\\_Medium.jpg](http://dss.ufcg.edu.br/~nigini/maps/Paraiba_Treveled_Medium.jpg)>. Acesso: 21/07/2011.

O primeiro viajante chamado, ficticiamente, de *Punctum*<sup>44</sup>, saiu do alto sertão até a cidade de Patos<sup>45</sup>, que era o ponto de referência dele por ser a maior cidade do sertão, onde examinou mais uma vez o mapa rodoviário, partindo logo depois, na direção do Nascente. Alguns quilômetros à frente avistou, um pouco distante da BR e ao lado esquerdo, a cidade de São Mamede... E... Seguindo viagem, cortou a cidade de Santa Luzia, no vale do Sabugi, e continuou a andar, subindo uma cadeia de serras íngremes, com curvas irregulares e traiçoeiras. Após romper a “Serra de Santa Luzia”, como é denominada essa cadeia montanhosa, na divisa, política, dos municípios de Junco do Seridó e Santa Luzia ele sente o ar se tornar mais frio. Este alerta sensorial do corpo ocorre porque ele está transpondo o domínio do Sertão paraibano, que possui um clima mais quente, para o Seridó, onde o clima é mais ameno.

Sempre em direção ao oriente, *Punctum* passa pelo Posto Fiscal e o “trevo” que dá acesso para a vizinha cidade de Equador<sup>46</sup>, no Rio Grande do Norte. Continuando sua trajetória, vendo uma empresa de beneficiamento de caulim, do lado direito, percebe que está chegando ao seu destino. À sua frente, nas proximidades do quilômetro 263, ele vê a rodovia passar por entre dois paredões de rochas e vizinhos a esta, do lado esquerdo, a Serra do Brennand<sup>47</sup>.

Depois de ultrapassar o “corte”, como nós juncoenses<sup>48</sup> chamamos essa parte em que a BR corta o prolongamento do planalto, na crista da ladeira e aos “pés” da serra do Brennand, *Punctum* tem uma visão de, praticamente, todo perímetro urbano de Junco do Seridó, uma imagem privilegiada da paisagem enquanto produção humana, posto que, a elevação deste cume é maior do que a dos outros.

Ao transpor o corte, ele é arremessado para baixo até as lombadas, que possuem o efeito de diminuir a velocidade como se dissessem “vai devagar e observa o que está a sua volta”. Nestas lombadas, ele se depara com a venda da

---

<sup>44</sup> “[...] o punctum incide sobre as emoções, sobre aquilo que nos toca na relação sensível do eu com o mundo, refere-se ao que emociona, ao que passa pela experiência, pelas sensações. O punctum, opera como uma ferida, é algo que nos atinge profundamente e frente ao qual não ficamos indiferentes...” PESAVENTO, 2007, p. 13.

<sup>45</sup> Patos é a maior cidade do sertão paraibano e a quarta maior, em termos populacionais, da Paraíba. IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

<sup>46</sup> A cidade de Equador também faz parte da Província pegmatítica Seridó-Borborema. CETEM, 2003, passim.

<sup>47</sup> Recebeu este nome porque os donos do local eram da família Brennand, vindos do estado de Pernambuco.

<sup>48</sup> Gentílico dos habitantes da cidade.

castanha do caju e, um pouco mais a frente, o comércio de pedras ornamentais, até se ver defronte ao único posto de combustível da cidade, do seu lado esquerdo, e, ao lado direito dele, a entrada principal de Junco do Seridó. Então... *Punctum* resolve parar no restaurante, vizinho ao posto de combustível, e aguardar *Studium* que está em trânsito.

O segundo viajante, *Studium*<sup>49</sup>, partiu do litoral em direção ao sertão. Parou em Campina Grande<sup>50</sup>, no compartimento da Borborema, para verificar, no mapa rodoviário, se estava no trajeto correto. Depois de ter deixado Campina, passa pelas duas próximas cidades antes de Junco do Seridó, Soledade e Juazeirinho. Seguindo em direção ao Poente, ele atravessa a linha férrea, avista ao lado direito da rodovia, uma filial da CAULISA<sup>51</sup>, localizada no distrito Barra, pertencente ao município de Juazeirinho e, mais adiante, do lado esquerdo, tem a entrada que dá para as cidades de Assunção e Taperoá, onde ele enxerga o caulim exposto na natureza.

Mas, como o seu destino é Junco do Seridó, *Studium* segue rumo ao ocidente, sempre na BR 230. Percorrendo mais uns dez quilômetros, ele verifica na placa, à margem da rodovia, a divisa, política, dos municípios de Assunção e Junco do Seridó, surgindo, em seguida, uma curva suntuosa à esquerda e outra à direita, para, andando mais um pouco, descer uma ladeira na qual, ao lado direito, no alto da serra, pôde notar a capela de Nossa Senhora do Livramento<sup>52</sup> e, avante, outra curva saliente à direita com uma subida íngreme, que, depois de terminá-la, passando o quilômetro 260 da BR 230, no cimo da ladeira, no alto da serra do Cruzeiro<sup>53</sup>, surge Junco do Seridó.

Na descida da vertente, *Studium* vê as pedras ornamentais expostas para a venda na margem esquerda dele, um dos produtos mais comercializados na e pela cidade, uma serraria de pedras e os muros das casas voltados para a rodovia; ao

<sup>49</sup> “[...] O *studium* pertence ao campo do saber e da cultura, reenvia ao conjunto de informações e de referências que constitui nossa bagagem de conhecimento adquirido sobre o mundo e que nos permite buscar as razões e as intenções das práticas sociais e das representações construídas sobre a realidade. O *studium* é dedutivo e explicativo da realidade...” PESAVENTO, 2007, p. 13.

<sup>50</sup> Escolhi Campina Grande, por ser a maior cidade do interior paraibano e centro de referência (economia, saúde, educação, etc.) para o Junco do Seridó.

<sup>51</sup> Empresa de caulim de porte médio e cuja matriz é na cidade de Campina Grande-PB.

<sup>52</sup> De acordo com depoimentos orais, a capela foi erguida porque no local ocorriam muitos acidentes, sendo a maioria fatal. Reza a lenda que os motoristas ao passarem por ali, em determinada hora da noite, avistavam como se fosse uma pessoa andando no meio da rodovia e ao tentarem desviar acabavam se acidentando. Depois de muitos desastres automobilísticos, uma senhora que morava nas proximidades sonhou com uma pessoa dizendo que tinha de construir uma capela e celebrar missas.

<sup>53</sup> Conforme os relatos orais, o cruzeiro teria sido erguido na década de 1960, pelo senhor José Simões de Medeiros.

lado direito, logo no início da inclinação, há uma sucata de carros velhos, seguida de residências com a frente para a BR. Caso queira parar o veículo e contemplar a paisagem, verá majestosa e imponente a Serra do Brennand<sup>54</sup>, uma continuação do Planalto da Borborema.

Chegando à cidade, na lombada, o viajante-observador, se depara com os vendedores da castanha do caju, que atuam neste lugar quase o ano todo e, defronte a estes na margem esquerda, a entrada principal da cidade e, na margem direita, o posto de combustível, precedido por uma churrascaria e seguido de um restaurante. Neste, ele vê *Punctum* com o carro estacionado esperando-o, pois, de Campina Grande ao Junco do Seridó são cem (100) quilômetros a percorrer, já de Patos, a distância é um pouco menor, apenas oitenta (80) quilômetros.

Imaginemos, também, que essas duas personagens fictícias atravessassem a cidade sem fixar a atenção e se não viessem com o propósito definido de conhecer a extração caulínica, o que *Puctum*, as emoções e as sensibilidades, e *Studium*, o saber e a dedução, poderiam observar dos seus respectivos veículos ao passar pela BR 230? Bem... Eles, do alto das ladeiras, observariam uma cidade pequena, sem grandes prédios comerciais e/ou residenciais, uma arquitetura que possa chamar a atenção ao longe, com exceção da estrutura da nova Igreja Matriz de Santo Onofre.

Nos morros cristalinos, as serras, eles as veriam com um tom esverdeado das árvores e dos arbustos que fazem parte do Planalto da Borborema, no período chuvoso, e uma coloração acinzentada na seca. Imagens representativa do domínio da Caatinga, que no idioma Tupi significa "Mata Branca", justamente pela perda estratégica das folhas da vegetação nos períodos de seca, pois, sem folhas, as plantas e os arbustos reduzem a superfície de evaporação quando falta água e dão esse tom cinza a paisagem.

Seguindo a viagem, os caminhantes atentariam para o mato ralo às margens de, praticamente, toda a extensão da BR 230 e, quase, todas as ruas ao lado da rodovia sem calçamentos. Como também, não poderiam deixar de perceber, já demonstrado, os vendedores da castanha de caju e os de pedras ornamentais, duas das três fontes de renda de boa parte dos juncoenses, acrescento o caulim junto a elas.

---

<sup>54</sup> Faz parte da "Serra da Borborema com cotas que chegam até 880 metros. As cotas variam entre 650 e 880 metros". MASCARENHAS, João de Castro et. al (Org.). *Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea: Diagnóstico do município de Junco do Seridó-PB*. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005, p. 4.

Pois bem! Esta é uma quimera, uma viagem hipotética, contudo, “as histórias mais verdadeiras são as que parecem inventadas, e por isso a história é invenção de versões plausíveis de nossa trajetória no tempo”<sup>55</sup>, isto porque algo semelhante ocorreu na década de 1970, quando o cantor e compositor pernambucano Paulo Diniz<sup>56</sup>, caminhando pelos sertões nordestinos em busca de inspiração para escrever suas canções, parou em Junco do Seridó, encontrou uma garota e foi conversar com a mesma, após esse diálogo, ele compôs *Junco do Seridó*<sup>57</sup> em “homenagem” à cidade e à menina<sup>58</sup>. Esta música, de sua autoria juntamente com Juhareiz Correya, está no disco *Estradas* de 1976, fruto de suas andanças, cuja letra<sup>59</sup> transcrevo a seguir:

Andarilhei, nas terras do meu sertão,  
E caminhando sempre, e caminhando só,  
Dia de sol parei, no Junco do Seridó (2x).  
Querendo ir, querendo andar,  
Querendo passar e andar,  
Sem nem olhar, sem nem sorrir, sem nem falar...  
Com a menina, que queria outra vida,  
Pensando na sorte, tão distante, tão perdida,  
Que tristeza que ela está, tristeza de fazer dó,  
Sem querer se enterrar, no Junco do Seridó.

O Marco Polo de Ítalo Calvino, já acima enunciado, alerta o Grande Khan de que tiramos proveito da cidade a partir das perguntas que se faz a ela. A “homenagem” prestada por Paulo Diniz, em forma de música, está mais para um “Cavalo de Tróia”, um presente de grego, visto que a sua mirada, para o Junco do Seridó, transparece um olhar blasé, de alguém que quer passar, andar, mas, não quer olhar, sorrir ou falar com ninguém daquele espaço, um olhar que viu a cidade como sendo um lugar sem alegria, sem vida, sinônimo de atraso e tristeza, onde as pessoas não queriam nem sequer serem enterradas neste chão.

Uma visada homogeneizante, uma dada visão que cria estereótipos<sup>60</sup>, pois, “se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras”<sup>61</sup>, e a canção, a

<sup>55</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *História: A arte de inventar o passado*. EDUSC, p. 93.

<sup>56</sup> Cf.: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\\_diniz\\_%28cantor%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_diniz_%28cantor%29)>. Acesso em: 21 jul. 2011.

<sup>57</sup> Cf.: <<http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/paulo-diniz/estradas-2>>. Acesso em: 21 jul. 2011.

<sup>58</sup> Segundo relato dos que vivenciaram o acontecimento. Eles, também, informaram que a menina referida na música ainda vive na cidade. Tentei uma aproximação com a mesma, mas, devido a problemas de saúde, a família não permitiu entrevistá-la.

<sup>59</sup> Transcrição livre feita por mim.

<sup>60</sup> Sobre o discurso da estereotipia, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2.ed. Recife-PE: FJN, Ed. Massangana; São Paulo-SP: Cortez, 2001, p. 20.

música, tem essa força de se fixar na memória e criar estereótipos, pois aguça nossa sensibilidade e, por isso, “escutar uma canção que se refere a uma cidade implica operações imaginárias de sentido”<sup>62</sup>.

Neste caso, poucas, simples e, a meu ver, depreciantes palavras para um intérprete e compositor que se notabilizou por musicar poemas de grandes nomes da nossa literatura, como, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, José, e Manuel Bandeira, *Vou-me embora pra Passargadá*<sup>63</sup>, mas, que deixaram marcas na cidade como um espaço onde, para serem felizes, as pessoas teriam que deixá-lo, buscando em espaços diferentes outra vida, outras oportunidades de alteração do seu *status quo*, pois, só assim, se teria a sorte e a felicidade desejada e “tão distante, tão perdida”.

Uma postura em relação a Junco do Seridó semelhante a que os “sulistas” tinham (ou tem?) sobre o Nordeste<sup>64</sup>, uma terra da miséria, da tristeza, da desesperança, onde o sol queima a vida, fruto de um olhar centrado na paisagem seca, enunciados repetidos e, muitas vezes, “subjetivados por quem é estereotipado”<sup>65</sup>. E, nesse sentido, a cidade, assim como outras do sertão nordestino, via seus filhos saírem para São Paulo e Rio de Janeiro em busca de trabalho, muitas vezes, pior do que tinha neste espaço.

Situação que não acabou, mas, nos últimos vinte anos, houve uma grande redução neste fluxo migratório, tendo como um dos motivos a produção mineralógica de Junco do Seridó, especialmente, do caulim, pois, a renda constituída por essa atividade promoveu aos “filhos” deste espaço permanecer aqui e sonharem com dias melhores, onde, inclusive, muitos conseguiram realizá-los com ganhos materiais e pessoais, mesmo, que este trabalho seja em baquetas de caulim e às quais *Punctum e Studium* irão visitá-las nas linhas a seguir.

## ANDANÇAS PELA CIDADE ATÉ ÀS BANQUETAS

---

<sup>61</sup> ALBUQUQUE JÚNIOR. Op.cit., 2001, p. 20.

<sup>62</sup> PESAVENTO, 2007, p. 20.

<sup>63</sup> Cf.: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\\_diniz\\_%28cantor%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_diniz_%28cantor%29)>. Acesso em: 21 jul. 2011.

<sup>64</sup> Cf.: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, 2001, 340p. Neste livro o autor discute sobre os vários discursos que gestaram a região e o povo nordestino.

<sup>65</sup> *Ibidem*, 2001, p. 20.

Os viajantes fictícios se encontraram no restaurante às margens da BR 230, como tinham o propósito de conhecer as banquetas, procuraram informação sobre a extração do caulim e como chegar até lá. Escutaram que o município é rodeado por banquetas, mas, a mais próxima, foi apontada a eles, é a que se localiza no “Alto do Chorão”<sup>66</sup> (figura 1), aproximadamente, cinco quilômetros no sentido Sul... Sendo assim, resolveram ir visitá-la.



Figura 1 – Vista dos decantamentos de caulim (plano mais abaixo) e das banquetas do “Alto do Chorão” (na parte superior).

Fonte: Inairan C. Cunha, 2008.

As banquetas do “Alto do Chorão” podem ser vistas em, praticamente, toda a extensão da BR 230, já os decantamentos<sup>67</sup>, só na subida da ladeira, sentido sertão-litoral, onde, justamente, foi tirada a fotografia acima utilizada e, por isso, eles podem ser notados. Esta imagem tem por objetivo servir de parâmetro da produção de caulim em nosso município e da localização da extração procurada por nossos exploradores, onde, as mesmas, podem ser percebidas como um corredor entre a mata partindo do alto da serra até o clarão embaixo e após as empresas de beneficiamento, em destaque no primeiro plano da fotografia.

<sup>66</sup> “Em seus primórdios, o município se chamava Chorão, em função do rio homônimo, que presenciou a expansão da zona urbana, nele há afloramentos rochosos de quartzitos em seu percurso e na época chuva parecem chorar” ALMEIDA; RAMOS; DINIZ, 2010, p. 3-4.

<sup>67</sup> Também conhecidos como empresas de beneficiamento do caulim.

Após enxergarem o embranquecido na mata de longe, os nossos observadores resolveram seguir para lá. Então, eles pegaram a Rua Epitácio Pessoa, entrada principal da cidade, a qual “deságua” em frente ao prédio da Delegacia de Polícia, no cruzamento, pegando a esquerda vai para “rua de cima”, onde se encontra a Escola Estadual, os Correios, um posto de atendimento de um banco privado, a única praça da cidade, o Cartório único, mercado e açougue público e alguns pontos comerciais.

Mas como informado, seguiram à direita pela Avenida Balduino Guedes, que atravessa a cidade em toda sua extensão de leste a oeste, passando pela Prefeitura Municipal, vendo um pouco mais a frente, ao lado esquerdo, a Biblioteca Municipal e a Secretaria de Educação, que estão conjugados no mesmo local, vizinho a Secretaria de Assistência Social e ao Clube Municipal.

Ao lado direito, observaram o prédio da Escola Municipal Santo Onofre, onde foram indicados a seguir pela esquerda, na rua que passa entre o Clube Municipal e a quadra de esportes e pegar a estrada por trás desta. Foi o que fizeram... Transpondo a passagem-molhada sobre o rio “Chorão”, ou o que resta dele, subiram uma ladeira cercada por aveloz, com uma curva à direita que, ao contorná-la, enxergaram o “lixão” à esquerda, uma imagem não muito agradável para se ver e sentir.

Prosseguindo a viagem, sem parar, depois da “curva do lixão” à direita, seguiram em frente e depararam com três decantamentos de médio porte para os padrões locais, dois ao lado deles na estrada e um à esquerda no alto, são os beneficiamentos mostrados pela foto. Neste momento, se faz necessário a presença de um guia, qualquer pessoa que conheça a região, pois existem muitas entradas e muitas banquetas desativadas e o andarilho incauto ou que não conheça a região pode se acidentar, sendo, muitas vezes, um acidente fatal para ele devido à profundidade que são escavados essas banquetas.

Com a ajuda de um guia local, eles pegaram à esquerda, no beneficiamento ao alto, e andaram mais uns dois a três quilômetros por entre a caatinga, a mata rasteira, as juremas, os marmeleiros da caatinga<sup>68</sup> e os xiquexiques iam dando as

<sup>68</sup> “*Croton sonderianus* Muell. Arg. (marmeleiro) é uma espécie de porte arbustivo-arbóreo pertencente à família Euphorbiaceae, com ampla ocorrência nas diversas tipologias do bioma Caatinga, sendo considerada uma espécie pioneira com significativa importância melífera e farmacológica” SANTANA, José Augusto da S. *Padrão de distribuição e estrutura diamétrica de croton sonderianus muell. arg. (marmeleiro) na caatinga da estação ecológica do Seridó*. Revista

boas vindas até a extração do “Alto do Chorão”, já mostrada anteriormente, onde puderam fazer suas pesquisas e vislumbrar um belo cenário de Junco do Seridó, como pode ser observado na figura 2 abaixo.



Figura 2 – Junco do Seridó visto do “Alto do Chorão”.  
Fonte: Inairan C. Cunha, 2011.

A foto acima foi tirada do “Alto do Chorão”, nela se pode observar a cidade de Junco do Seridó no plano mais abaixo, com destaque para o novo edifício da Igreja Matriz de Santo Onofre, à direita no enquadramento final, e o prédio do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), ao centro, de cor esverdeada, onde, à sua frente, passa a BR 230 cortando a cidade transversalmente.

Mesmo estando um pouco distante, podemos notar a paisagem de Junco do Seridó, onde se percebe que existe uma quantidade de árvores nas suas ruas, a BR 230 entrecortando-a, separando a cidade em duas, mas que forma um todo. Contudo, esta é uma escrita que não procura e nem propõe um olhar arrogante, blasé, muitos menos visa, tão somente, a geometria das ruas, a arquitetura dos prédios e das casas, a geografia e a topologia da paisagem, um olhar racional, o qual, de certa forma, vem sendo tratado até agora.

Não se deseja apenas compor um cenário, mas montar as cenas, as tramas, as historicidades dos sujeitos, pois, seguindo os rastros de Durval Muniz<sup>69</sup>, “o

Verde, v.4, n.3, Mossoró–RN, julho/setembro de 2009. Disponível em:  
<<http://revista.gvaa.com.br>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

<sup>69</sup> ALBUQUERQUE JR., 2008, 82.

cenário vem à cena, vem com a cena, emerge das práticas discursivas e não-discursivas que o fazem fazer sentido, representar". Nesse sentido, como preconiza Certeau<sup>70</sup>, pelo ato de caminhar o passante se apropria da topografia da cidade e esta posse inicial buscou uma descrição objetiva de como chegar até a cidade, ou seja, o que ver, se não estiver muito atento, dos contornos das ruas, das localizações dos prédios públicos e das banquetas, como forma de situar o leitor que não conhece este espaço chamado Junco do Seridó...

Todavia, mesmo não negligenciando este aspecto racionalizante do lugar praticado<sup>71</sup>, esta escrita, ou melhor, esta escritura<sup>72</sup> é sobre o espaço de vida e vivido tanto dos observados quanto do observador, das práticas de seus habitantes, do movimento dos "praticantes ordinários"<sup>73</sup>, no dizer de Michel de Certeau, do habitar das pessoas que constroem esta cidade e cujos corpos obedecem e burlam os traçados urbanísticos, é uma história que, como diz Durval Muniz, "não olhe apenas para o alto, para as coisas celestiais, para o grande, [...], (mas), que tenha olhos para o ordinário, o cotidiano, o sem-nobreza, o sem-riqueza..."<sup>74</sup>.

Portanto, falar de Junco do Seridó é narrar o espaço de um historiador que vive e faz desta cidade um lugar praticado, um "universo" de vida, e, por isso, não pode escamotear o seu lugar social<sup>75</sup>, pois, "para fazer história não é necessário se afastar do mundo, das coisas, das pessoas, mas estar tão próximo delas que já não saibamos quando começa o eu e o outro, o eu e o eles"<sup>76</sup> e é nesta perspectiva que discorro sobre a cidade das minhas lembranças<sup>77</sup>, da minha vida...

<sup>70</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. op. cit., 2004, p. 177.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 202.

<sup>72</sup> "Designo por escritura a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado".

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 225.

<sup>73</sup> *Op. cit.*, p. 171.

<sup>74</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *História: A arte de inventar o passado*. Bauru-SP: EdUSC, 2007, p.95.

<sup>75</sup> Cf.: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

<sup>76</sup> ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 89.

<sup>77</sup> "A memória voluntária que chamaremos de lembrança é uma recomposição do passado, ela não é o acesso direto a esse passado, mas fruto de um trabalho de rememoração que é feito no presente, relativo ao presente que foi e o presente que é...". ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil*. In: \_\_\_\_\_ *História: a arte de inventar o passado*, op. cit., p.202.

### 3 JUNCO DO SERIDÓ: “MEU PATOÁ”<sup>78</sup>

*O mundo que o tempo destrói é reconstruído de palavras, é afetivizado...*<sup>79</sup>

A leitura assim como os passos são atos criativos, práticas criadoras de espaços, são jogos escriturísticos<sup>80</sup>. O caminhar da mesma forma que os relatos são percursos de lugares praticados, eles selecionam, atravessam, organizam e fazem itinerários<sup>81</sup>. Nesse sentido, fugindo do determinismo geométrico ou geográfico, outras cidades se insinuam com maneiras próprias de fazer, espacialidades sensíveis, formas diversas de habitar e se movimentar diferentes dos textos das cidades visíveis, e, é sobre esta outra cidade sensível que discorro nas próximas linhas.

A cidade sensível. Diz um ditado popular que “morar em Junco do Seridó é bom”<sup>82</sup>, mas por que será? Bem, talvez seja porque na cidade, caso queira trabalhar, não falte serviço, pois, tem a castanha do caju, a extração mineral de pedras e caulim que ajudam a movimentar a economia da cidade, proporcionando, a abertura de novas lojas comerciais. E, muitos não sejam empregos efetivos e/ou que deem uma estabilidade financeira, mas, como dizemos aqui, “de fome não se morre”.

Por outro lado, há moradores que dizem: o Junco do Seridó “é igual à cantiga de grilo, de ruim, a ruim...”; outros, que foram morar em lugares maiores, como no eixo Rio-São Paulo, afirmam que a cidade não mudou nada; e, existem os mais nostálgicos: estes falam que “antigamente era mais calma” e, hoje em dia, a “BR, que era orgulho por trazer benefícios, está trazendo as drogas e a violência para cá”<sup>83</sup>.

<sup>78</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 65.

<sup>79</sup> NASCIMENTO, Pávula Maria Sales. *Espelhos de mim: entre as utopias e heterotopias da memória em José Lins do Rego e José Américo de Almeida*, 2009, 119 f. Dissertação de Mestrado (História). Área de concentração em História, Cultura e Sociedade – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009.

<sup>80</sup> “Produção de um sistema, espaço de formalização, tem como ‘sentido’ remeter à realidade de que se distinguiu em vista de mudá-la. Tem como alvo uma eficácia social. Atua sobre a sua exterioridade” CERTEAU, 2004, p. 226.

<sup>81</sup> Idem, 2004, p.199.

<sup>82</sup> Título de uma canção do poeta popular, de Junco do Seridó, Onofre Pinheiro, 2009. Letra, gentilmente, cedida pelo autor.

<sup>83</sup> Não pretendo problematizar estes pensamentos, apenas apresentá-los como parte integrante da discussão.

Diante do exposto, a cidade surge como um palimpsesto, uma polifonia e, ao mesmo tempo, ela é singular, fazendo parte da subjetividade de quem a pratica, não podendo ser reduzida à questão se é “bom” ou “ruim” morar em Junco do Seridó, mesmo porque, a cidade, como disse José D’assunção Barros, “é um grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos, inclusive os das pequenas conversas produzidas nos encontros cotidianos”<sup>84</sup> e, dessa forma, lugares visíveis e espaços sensíveis coadunam-se para costurar uma mesma trama historiográfica sobre Junco do Seridó, trama esta que vai ser representada nas linhas a seguir.

## LUGARES VISÍVEIS, ESPAÇOS SENSÍVEIS

A cidade (res)significada. Em Junco do Seridó, Paraíba, a natureza semiárida da caatinga, o sol escaldante do sertão nordestino, o solo pouco propício à agricultura e a mineração em expansão são fatores importantes na constituição social. Como muitas outras cidades de seu porte, ela apresenta problemas estruturantes sérios, como exemplos: lazer – a cidade conta com um clube municipal para festas e recepções, inclusive particulares, e uma praça de eventos pública para as festas tradicionais: São Pedro e aniversário de emancipação política, e outras a cargo do poder público instituído; esportes: não tem ginásio poliesportivo, embora conte com uma pequena quadra e dois campos de futebol, sendo um particular e um público em péssimo estado; e, educação: a sede do município conta com duas escolas públicas – uma municipal e uma estadual, um prédio do PETI e duas escolas particulares.

Mas a cidade não é feita, apenas, de prédios, de números objetivos, de pedra e cal, não é só um texto visível, ela, também, é um texto sensível, por isso, se não existem boates ou outro local mais estruturado para o lazer, os jovens criam outros espaços para isso, como alguns bares, onde eles podem assistir jogos enquanto conversam. Um quiosque no centro da cidade, o qual, nos finais de semana, funciona como um local de encontro para a “galera” “bater um papo” e, se tudo der certo, ficarem.

---

<sup>84</sup> Apud BURITI, 2011, p. 19.

Os mais velhos, nos sábados e domingos, também, costumam conviver nestes espaços, assim como, churrascarias às margens da BR 230 aonde vão com os amigos beber, conversar, flertar e espairecer. Os casais e as famílias costumam frequentar os templos religiosos e, depois, alguns seguem para os espaços já citados, onde se socializam com outros casais, com a “turma jovem” e os solteiros de plantão; outros preferem sair aos domingos para as churrascarias almoçarem, beberem, se divertirem em família.

Se não tem um campo de futebol bom para essa prática e um ginásio poliesportivo, os que tem são utilizados para a prática de esportes diária, para o relaxamento nos finais da tarde e para os “paradões”<sup>85</sup> dos finais de semana. Da mesma forma que o açude da antiga fazenda “Unha de Gato”, conhecido hoje como açude do “Véi Mané”<sup>86</sup>, quando cheio, serviu e serve para a natação e para o lazer dos habitantes do município e de cidades vizinhas, mesmo que, atualmente, essa prática tenha decaído.

Junco do Seridó, como foi dito acima, conta com duas escolas públicas de educação básica e duas particulares que atendem do maternal ao quinto ano do fundamental I. Entretanto, de segunda a sexta-feira, o ônibus escolar sai completamente lotado em direção a Campina Grande com alunos para as universidades públicas (federal e estadual) e para as particulares, além daqueles que frequentam cursinhos pré-vestibulares e cursos técnicos. No final de semana, muitos juncoenses, inclusive professores, se dirigem a Patos, Campina Grande e algumas cidades vizinhas para cursarem a graduação e/ou a pós-graduação.

Então, nestes pontos exemplificados, quem vê a cidade pequena do alto dos cumes da rodovia, ou do alto da arrogância humana, não percebe o quão há vida neste espaço, de tamanho diminuto, territorialmente falando, mas de potencial grandioso, como preceitua o refrão do seu Hino Oficial. Paisagens construídas pelo caminhar dos seus habitantes, que “pontilham as ruas calçadas ou lamacentas com as suas histórias, com os seus gestos com a sua vida, com a sua morte, com as suas tramas e dramas, com as suas histórias ocultas”<sup>87</sup>.

Territorialidade aberta ao consumo, entendido não só pela questão econômica, mas, além disso, pelas imagens, cheiros, gostos, sons, ritmos e

<sup>85</sup> Alcinha para aqueles que praticam esporte, principalmente, o futebol, esporadicamente.

<sup>86</sup> Em referência a um dos filhos de Balduino Guedes que herdou aquelas terras.

<sup>87</sup> BURITI, 2011, p. 17/18.

valores<sup>88</sup>. Então, nesses cinquenta anos de emancipação política<sup>89</sup>, muitas histórias cortaram e entrecruzaram Junco do Seridó, costuraram seus tecidos, sua pele, seu nome. Nesse sentido, é importante salientar que a memória individual “é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.)”<sup>90</sup>, se inserindo por meio de paisagens, personagens, na memória coletiva. Nesse sentido, a nossa subjetividade é construída a partir da relação histórica com as coisas, sendo que estas coisas podem “ser um outro corpo, orgânico ou inorgânico, uma idéia, uma imagem”<sup>91</sup>, as memórias adquiridas e derivadas das narrativas dos outros<sup>92</sup>, estar envolto as coisas para nelas existir e por elas ser encoberto.

Todavia, a memória individual é uma perspectiva da memória coletiva, sendo assim, ela não é homogênea, única e total, ao contrário, são pontos múltiplos, heterogêneos e passíveis de mudanças de acordo com o posicionamento que tomo<sup>93</sup>, mas, ela, também, serve para (re)definir e (re)forçar sentimentos de pertença<sup>94</sup>. Dessa forma, as narrativas, a seguir, são circunscritas tanto pelos extratos das minhas lembranças quanto das que foram adquiridas neste espaço de convivência social, sendo assim, elas não podem ser vistas como totalizantes, e, sim, mais um ponto de vista representativo de Junco do Seridó.

Deve-se destacar, também, que a pesquisa empírica<sup>95</sup> sobre a cidade é um documento/monumento<sup>96</sup> auxiliar na análise das transformações e constituição dos espaços urbanos, entretanto, o interesse do historiador não está na “existência empírica, descarnada, mas como esta empiria é significada, pensada, praticada

<sup>88</sup> OLIVEIRA, 2007, p. 59.

<sup>89</sup> Pela Lei nº 2.680 de 22 de dezembro de 1961, foi criado o município de Junco do Seridó e sendo oficializada sua instalação em 1º de janeiro de 1962. In: CUNHA, 2006, p. 32.

<sup>90</sup> CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 16.

<sup>91</sup> CARDOSO JR., Hélio Rebello. *Para que serve uma subjetividade?* Foucault, tempo e corpo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, p. 345.

<sup>92</sup> Dessa forma, ao me referir ao “nós”, parto justamente da ideia acima apresentada, de que a memória, enquanto subjetividade, é construída na relação com o outro, com as coisas e com o mundo.

<sup>93</sup> Cf.: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que toma a tarefa do historiador um parto difícil. In: \_\_\_\_\_ *História: a arte de inventar o passado*, op. cit.

<sup>94</sup> POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Tradução: Dora Rocha Floksman. Vol.2.n.3. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989, p. 3-15.

<sup>95</sup> Cf.: MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

<sup>96</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão et all. 5.ed.4.Reimp. Campina-SP: Editora da Unicamp, 2010.

pelos homens...<sup>97</sup>. Nesse sentido, o olhar que direciono a Junco do Seridó, representa uma cidade que não existe mais, ou, lugares que foram (res)significados para outras práticas diárias, são espaços construídos pela minha memória, fabricados pelos passos do sujeito comum, enfim, territorialidades que “nos afetam e são afetados por nós, como eles nos constroem e são por nós construídos, como eles são formados pela e são formados por nossa sensibilidade...”<sup>98</sup>.

Portanto, esta é uma história que tem por objetivo levar aos leitores um olhar sensível desta pequena cidade do interior da Paraíba e da vida (e dar vida) dos garimpeiros da lavra do caulim. Dessa forma, nas próximas linhas, traçarei um recorte deste espaço que vivo, que me (identi)fico, o meu lugar social. Lugar da infância feliz, como foi e é a de muitas outras crianças, da juventude que me viu ausente por, praticamente, todo o período. Do jovem que se fez adulto estudando neste espaço e partindo daqui, no ônibus escolar, como fazem outros jovens hoje, para Campina Grande em busca de uma qualificação melhor. Do adulto que trabalha neste espaço, e, hoje, constituiu família vivendo e (re)vivendo nesta cidade que, diferente do que viu Paulo Diniz, anteriormente citado, reconhece os problemas existentes, mas, tem alegria em (re)viver neste chão chamado Junco do Seridó...

## AURORA...

*Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!*

[...]

*Oh! dias da minha infância!  
Oh! meu céu de primavera!  
Que doce a vida não era  
Nessa risonha manhã!*<sup>99</sup>

<sup>97</sup> ALBUQUERQUE JR, 2008, p. 86

<sup>98</sup> Idem, p. 86.

<sup>99</sup> Cassimiro de Abreu – Meus Oito Anos. Disponível

em:<<http://www.paralerepensar.com.br/cassimiro.htm>>. Acesso em 30 jul. 2011.



Figura 3 – Junco do Seridó – Amanhecer.  
Fonte: Paulo Cezar<sup>100</sup>, s/d.

Aurora, segundo o dicionário Aurélio<sup>101</sup>, é um substantivo feminino, talvez, por isso, “estaria mais identificada com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva da existência...”<sup>102</sup>. A foto acima, tirada do cruzeiro, mostra Junco do Seridó na sua aurora, no seu amanhecer, naquele estágio em que a sombra da noite e a luz da manhã se encontram para observar os sonhos e os sonos dos seus “protegidos”, a contemplar o acordar preguiçoso daqueles que vão trabalhar e/ou estudar, ou, simplesmente, as estrelas propõem ao sol que espere um pouco mais para nascer e venha admirar o amor dos casais apaixonados.

Aurora que, devido ao contraste com as luzes, podemos perceber uma névoa branca por sobre a cidade, produzindo um belo quadro de paz e sossego, nos permitindo sentir que Junco do Seridó, ainda, dorme, aquecida dentro das casas, pois, a bruma que paira por cima dos telhados dar uma sensação de frio a quem observa... E, na Serra do Brennand, embora a fotografia não mostre, um belo quadro de paisagem idílica está se formando com a névoa embranquecida sobre o seu

<sup>100</sup> Disponível em: <<http://www.ferias.tur.br/fotogr/73641/juncoaoamanhecer-fotopaulo-cezar/juncodoserido>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

<sup>101</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. 3.ed., 1ª. Imp. revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Edição eletrônica autorizada a POSITIVO INFORMÁTICA LTDA. ©2004 by Regis Ltda.

<sup>102</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A hora da estrela: História e Literatura, uma questão de gênero? In: \_\_\_\_\_ *História: A arte de inventar o passado*. Bauru-SP: EdUSC, 2007.



cume, trazendo uma sensação de um frio intenso que deixa os corpos gélidos só de ver.

Neblina que se confunde com a fumaça da castanha do caju sendo assada, do caulim sendo “queimado”, terrível para quem sofre de doenças do aparelho respiratório, no entanto, é o odor da vida a inebriar os pulmões daqueles que dependem dessas atividades para sobreviver. Cerração que nos permite sentir um cheiro bom e agradável de ar puro, de vento frio no rosto; escutar o barulho do vento nas árvores e nas telhas das casas a despertar o morador de manhã cedo, como um galo a anunciar o amanhecer; arrepiar-se com a baixa temperatura deste horário matutino; e, saborear o aroma gostoso de café fresco sendo preparado, configurando uma paisagem boa de ver e de sentir, pois, “antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de lembranças quanto de estratos de rochas”<sup>103</sup>.

Aurora, também, significa infância, o início da vida, como nos versos do poeta Cassimiro de Abreu, acima citado: “Oh! que saudades que tenho / Da aurora da minha vida, / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!”<sup>104</sup> ... Junco do Seridó da minha infância... E como é difícil falar do seu lugar social sem cair no saudosismo, no sentimento, quase, chauvinista que tenho por esta cidade, por essas ruas, pela paisagem que me viu crescer feliz como toda criança merece. Dos banhos de açudes no período chuvoso, do futebol nas margens dos rios na época seca, dos amigos que fiz ao longo desses anos e o tempo e a distância só os mostram agora como uma lembrança.

A cidade-memória. Como um geógrafo, na aurora, dividia o Junco do Seridó em “rua de cima”, “rua de baixo”, “coréia” e o “posto”<sup>105</sup>. A “Rua de cima”. Dentre muitos lugares convividos, tinha a casa de Vovó “Chiquinha” e o cafezinho gostoso com inhame e carne no jantar e, se não fosse neste horário, levava a maior bronca dela, além das conversas que tínhamos sobre a sua infância e as quais se misturavam com a história do município; a pracinha para andar de bicicleta e correr enquanto os adultos não se apropriavam do espaço; o mercado público, utilizando sua calçada para brincar de pega-pega e aos domingos, no final da feira, recolhia as

<sup>103</sup> SCHAMA, 1996, p. 17.

<sup>104</sup> Meus Oito Anos. Disponível em: <<http://www.paralerepensar.com.br/cassimiro.htm>>. Acesso em 30 jul. 2011.

<sup>105</sup> A “Rua do posto” não existe enquanto “real”, mas, simbolicamente, devido a presença do posto de combustível utilizado como referência para as residências que existem ao seu redor.



verduras deixadas para brincar de tiro ao alvo com os outros amigos, chegando em casa sujo e vermelho de tomate podre; e, a escola estadual, espaço de sociabilidades com os amigos, com um espaço amplo, ela servia para a diversão que nossa imaginação pudesse criar.

A “rua de baixo” era o lugar para jogar futebol nos campinhos ou assisti-lo no estádio municipal; do clube para as festas e brincadeiras infantis; para os ensaios destinados ao desfile cívico do “07 de setembro”, momento em que os alunos do estadual e do municipal se encontravam e, muitas vezes, se “digladiavam” numa velha discórdia entre “rua de baixo” versus “rua de cima”, simbolizada pelos colégios. Mas, frequentava pouco a “rua de baixo” na minha infância, assim, como, a “Coréia”, alcunha dada pelos seus habitantes em alusão a Guerra das Coreias, indo esporadicamente com a minha mãe visitar os parentes, da mesma forma, a casa da minha avó materna, “mãe”, como a chamava. Um espaço utilizado para brincar com minhas tias e ficar observando os carros passando na BR, um hobby que tinha quando criança.

A cidade-memória. Nas andanças construía novas cartografias de Junco do Seridó pelos espaços que se abriam aos meus sentidos, observando o que me era permitido e proibido, buscando andar mais nos lugares proibidos, mesmo sabendo das broncas que iria levar quando chegasse em casa. Então, da mesma forma que um aventureiro e explorador, percorria os lajedos dos serrotes próximos da cidade. Os “tanquinhos”. Como eram chamados por juntarem água das chuvas, que nós conhecíamos porque, na falta de uma lavanderia pública, as mulheres iam lavar suas trouxas de roupas nestes locais, devido à limpidez da água e, nós, brincávamos de fazer barragens, lava-jatos para os carrinhos de brinquedos, de índios e “cowboys”, confeccionando arcos e flechas de marmeleiros, “espingardas” e “rifles” com os pendões de mandacaru, como se estivéssemos nos filmes de faroeste que assistíamos às tardes na televisão.

Adentrávamos a mata fechada do “chorão” para tomar banho no rio que “lacrimjava” por entre as árvores e, muitas vezes, seguíamos na contramão do rio até sair no Bairro Santo Onofre, onde um mundo inexplorado se abria aos meus sentidos de criança, com casas, cheiros, pessoas e sociabilidades diferentes das quais estava familiarizado, ou, seguia até a “sangria” do açude do “Véi Mané”, espaço que nós, juncoenses, utilizávamos para brincar, namorar, disputar para ver

quem nadava melhor e mais rápido, se divertir como verdadeiros “farofeiros” nestas águas, fazendo do pequeno lago a nossa praia particular no período de sua cheia... .

A cidade-sensível. Aurora em Junco do Seridó... Permitia-se andar pelo rio “Chorão” sem problemas com a poluição, onde, caminhávamos metros, quilômetros sentido o cheiro gostoso do mato verde e das águas “novas” na época chuvosa; o som dos pássaros na copa das árvores, a sinfonia belíssima dos bem-te-vis e das pequenas cachoeiras formadas pelo sangradouro do açude; o tocar do vento nas árvores e o roça dos pequenos peixes, as piabas, no nosso corpo; e, depois desta jornada exploratória, o calor de mãe a aquecer o corpo e o estômago faminto.

Na falta de um espaço para praticar esportes, os que existiam eram dos adultos, nós nos apropriávamos dos terrenos baldios e de lugares desertos e os transformavam em lugares praticados: campos de futebol, ciclovias, “rodovias e cidades” que viajávamos com os nossos veículos de brinquedos, imaginando, que transportávamos caulim, pedras e outros produtos minerais extraídos na cidade para as fábricas do Recife, pois, era lá que os meus “heróis” infantis, os caminhoneiros, escoavam a produção da incipiente mineração...

Um espaço sensível, que fazia de Junco do Seridó maior do que o espaço geométrico do seu território e, assim, as memórias, a “retenção afectiva e ‘quente’ do passado feita dentro da tensão tridimensional do tempo”<sup>106</sup>, ajuda, a nós historiadores, na reeducação do olhar para surpreendermos, por entre a ostentação dos fatos humanos, a presença, muitas vezes, humilde e silenciosa dos espaços que já não existem mais, mas, que foram subjetivados nas lembranças e recordações<sup>107</sup> ...

Paisagens construídas pelo olhar infantil, paisagens onde imaginação e memória se complementam, mas que não fala de secas, tom acinzentado ou animais mortos, discursos estereotipados do Nordeste<sup>108</sup> e, principalmente, do semiárido nordestino. Menos porque diga que Junco do Seridó não sofre nos períodos secos, todavia, porque, enquanto criança não percebia esta aridez tão forte nos períodos sem chuvas e quando estas começavam, com a premissa de ir tomar

<sup>106</sup> CATROGA, 2001, p. 20.

<sup>107</sup> Sobre as recordações Durval Muniz diz que: “[...] A recordação é, pois, um trabalho de organização de fragmentos, reunião de pedaços de pessoas e de coisas, pedaços da própria pessoa que bóiam no passado confuso...”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil*. In: *História: a arte de inventar o passado*, op. cit., p.202.

<sup>108</sup> Cf.: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, 2001, 340p.

banho por sob o seu manto transparente, podia percorrer os vários lugares da cidade.

Portanto, é dessa forma que vejo o amanhecer em Junco do Seridó... Sons do galo a cantar, acordando-o para o dia que começa... Sons de pássaros a prolongar o sono... Vai e vem das pessoas, das caçambas e caminhões partindo para as banquetas e decantamentos nas primeiras horas da manhã. Manhã, que começa com as crianças indo para as escolas, com preguiça, sono e frio, ou, para frente da televisão assistir aos programas infantis do momento. Manhã dos jovens ainda dormindo e dos adultos saindo para trabalhar... Manhã das manhas, manhã que ainda está por vir para os garimpeiros do caulim, mas, que vislumbram com um meio-dia mais feliz...

## VESPERTINO...



Figura 4 – Junco do Seridó – À tarde.  
 Fonte: Inairan C. Cunha, 2011.

Vespertino... O vespertino começa ao meio-dia, hora em que se sente o cheiro da comida sendo preparada nas casas para o almoço e, após ele, muitos tiram uma sesta, o sono gostoso depois da alimentação. À tarde, Junco do Seridó fica com poucas pessoas nas suas ruas, diferente da parte da manhã quando muitos costumam tirar um tempo para as conversas com os vizinhos. Neste horário, a maioria das crianças e dos jovens está na escola e os adultos no trabalho.

Na imagem acima, tirada do “Alto do Chorão”, em um ângulo de visão como se estivesse por trás da cidade, vendo-a de costas, podemos observar o céu límpido e azul, o sol forte clareando toda a paisagem, destacando os prédios maiores de Junco do Seridó, como por exemplo, a nova Igreja Matriz de Santo Onofre, padroeiro da cidade, ainda em construção. Por falar nela, foi, justamente, em uma tarde que as pilastras principais da antiga Igreja foram abaixo.

Tarde, hora em que sol mais aquece a Terra e, nestas paragens, o calor é, muitas vezes, insuportável, como um adolescente quando quer algo e os pais não dão... Vespertino, horário em que o homem anda sobre dois pés na idade adulta, segundo o Enigma da Esfinge. Nesta escrita, à tarde, o vespertino, está ligada a juventude, a adolescência, a fase que não é manhã, a infância, e não é entardecer, entendido aqui como a fase adulta.

Vespertino... Adolescência... Junco do Seridó... É difícil falar sobre a minha adolescência nesta cidade, já que, dos dezesseis aos dezoito anos – período em que se atingiu a maioridade e muitos lhe considera adulto – morei em Campina Grande, onde me dirigi para estudar, voltando aqui, somente, nos finais de semana. Então, o que dizer da cidade neste período? Percebi que a vida, o caminhar, as relações pessoais, em Campina Grande eram mais rápidas do que em Junco do Seridó, com seu ritmo lento, marcado, compassado, onde você conhece, praticamente, todos os habitantes.

Então, foi um período caracterizado pela alteridade, pelas inseguranças e incertezas que perpassam o jogo das identidades, para aquilo que Bauman<sup>109</sup> creditou como sendo duas identidades: a de *vida*, representada pelo nascimento, e a de *destino*, configurada pelo pertencimento. Nada mais representativo da adolescência do que a questão da identidade, para mim, agora, ficou claro como à tarde, pois, nesta fase da vida, estava na confluência da identidade que escolhemos ou construímos em detrimento das que nos são impostas pelos outros.

Por isso, a adolescência é uma fase estranha para mim e para o Junco do Seridó. Eu tive que aprender a viver e a conviver em um espaço estranho, novo. Junco do Seridó começou a viver a ebulição política da democracia participativa, das disputas eleitorais acirradas para prefeito, do crescimento da produção e venda dos minérios, especialmente, o caulim.

---

<sup>109</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

Foi na fase vespertina, em Campina Grande, onde fui assaltado pela primeira e segunda vez. Neste mesmo período, a população começou a gestar um sentimento de revolta contra os desmandos do prefeito que atrasara salários e não lhes pagara, dando-lhe o troco nas eleições de 2004. E, assim... Como tive que aprender a olhar para trás, para os rastros que deixamos e para as sombras que criamos, depois de ter sido roubado. Junco do Seridó aprendeu a olhar para os traços do seu passado, para as marcas deixadas pelos políticos que a governaram e, está engatinhando, uma aprendizagem contra os maus políticos.

Mas, à tarde, tem o cheiro do pão sendo assado, do café sendo preparado em casa; tem o barulho, quase, ensurdecido dos motores, das caçambas e carrocerias dos caminhões que retornam das banquetas e decantamentos carregados de caulim ou dos garimpeiros. Tem a beleza e a sensibilidade de uma mãe beija-flor a cuidar dos seus filhotes e o som lindo e alto quando esta sente qualquer presença estranha...

E, assim, é à tarde, é o vespertino, é a adolescência, cheia de incertezas, temores, receios, mas, também, cheirosa e gostosa como a comida da mãe ou da esposa, corajosa como o sol forte, sem medo do desconhecido, sem medo de se mostrar, e sensível igual a um pôr-do-sol de tarde sertaneja que contempla os homens voltando do trabalho nos fornos de assar castanha do caju, exalando o seu cheiro; das pedreiras, brilhando com o pó da pedra como purpurina carnavalesca; e, das banquetas, embranquecidos devido ao caulim e com uma fisionomia cansada, exaustos, garimpeiros que acordam cedo para por o pão na sua mesa e chegam ao entardecer felizes pelo fim da jornada de trabalho sem acidentes, ou tristes, pelos acidentes ocorridas durante o dia...

## ENTARDECER...

*Como é bonita a tarde sertaneja, o derradeiro adeus, que vem no fim do dia/  
Meu pensamento voa no infinito, olhando um sabiá, com seu cantar bonito/  
Relembro o beijo e o olhar da menina, olhando o sol poente, fico a imaginar/  
Como é tão meiga a imensidão dos ares, vejo no oriente um pássaro  
pousar<sup>110</sup>.*

<sup>110</sup> Refrão da canção: *Tarde Sertaneja*. Onofre Pinheiro, 1997. Letra, gentilmente, cedida pelo autor.



Figura 5 – Junco do Seridó – Entardecer  
 Fonte: autor desconhecido

O poema-canção de rimas simples e palavras singelas representa o que é o entardecer para muitas pessoas... O instante de pensar sobre o dia, sobre o transcurso da vida até o momento, o que fez, o que deixou de fazer, o que queria fazer e, assim, o “pensamento voa no infinito”...

Entardecer, nesta escrita, é a fase adulta. É aquela fase em que *studium*, a cultura e o saber, e *punctum*, os sentimentos, se encontram, se unem, ou deveriam se unir, para formar a subjetividade, pois, considerando o que abriga a nossa sensibilidade, o campo do sensível, é remetido para o campo da cultura<sup>111</sup>. Ao longo desta escritura se observou, e se observará, a “razão” e a sensibilidade se individualizarem e se complementarem para explicar o que proponho: uma visibilidade e dizibilidade<sup>112</sup> sensível dos garimpeiros do caulim de Junco do Seridó.

Visibilidade não somente entendida como a visão, ou, outras maneiras de ver, mas, uma maneira de ver e de fazer ver um conteúdo, um objeto. Já a dizibilidade não se resume ao dizer, ao falar, mas, ao que se diz e se enuncia de algo, um campo distinto de se narrar o objeto, então, o ver difere do dizer e, neste capítulo, procurei demonstrar visibilidades e dizibilidades outras de Junco do Seridó, as quais

<sup>111</sup> Entendida aqui sob a perspectiva da Nova História Cultural: “[...] pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”. In: PESAVENTO, 2005, p. 15.

<sup>112</sup> Cf. DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução: Claudia Sant’Anna Martins. Editora Brasiliense.

não redundassem, apenas, nos lugares comuns do semiárido como uma terra seca e árida, ou destacassem a cidade, unicamente, por ser um local pequeno e sem esperanças.

Desta forma, neste entardecer, nesta fase adulta, Junco do Seridó sofreu alterações perceptíveis visual e sensivelmente no seu espaço. Observando a imagem, acima, tirada do *cruzeiro*, ela mostra o crepúsculo vespertino, ao fundo, quando o sol, acariciando a paisagem, vai se despedindo do dia em tom alaranjado e a cidade, no primeiro plano, respondendo seu afago com suas luzes de neon laranja...

A fotografia (figura 5) está no campo de visão dos viajantes vindo do Nascente, porém, quero chamar a atenção para a Avenida Balduino Guedes, que se inicia a partir da edificação com alpendres e segue, praticamente, em linha reta, entrecortando a cidade até se perde em meio as árvores. No centro desta Avenida, com um círculo vermelho para destacar, está o templo da antiga Igreja Matriz de Santo Onofre.

Por que recorrer a este único prédio? Não é, simplesmente, por professar a religião Católica, mas porque esta edificação<sup>113</sup> era uma das mais antigas e poucas que resistiam em Junco do Seridó. Também, é marcante na ordem pessoal, pois, sofrendo com dores na coluna, assisti, no vespertino da tarde, a demolição final do templo quando as principais colunas de sustentação, localizadas na entrada, foram colocadas abaixo em 07 de junho de 2007, e, mesmo não gostando de trabalhar com a história factual, a data e o ano são emblemáticos, visto que, para a Igreja Católica, este dia era dedicado ao Corpo de Cristo, o dia santificado de *Corpus Christi*, uma data especial para os católicos de todo o mundo.

Entardecer, como já foi dito, é a fase adulta. A Matriz de Santo Onofre tinha mais de 70 anos, estava no anoitecer da vida, seguindo as ideias deste texto. Dentre as alegações do padre à época destacamos as seguintes: 1- precisava de um espaço maior para as missas, pois, a cidade crescera em população e o templo não suportaria; 2- a arquitetura do prédio não tinha maiores rebuscamentos, era simples, então, a nova igreja seria maior e mais bela.

Esses argumentos demonstram que Junco do Seridó, no seu entardecer, cresceu em tamanho populacional, nada de espantoso, porém, ao mesmo tempo

---

<sup>113</sup> Segundo informações da secretaria paroquial, a sua construção era da década de 1930.



não está sabendo chegar ao anoitecer, ou seja, envelhecer. Por exemplo: as casas que formam a Rua “Nova da Igreja”, localizadas ao lado direito do templo católico e foram construídas justamente por causa dele, praticamente, nenhuma conserva a sua arquitetura inicial.

Embora Junco do Seridó não tenha surgido a partir da religião, mas, a cidade se estruturou em torno do templo católico, onde, ladeando a Matriz de Santo Onofre foram erguidas casas que deram origem a “Rua Nova da Igreja” como era conhecida a atual Avenida Balduino Guedes e, foi em torno da devoção ao santo católico que se criou sociabilidades e sensibilidades entre os moradores locais e de cidades vizinhas.

Isto não seria uma busca pela origem da cidade, mas, o que Michel de Certeau<sup>114</sup> falou sobre Nova Iorque, guardadas e muito bem guardadas as devidas proporções, serve para as cidades, não só àquela ou Junco do Seridó, que não sabem “a arte de envelhecer curtindo todos passados”. Posto que, as cidades não se resumem a argamassa, tijolos e tintas, da mesma maneira, o documento não é “qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou...”<sup>115</sup>.

Nesses passos, o prédio simples da Igreja Católica, sem grandes detalhes barrocos como as de Olinda, sem a idade, cronológica, da Igreja de São João do Cariri e a de Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, trazia, consigo, os traços do povoamento inicial de Junco do Seridó. Período em que crianças, jovens e adultos buscavam água no rio “Chorão” em lombos de burro, carregavam os tijolos, que por sinal eram grandes e pesados, em balaios, cestos de palhas, e, assim, uma vida comunitária foi construída envolto pelo ordenamento espiritual, pelo menos da população católica.

Sua destruição e a construção de outra sobre os seus escombros, não significaram, somente, a derrubada das paredes, mas dos batizados, casamentos, encontros e desencontros, porque não, que ocorriam naquele espaço, em outras palavras, houve um apagamento das memórias relativas ao Junco do Seridó ali construídas, pois, seguindo os rastros de De Certeau<sup>116</sup>, não existe um fundador da

<sup>114</sup> CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. op. cit., p. 202.

<sup>115</sup> Op. cit. Le GOFF, 2003, p. 535/536.

<sup>116</sup> Op.cit, 2004.



cidade, uma origem, as práticas de seus habitantes constroem a cidade, mas, também, a destroem...

Entretanto, vamos falar de vida, de alegria e o entardecer é uma fase de constituição de família, para quem deseja, e é muito bom formar uma família e saber mantê-la. Quanta felicidade e orgulho tem um pai e uma mãe ao ver seu filho dar os primeiros passos, as primeiras palavras, o primeiro dia da escola... O quão bom e prazeroso é ver sua esposa se destacando na sua profissão, sendo respeitada pelos seus pares e por seus superiores e, como é bom (con)viver com quem se gosta...

Nesse sentido, Junco do Seridó é um espaço muito agradável de habitar, pois, se não tem grandes empresas ou lugares de lazer, por outro lado, ainda, não tem a correria e a violência dos grandes centros. E, sendo próxima a Campina Grande, apenas cem quilômetros, o/a cidadão/ã juncoense que procure algo mais especializado (educação, saúde, lazer, etc.), pode recorrer àquela cidade para consumi-lo. "Entenda-se que o conceito de consumo não é territorializado apenas pela sua estrita definição econômica, mas como consumo de imagens, de sons, de ritmos e de valores..."<sup>117</sup>.

Do entardecer da vida se caminha, assim se espera, para o anoitecer, entendida como a velhice e da tarde do dia se passa para a noite... Noite... Parte do dia, geralmente, dedicada ao descanso, ao deleite, as festas, as paqueras, aos prazeres proibidos e permitidos, horário em que as doenças "gostam" de se manifesta, o tormento dos pais, mas, também, é a hora dos amantes apaixonados, dos gritos e gemidos calientes<sup>118</sup>.

À noite, Junco do Seridó se (trans)figura... A praça com as luzes chamando os jovens para a diversão, as ruas movimentadas, pessoas de outras cidades, especialmente, as sextas-feiras, o frio gostoso, o vai e vem dos alunos e professores indo e vindo das escolas, toda essa cartografia da a ver e a ler a cidade como um texto sensível, um espaço construído a partir "do olhar humano, do falar humano, do uso dos seus sentidos, das suas práticas, as mais diversas..."<sup>119</sup>.

Junco do Seridó, cidade contornada por serras que lhe dá uma fisionomia de se encontrar em um buraco, mas, que eu prefiro dizer um aspecto de vale, onde, a

<sup>117</sup> OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Temp(l)os de consumo: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX)*. SAECULUM – Revista de História. n.16; João Pessoa-PB, jan./jun. 2007, p. 59.

<sup>118</sup> *Idem*, 2007, p. 59.

<sup>119</sup> ALBUQUERQUE JR, 2008, p. 95.

natureza conjuga um semblante idílico e histórico (res)significando as lembranças e brincadeiras da criança na aurora da vida, pelas memórias do adulto no seu entardecer, paisagem em que a dedução, o saber, a cultura de *studium* está sendo escrita pelas emoções, sensibilidades e sentidos de *punctum*.

Neste entardecer, a mineração (trans)formou Junco do Seridó em uma cidade rica nesse segmento e tem proporcionado a muitos pais de família o "pão nosso de cada dia", especialmente, no caulim, o qual enriquece poucos e prejudica muitos trabalhadores que buscam melhoria de vida nas escavações profundas, as banquetas, uma atividade de risco, onde, não se pode descuidar do que está fazendo, os sentidos tem de estar sempre alerta, por isso, exige uma arte de viver neste espaço de fronteiras.

Destarte... Unha de Gato... Junco do Seridó... Neste capítulo, as imagens sobre a geografia da cidade apresentam a metáfora de identificação com o gato. Um felino que ronda os espaços contornando-o de múltiplas faces, dotando-o de resistência, de sobrevivência, de "sete vidas". O povo desse lugar, os *banqueteiros* e demais trabalhadores identificam-se com o espírito metafórico que o fato dispõe: viver depois de parecer morto, ter sete vidas...

Dessa forma, nas linhas seguintes, busca-se representar o espaço das banquetas como posicional, uma cartografia sensível fabricada no momento em que a mineração do caulim se (re)apresenta com destaque no setor econômico, alterando a cartografia social dos que dependem dessa atividade. E, nessa paisagem austera, as sensibilidades são relevantes para se conhecer a poética dos sentidos que envolve os garimpeiros em seu cotidiano na lavra caulínica, suas singularidades, seus gestos, suas atitudes visíveis e sensíveis e, como o gato, sempre a espreita neste espaço de vida e de morte.

## Capítulo II

### ESPAÇOS DE FRONTEIRAS<sup>120</sup>

Falar sobre sensibilidades é adentrar em um universo construído tanto pelo *studium*, o conhecimento intelectualizado e científico, quanto pelo *punctum*<sup>121</sup>, a “animalidade” e a “irracionalidade”. Porém, mensurar sentimentos e emoções e representá-los não é uma tarefa fácil, pois, como quantificar o gosto, o prazer, o medo e a insegurança sentidas pelos garimpeiros em sua atividade? Neste capítulo, procuro representar as sensibilidades dos *banqueteiros* no seu trabalho de extração de caulim nas banquetas, tendo por base as entrevistas concedidas pelos que atuam, já atuaram e os familiares, juntamente com as observações feitas *in loco*, buscando dar visibilidades e dizibilidades as subjetividades construídas pelos sentidos neste espaço emocionalmente ambíguo.

Sentimentos e emoções são inseridos no campo cultural e materializados por meio das palavras<sup>122</sup>, dessa forma, peço licença ao leitor para expor, abaixo, uma síntese de duas entrevistas feitas com os trabalhadores da lavra do caulim, como parte integrante para o que proponho nesta escrita, outras visibilidades sobre a extração caulínica a partir das sensibilidades produzidas pelos garimpeiros no e relativo ao seu espaço de trabalho, as banquetas.

Contudo, respeitando a liberdade do leitor em consumir os escritos e criar novos textos, considerando a leitura enquanto prática criadora de novas leituras e entendendo que o texto não deve se encerrar na sua escrita, ele tem que permitir leituras outras, significações e ressignificações para o que foi narrado.

*Eu comecei a trabalhar com quinze anos nesse serviço, as coisas é difícil... É uma situação difícil, a gente precisa do trabalha né. O trabalho é a sobrevivência, do que a gente vive aqui... Eu me acostumei nesse serviço, o guincho é meu. Apanhei esse guincho, é do que eu vivo. Eu tava trabalhando só, aí Ninja<sup>123</sup> foi me chamou “burrinho”<sup>124</sup> vamo trabalhar mais eu”. Eu fazia um banquetão. Banquetão, vamos*

<sup>120</sup> Está com o sentido de limite, de margem, da linha divisória entre dois objetos.

<sup>121</sup> *Studium* e *punctum* foram lidos no capítulo anterior.

<sup>122</sup> PESAVENTO, 2005, p. 57/58 e 2007, p. 13.

<sup>123</sup> Apelido de José Fábio, um dos meus entrevistados, sócio dele.

<sup>124</sup> É como os amigos e companheiros de trabalho o chamam.

supor, banquetão é um caixote do tamanho de um quarto, mais ou menos, 4,00x4,00 e o caba gasta muito, eu vendi minha moto pra fazer esse serviço, eu tinha uma motinha (19)93 emplacada e vendi por três mil na época e investi todinho no buraco, mas consegui tirar a despesa, comprei um terreno por três mil e hoje vale cinco mil... Você compra um guincho por 7,5mil, um motor por 4mil, aí vai pra mais 10mil gasto, 11,5mil (onze mil e quinhentos)... Eu quando fiz esse buraco vendi minha moto, comecei de cima<sup>125</sup>, aí fica mais difícil, o caba gasta mais, no picareta, fiz até um buraco pequeno, quanto mais largo o caba gasta mais, só que é bom o buraco mais largo porque fica mais bem feito, mas devido às condições você já faz pequeno porque senão você não chega na matéria produzida pra ganhar a feira, as coisas é difícil. Era eu e quatro trabalhador, eu passei um mês sem ganhar nada, só tirando o dinheiro guardado da moto pra pagar os trabalhador, pra chegar no material, mas com um mês, graças a Deus, eu comecei a vender o material, cheguei no caulinhado<sup>126</sup>... Fora a parte do guincho, a feira, o caba tem que tirar o dinheiro da feira. Eu faço uma feira boa pra casa, daqui eu levo um quilo, na segunda-feira, no serviço cada um leva um quilo de alguma coisa, aí quando junta tudo dá uma feira boa. Eu to aqui na segunda-feira, aí eu levo um quilo de feijão, um quilo de açúcar, um pacote de macarrão, um leva uma charque, outra leva um óleo, é assim, quando junta tudo, pra sair de casa é assim.

Eu acordo quatro e quarenta, é o tempo que o caba ajeita as coisa, ajeita a bóia, escova os dentes. Eu saio daqui umas cinco horas mais ou menos e vai lá pro posto<sup>127</sup>... Quando eu acordo o tempo tá clareando, tá frio, já saio com a roupa de trabalho, um short, uma camisa e uma bota. O capacete a gente deixa lá, só que o capacete é complicado, lá tem uns cinco capacete lá, é um troço de muita importância né, mas uns quer usar e outros num quer, é um troço que serve muito, às vezes a gente diz rapaz bota o capacete! Porque um torrãozinho assim se que cair, da altura que vem se bater na cabeça do caba fura. A altura da gente lá, nunca mais mediu não, mas tá uma base de uns 45m a 50 metros, nessa base, é num vô dizer um "x" certo porque a gente nunca mediu, a gente tem base pelo cabo de aço que tem uns 60 metros, aí sobra uma quantia boa no rolo, aí tá com uma base de uns 50 metros só descendo, a gente que trabalha em guincho... Trabalha muito em

<sup>125</sup> Significa dizer que ele começou do chão duro, plano.

<sup>126</sup> Caulinhado é o veio, o filão donde eles extraem o caulim em estado bruto.

<sup>127</sup> Referência ao posto de combustível na entrada principal da cidade.

*carretel assim entrando, a gente fala emborcar túnel<sup>128</sup>, mas... Trabalhando com guincho a gente faz só descendo, a gente é uma largura até boa, tem uma base de uns quinze metros e a gente só faz descer de cabeça abaixo...*

*O caulim com o tempo ele venta<sup>129</sup>, com o vento ele se racha, o vento ele trinca um pouco, ali tá dependurado no teto, quando joga o vento ele trinca um pouco, você veja o caulim de sal<sup>130</sup> não é tanto, mas o caulim de veeiro<sup>131</sup>, o caulim de veeiro é interessante, a gente o dia todinho nele aqui hoje, quando for amanhã que for lá que descer que olhar ele tá todo trincado, ele trinca por ele mesmo, cai torrão, ele venta...*

*Em carretel eu sofri muito, as coisa era mais difícil, as vez eu saia de casa e comia só no serviço um feijãozinho com um ovo, porque num tinha muita coisa, os tempo mais atrás as coisa era mais difícil, hoje em dia clareia mais um pouquinho... Eu lembro muito... Eu até hoje em dia comento com os menino – “rapaz hoje as coisa tá muito boa, porque antigamente, nós saia pro serviço levava só meio pacotinho de bolacha num saquinho porque não tinha, as coisa era difícil, e chagava lá, botava tudo junto, porque o caba não ia esconder, e dizia – ‘quem quiser comer pode comer’... Já no carretel a gente nem ligava, logo o cara era mais novo também, o cara vai ficando mais velho, vai ficando mais nervoso. A gente descia no carretel fazia um pau assim, amarrava uma corda no meio, senta escanchado e vai descendo devagarzinho até chegar embaixo, aí o cara nem ligava, o cara vai ficando mais velho, vai ficando mais cismado também...*

*É um serviço muito perigoso né, mas aqui pra gente é a sobrevivência, pra gente que não estudou, não tem leitura, é do que a gente vive... É o caulim. Eu estudei pouco, até a 3ª série e desisti, já trabalhava no caulim e ia pro colégio e ficava dormindo, aí desisti. É ruim o caba ir pro colégio e ficar cochilando... A banqueta pra mim é tipo a casa da gente de dia, porque de noite eu tô em casa e de dia eu tô lá, é um negócio que a gente tem que ter cuidado, eu falo muito, é preciso ter cuidado, porque é como a casa da gente, a gente tamo lá dentro direto, tem que ter muito*

<sup>128</sup> Expressão usada para se referir à construção dos túneis dentro da própria banqueta.

<sup>129</sup> Venta: é quando tem uma camada de caulim sobre outra e elas se desprendem, se abrem. Quando isso ocorre o garimpeiro vê, porque fica uma rachadura profunda.

<sup>130</sup> Caulim de sal: caulim em forma bruta. Ele é de cor amarela e vem misturado com outros minerais como o quartzo.

<sup>131</sup> Caulim de veeiro: é o melhor caulim. Ele é puro e parece com goma de mandioca, por isso, é mais caro e mais difícil de encontrar, porque ele vem nomeio do veio de caulim de sal. Segundo informações de “Zé Bentinho”, outro entrevistado, eles tomavam um pouco desse caulim com água para curar dores estomacais.

*cuidado, eu sempre gosto de olhar quando desço na banquetta onde tem um trincão, ai um troço perigoso se eu puder tirar eu tiro logo, vou lá e tiro, porque é como a casa da gente... Eu gosto do garimpo, eu gosto de tá lá na banquetta e tando em casa eu gosto de ficar em casa... (Entrevista com Josinaldo Carlos Heleno, Junco do Seridó, abril 2011).*

\* \* \*

*Levantava cedo, no máximo até quatro e quarenta da manhã, lavava o rosto, trocava de roupa, colocava uma calça jeans, camisa normal e um casaco e a bota de trabalho. Tomava café no serviço. Antes de começar a trabalhar. Saía de casa 05h10min, no máximo 05h15min ia sempre de carro direto pro serviço.*

*Trabalhava com meu pai nas pedreiras, em pedra, não deu certo, aí eu disse rapaz eu vou pras banquettas. Na pedra o cara não fazia a diária. No dia que o cara fazia no outro dia o cara perdia todinho tirando pra fora o entulho. No caulim não, por ser pesado, mas todo dia o cara fazia aquela quantia, quantia "x", todos os dias, não fazia se não fosse trabalhar, mas se fosse trabalhar todo dia teria aquela quantia "x". Era dinheiro certo.*

*Arrumei, aí meus pais não queria deixar com medo, já com medo disso, dos acontecimentos que sempre aconteceram, de alguma barreira pegar alguém, mas nós trabalhemos tranqüilo, no máximo dois anos trabalhei em banquetta mesmo, aí depois comecei a trabalhar em banquetão com guincho... Lá assim que eu cheguei tive medo, nunca tinha entrado, mas depois trabalhei o dia e a noite tranqüilo, dormir a noite todinha, no outro levantei e fui trabalhar de novo e assim passei mais de seis anos (risos).*

*Era a mesma coisa, fazia o mesmo procedimento em casa e o café tinha que fazer lá no serviço, fazia o café, tomava e começava trabalhar. A gente sempre levava de casa, às vezes o cuscuz com ovos, então champanhe<sup>132</sup>, soda, sempre levava de casa, mas tomava lá porque os carros saiam cedo e não dava tempo tomar em casa. Na banquetta mesmo cada um levava uma quantia, só que nos banquetão não, cada um levava por quilo, por semana e já deixava lá certo, aí levava só o do café, a não ser a mistura do almoço por dia, já ficava lá tipo uma feira normal que a gente*

<sup>132</sup> Também conhecida como soda branca.

*faz no mercado... Chegava lá cinco e meia, cinco e quarenta, preparava o café, tomava e começava a trabalhar. Dava pra tomar café legal.*

*Nas banquetas eram três, eu e mais dois. (E no banquetão) Eram cinco... Na banqueta, três só tira uma carrada<sup>133</sup> por dia e no banquetão com cinco pessoas tira quatro e cinco carradas por dia. O banquetão é tipo esse quadrado dessa casa sendo menor<sup>134</sup> direto pra profundidade sem ter túnel. Na banqueta era o carretel de madeira quem puxava tinha que ser a pessoa e no guincho puxa a óleo, fica um cara no guincho e outro em cima do carro pra puxar o banso<sup>135</sup>. Só descia de short com a camisa, mas, rapidinho tirava, o suor começa a pingar; bota, um capacete e uma picareta... Lá dentro é frio, se o cara ficar parado ele vai sentir frio, mas como o cara fica movimentando, a quentura do corpo faz suar e aí só fica de short mesmo... Sempre tem ar circulando, mas não é aquele ar livre. O cara respira normal como teja aqui em cima sem ter dificuldade nenhuma.*

*Pra descer, quando não descia com a corda descia no carretel nas banquetas<sup>136</sup>. Nos banquetão desce no guincho, a mesma concha que puxa o material é a concha que desce... Sempre no começo sente alguma coisa um friozinho na barriga, mas, dia após dia o cara nem liga mais. Sempre desciam dois, três de cada vez. Normal, tranqüilo, sempre a gente descia olhando se tinha algum perigo, alguma coisa pra cair, se tivesse alguma coisa a gente ia tirar antes de trabalhar. Sempre olhando como era que tava, se tava do mesmo jeito que a gente saiu à tarde um dia antes, de manhã se tinha alguma coisa pra cair.*

*Porque se ela for cair alguma coisa ela racha, ela não vai cair diretamente, ela racha, fica um rachão normal, dependendo do lavrado, ela fica de lado em pé... O lavrado é do caulim mesmo, tipo como se fosse uma camada de caulim noutra só que não se une, aí, quando tem aquele lavrado ele vai se abre, ele venta, no caso a gente chama venta lá, aí o cara vê, ele fica tipo uma parede dessa quando quebra o cara não vê né, é a mesma coisa, no dia a dia o cara vai subindo e descendo vai sempre olhando, se aparecer alguma coisa o cara tá vendo.*

<sup>133</sup> A carrada corresponde a, aproximadamente, 10 toneladas de caulim.

<sup>134</sup> Mostrando parte da sala de minha casa, uma média de 4,00m X 4,00m, essa entrevista foi concedida nela.

<sup>135</sup> Banso: é como eles denominam a concha do guincho que eles utilizam para retirar o material de dentro da banqueta profunda.

<sup>136</sup> De 2006 a 2010 ele trabalhou em *banquetão*, então, deste ponto em diante, ele só se referiu a este modo de extração.

*É, cada um pro seu canto, pega as ferramentas e começa a trabalhar, se tiver caulim já cavado vai encher a concha, se não vai cavar. A gente sempre olha e começa a trabalhar normal. O cara se acostuma com o perigo. Quem sente (medo) é os outros que nunca foram, o medo sempre tem, o cara perder o medo ta arriscado a tudo, a gente sempre tem medo, mas diante o cara trabalhar dia a após dia é normal, é um trabalho normal como qualquer outro... Porque a gente que tava trabalhando o cara ta vendo que uma coisa vai cair a gente não vai ficar embaixo, muita gente morre por causa disso, vê que uma coisa vai cair e continua embaixo, aí vai cair em cima, aí vai e mata, se o cara ta vendo que vai cair vai ficar embaixo pra quê, ta procurando morrer. O trabalho em banqueta é um meio de sobrevivência. É perigoso, mas fazer o que, tem que trabalhar, não tem outro, no momento é o que tem. O medo sempre tem. A gente fica focado no trabalho... É um serviço pesado, perigoso, mas é aquela coisa né, é a única sobrevivência... O cara tem que fazer, não tem outra coisa, a maioria não tem estudo, não pode pegar um emprego melhor. Eu estudei, não procurei continuar. É um trabalho muito pesado, a gente trabalhava por produção, trabalhava ao dia a trinta reais pra sair cinco carradas de caulim, se saísse mais de cinco ele pagava cinco reais a mais, se não saísse as cinco carradas ele pagava do mesmo jeito, a diária era fechada... (Entrevista com Alexsandro Galdino da Silva, Junco do Seridó, março 2011).*

“Real”. Produção histórica e particular do ser humano no mundo. “Real”. Não é um dado fixo, não possui uma origem, ele parte das representações, é uma fabricação social, histórica, lingüística, é uma produção dos nossos desejos, das nossas sensibilidades. Os depoimentos orais são perspectivas sobre esse “real”, são representações, são verossímeis, como o é a memória voluntária, as lembranças<sup>137</sup>, posto que, elas são uma recomposição do passado feita no presente, sendo assim, buscam representar ou se desviar do “real”, devendo ser entendidas como uma construção de sentidos a partir da análise das práticas de (res)significação do mundo.

Enquanto construção de sentidos, as representações podem tanto coligir quanto colidir na construção da narrativa histórica. Dessa forma, as falas dos garimpeiros acima coligiram quanto ao horário de chegada, o vestuário, a

<sup>137</sup> Eu sigo os traços de Durval Muniz, 2007, p. 202, sobre a “memória voluntária” enquanto “lembrança”.

temperatura, a alimentação, o instinto de sobrevivência, o perigo e o medo, e, colidiram com relação aos sentimentos que um e outro subjetivaram, ou seja, trazem consigo, na sua bagagem histórica, social e afetiva em relação às banquetas.

Nesse sentido, os relatos, ora apresentados, compartilham da mesma concepção: tomá-los como pontos de vista da "realidade" nas banquetas, memórias múltiplas, singularidades que podem sofrer deslocamentos, pois, "as memórias individuais não podem ser tomadas como alicerces da consciência individual, mas sim como pontos de interseção de várias séries ou correntes mentais aproximadas pelas relações sociais..."<sup>138</sup>

Mesmo porque, aquele que rememora incorpora não só as suas lembranças, mas, as significam e dão novos significados a partir da memória coletiva, ou seja, "a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado..."<sup>139</sup>. Portanto, neste capítulo, busca-se discutir o espaço das banquetas como posicional, que nasce das sensibilidades produzidas sobre e neste espaço pelos seus trabalhadores, situações onde a mineração do caulim se impõe com destaque no mercado financeiro, alterando, a cartografia social dos que dependem dessa atividade.

## 1 "É UM SERVIÇO MUITO PERIGOSO NÉ? MAS, AQUI PRA GENTE É A SOBREVIVÊNCIA"<sup>140</sup>: AS SENSIBILIDADES GARIMPEIRAS

*Desde que jogamos no teatro da história, ele voa de leste para oeste, alterando e inalterado, terra branca na qual se inscreve, na poeira volante, o próprio conjunto dos planisférios de todas as nossas passagens ou permutas, limitados pela morte e pelo equilíbrio de todos os reembolsos: balanço universal da justiça natural<sup>141</sup>.*

## LAVRA DO CAULIM<sup>142</sup> EM JUNCO DO SERIDÓ: HISTORICIDADE E SENSIBILIDADES

<sup>138</sup> ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 200.

<sup>139</sup> PESAVENTO, 2005, p. 95.

<sup>140</sup> Josinaldo Carlos Hefeno. Entrevista concedida ao autor em abril 2011

<sup>141</sup> SERRES, Michel. *Atlas*. Tradução João Paz. Lisboa-PO: Instituto Piaget, 1994, p. 33.

<sup>142</sup> O caulim é uma argila, normalmente de cor branca, derivada do mineral caulinita e que possui vários tipos de acordo com sua alvura, grau de cristalização, opacidade, etc. Geralmente é



A atividade garimpeira é uma das mais antigas formas de trabalho e exploração da terra que existem no Brasil. Em Junco do Seridó, os primeiros traços de atividade mineradora remontam ao período entre as duas grandes guerras mundiais, quando se buscava matérias-primas para serem usadas na indústria bélica a exemplo da xelita, berilo, tantalita, columbita, etc. Desse período até o início da década de 1990, sua produção era esporádica, cíclica, ora se tinha uma “explosão” dela, ora o quadro não se alterava.

Do final do século passado e, principalmente, na primeira década deste século<sup>143</sup>, ocorreu um *boom* da produção do caulim no município, principalmente, pelos vários usos<sup>144</sup> encontrados para este material. No ano de 2005<sup>145</sup>, por exemplo, as reservas deste mineral, medidas em Junco do Seridó, foram de 127.261 toneladas e a da Paraíba de 190.924 toneladas. A quantidade e o valor do caulim bruto comercializado, neste mesmo ano, pelo Estado ficou na ordem de 5.003 toneladas, para uma arrecadação de 125.075 Reais e a do caulim beneficiado de 5.003t e R\$ 350.825, respectivamente, totalizando para a Paraíba R\$ 475.900 (Quatrocentos e Setenta e Cinco Mil e Novecentos Reais) recolhidos.

Esses números representam a produção beneficiada, ou seja, a que passa pelos decantamentos e pagam impostos, como não há informações de toda a produção comercializada em Junco do Seridó, estima-se que esse comércio movimente, aproximadamente, R\$ 500.000,00 (Quinhentos Mil Reais) por ano. Contudo, essa valorização e arrecadação não são sentidas pelos garimpeiros das banquetas, pois, estes, além das despesas inerentes ao garimpo (ferramentas, material de segurança, alimentação, pagamento de outros trabalhadores), tem que

---

encontrado junto a outros minerais como a mica e o quartzo. DNPM, 2009, *passim*. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

<sup>143</sup> Segundo o Anuário Mineral Brasileiro, as reservas brasileiras de caulim são de 708.296.856 ton., na última década houve um acréscimo de cerca de 13,1%. O consumo setorial de caulim no Brasil apresenta as seguintes participações: indústria de papel e celulose (46,7%), indústria cerâmica (33,2%), indústria de tintas e vernizes (8,3%) e outros (11,8%). Dentre estes, destacam-se os produtos farmacêuticos e veterinários, fertilizantes, vidro e borracha DNPM, 2009. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

<sup>144</sup> Os principais usos do caulim são: produção de papel, tintas, cerâmicas, refratários, catalisadores, louças de mesa, peças sanitárias, cimento branco, borrachas, plásticos, adesivos, vidros, cosméticos, medicamentos e pesticidas. Dos citados, a indústria de papel é o maior consumidor deste produto, seguido pela indústria de refratários. Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas – SBRT. Disponível em: <<http://www.sbrt.ibict.br>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

<sup>145</sup> ANUÁRIO MINERAL BRASILEIRO 2006 - Parte III – Estatística por Substâncias. Disponível em: <[http://www.dnpm.gov.br/assets/galeriaDocumento/AMB2006/I\\_2006.pdf](http://www.dnpm.gov.br/assets/galeriaDocumento/AMB2006/I_2006.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2011.

pagar ao dono da terra para explorá-la a chamada *conga*<sup>146</sup>, uma porcentagem auferida sobre cada *carrada*, geralmente, dez por cento (10%).

Sobre isto, vejamos o que disse José Fábio Feitoza de Melo<sup>147</sup>, solteiro, morador de Junco do Seridó, este garimpeiro começou a trabalhar com, apenas, dez anos de idade, seguindo os passos do pai, já se vão quinze anos, mais ou menos, que ele exerce essa atividade, tendo, neste período, cursado o ensino médio e é um dos que consideram seu labor como uma profissão:

a gente tira uma *carrada* com dez toneladas, vende a 120 reais. Sai a 120 reais a tonelada, aí, desses 120 reais da tonelada, vinte para o dono da terra. A gente fica com 100 reais para pagar todas as despesas de uma *carrada* né! Pagar ao trabalhador tira tudo cabo de aço o que você imaginar, aí nós traz o caulim pro decantamento nesse valor né de 120, aí eles paga o frete de 50 reais, de onde a gente tira chega por 170 pra eles, você sabe por quanto eles repassa uma tonelada de caulim decantado? Tem caulim que sai até por 320 a tonelada.

Lê-se, nestas palavras, a dificuldade encontrada pelos garimpeiros, pois, sendo "clandestinos", não possuindo nenhum vínculo contratual com os donos de decantamentos, eles tiram toda a despesa da banqueteta de sua produção, mesmo assim, como o próprio José Fábio afirmou em outro momento da entrevista: "eu mesmo gosto de trabalhar no caulim".

Neste capítulo, objetiva-se estudar o espaço da banqueteta pelo posicionamento<sup>148</sup>, como foi dito acima, estudar um espaço pela sua posição significa dizer que ele será visto pelas relações de aproximação e afastamento, pela análise de uma situação que pode ser alterada por processos jurídicos, econômicos, políticos, enfim, espaços heterogêneos e sensíveis<sup>149</sup>.

Portanto, as banquetetas de caulim são a sobrevivência daqueles que não tem condições sociais, materiais, educacionais, etc., de procurar atividades melhores, e, mesmo o trabalho sendo difícil e perigoso o dinheiro é certo, "no caulim, não por ser pesado, mas todo dia o cara fazia aquela quantia, quantia "x", todos os dias, não fazia se não fosse trabalhar, mas se fosse trabalhar todo dia teria aquela quantia

<sup>146</sup> O pagamento da *conga*, como todo o trabalho no garimpo, é feito de forma informal, sem vínculos.

<sup>147</sup> Entrevista concedida ao autor em 20 abr. 2011.

<sup>148</sup> O posicionamento é definido pelas relações de vizinhança, de aproximação, de convivência, de co-extensão, de co-habitação, de conflito, de tensão, de afrontamento, entre diversos pontos ou elementos, formando séries, organogramas, cartografias, redes, reticulados, tramas. FOUCAULT, 2001 apud ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 71/72.

<sup>149</sup> Cf. ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008, p. 71-74.

“X”...”<sup>150</sup>. Sendo assim, sonhos de um futuro melhor se alternam e se misturam com os presságios de medo e de insegurança produzidas na extração do caulim em banquetas...

## BANQUETAS E BANQUETÕES: O VISÍVEL E O SENSÍVEL



Figura 6 – Banquetas  
Fonte: Aldo Augusto, 2008.



Figura 7 – Banquetões  
Fonte: Inairan C. Cunha, 2011.

A fotografia é uma forma de representação do mundo, pois, sua função de dar a ver e a ler algo parte do olhar de quem a tirou, dos interesses que se queria buscar e transmitir. Então, quais os valores representados por estas fotografias? O que elas querem passar? As imagens, acima, são representações de dois modos de lavra caulínica existentes no município de Junco do Seridó: as banquetas (figura 6) e os *banquetões* (figura 7), dois binômios para uma mesma atividade, a extração de caulim.

As banquetas são fabricadas na natureza, são perfurações no solo que podem chegar a dezenas de metros, às vezes, até mais de cem metros. Nestas fotografias, se pode ler que no local a vegetação é limpa, devastada, para poder começar a sua escavação, a qual se inicia com picareta, no caso das banquetas, e

<sup>150</sup> Alexsandro Galdino. Entrevista concedida ao autor em 26 mar. 2011.



com máquinas, no caso dos *banquetões*. Contudo, a perfuração de picareta é a mais comum no município, tanto nas banquetas quanto nos *banquetões*, devido as condições financeiras dos seus trabalhadores, pois, como relatado acima por Josinaldo, para se abrir um *banquetão*, por exemplo, o garimpeiro investe, aproximadamente, Vinte Mil Reais, sem ter a certeza do retorno, porque enquanto não chegar no *caulinhado*, como eles dizem, não se pode vender e, além do gasto com equipamento, tem que pagar os trabalhadores contratados, informalmente, e fazer a feira para o serviço e para casa.

Embora banquetas e *banquetões* sejam sinônimos de lavra do caulim, elas diferem uma da outra. As banquetas são jazidas cavadas manualmente, geralmente, na vertical, que se expandem no subsolo, sem qualquer tipo de escoramento nas paredes, nestas, os trabalhadores acordam de madrugada, acendem velas embaixo por causa da escuridão, a produção é menor, podendo uma mesma abertura, por sinal pequena, como a figura 6 mostra, “emborcar túnel”, isto é, conter outra banqueta dentro dela, aumentando os riscos de desabamentos.

Nas banquetas só é possível essa atividade de “emborcar túnel”, porque os garimpeiros se utilizam de uma estrutura de madeira chamada de carretel e quando o veio atinge a pedra embaixo, a laje, eles costumam escavar horizontalmente até chegar ao limite do caulim, depois, na busca de mais material, eles adentram novamente, na vertical, no coração da terra e, assim, até o limite das suas forças ou do caulim. Dessa forma, não são raros os arreamentos de barreiras nestes espaços, pois, não tendo vigas artificiais de sustentação, com exceção das pilastras do próprio caulim deixadas para servir de apoio para a banqueta não se desmanchar, outra sustentação não existe, então, qualquer abalo mais forte, chuva e/ou o lavado do caulim podem derrubá-la e causar o óbito do garimpeiro.

O carretel é a estrutura no centro dos ganchos de madeira com um tambor preto (conforme figura 6), é o mesmo modelo dos encontrados em máquinas de costurar. A diferença é que nestes existem manivelas, as quais são utilizadas para subir e descer o tambor de borracha empregado no transporte do caulim de dentro da mina. O carretel também serve para levar o garimpeiro até a base da banqueta, como um rapel improvisado, os *banqueteiros* se sentam em um pedaço de madeira colocado no lugar do tambor e são “submergidos” dentro da terra, segurando-se na corda do próprio carretel e em uma corda auxiliar, colocada como um suporte caso ocorra algum deslize, e descem apoiando os pés em escadas feitas na própria

parede da banqueta, o que pode ser visto na figura 7 anteriormente mostrada, numa tentativa quase inútil de prevenir os acidentes.

O fundo das banquetas são como “estufas” naturais, apesar do caulim ser um material frio, aliás, muito frio, esses trabalhadores, não raras vezes, ficam seminus para poderem resistir a sua quentura abafada. A respiração ofegante de três, quatro, até cinco homens em um espaço sem aberturas laterais ou outra fora a fresta principal que eles descem, além da utilização de velas para clarear devido à escuridão que fica, faz com que o oxigênio seja escasso, com isso, “chega o tempo da vela não acender mais porque não tem oxigênio”<sup>151</sup>.

Já os *banquetões*, são banquetas maiores. Sua entrada é mais larga, isto porque, no lugar de se utilizar tambores de borracha, eles fazem uso de conchas de ferro, de rompedor<sup>152</sup>; a produção é mecanizada, com utilização de guincho no lugar do carretel. O *banquetão* é como se fosse um caixote, o da figura 7, acima, está com, aproximadamente, 4,00m de largura por 15,00m de comprimento e uns 220 palmos de profundidade, na medida desses trabalhadores, o que equivale a, mais ou menos, 50,00m de fundura<sup>153</sup>.

Nestes, a produção se desenvolve em ritmo frenético, apesar da profundidade, o sobe e desce da concha é sem parar. Com uma largura de 4,00 metros por 15,00 metros de comprimento, este *banquetão* fica cercado pela vegetação nativa e, devido a sua extensão na “boca”, ele é mais ventilado do que a banquetas de carretel. Contudo, a atenção é grande e o respeito ao lugar também, os garimpeiros ficam focados no seu serviço, embora, como eles próprios afirmam, “tudim conversa, solta brincadeira, tira brincadeira um com outro [...] e assim passa a hora ligeiro, e fofoca mesmo, ninguém nunca brigou por causa disso não...”<sup>154</sup>, ou seja, depois que se acostumam com o trabalho, lá dentro existem as brincadeiras.

Os *banquetões*, também, não possuem aberturas laterais como as banquetas, ou seja, eles são diretos na vertical, pois, com o peso das conchas é muito arriscado “emborcar túneis”. A vantagem deles em relação às banquetas de carretel, é que estes por serem mais largos e não possuírem aberturas laterais, os riscos de desabamentos é, levemente, menor que àquelas, além de serem perfurados em locais onde o caulim é mais duro, por outro lado, a manutenção do guincho é

<sup>151</sup> José Fábio. Entrevista concedida em abril 2011.

<sup>152</sup> É um martelo de britar.

<sup>153</sup> Medidas observadas *in loco*, em um *banquetão* no “Alto do Chorão”.

<sup>154</sup> José Fábio. Entrevista concedida em abril 2011.



fundamental, pois, caso ele apresente qualquer defeito pode ser fatal para o garimpeiro.

Destarte, as condições financeiras dos trabalhadores do *banquetão* são um pouco melhor do que os das banquetas, à vista disso, os primeiros por produzem mais, o “salário” acaba sendo maior. Dessa forma, o aumento no valor recebido nos *banquetões* repercute nas sensibilidades familiares, posto que, ao final do mês, “eu tenho minha feira sossegado” relatou Josinaldo. Já nas banquetas essa situação não se repetia, e não se repete, como afirma o mesmo *banqueteiro* ocorria, às vezes, dele chegar em casa e não ter o que colocar na mesa porque não havia produzido, “trabalhava o mês e não achava nada, perdia a banqueta, perdia o trabalho”<sup>155</sup>, perdia a feira e a alimentação da esposa e dos filhos.

Mesmo com esses problemas existentes no seu trabalho: falta de segurança, não só salarial, mas, também, contra acidentes, além das condições precárias nas banquetas e a falta de qualquer tipo de previdência; os garimpeiros “profissionais”, àqueles que começaram cedo nesta atividade, possuem uma relação afetuosa com a banqueta, de pertencimento, mas, será que o mesmo sentimento é compartilhado por quem foi para este trabalho em busca de um capital certo?

Analisando as narrativas expostas por Josinaldo e Alexsandro no início deste capítulo, se ler que existe uma aproximação e um afastamento entre as falas. Ocorrem posicionamentos entre a memória construída ao longo de anos trabalhando em um mesmo lugar, corroborando para uma familiaridade com o espaço da banqueta como um ente querido, no caso do primeiro, e a memória gestada pela sobrevivência material, no relato do segundo. Promovendo a leitura das banquetas como um espaço fronteiriço<sup>156</sup> de construção dessa sensibilidade, onde a interrupção do seu trabalho, ou seja, a saída desta atividade, no caso de Alexsandro, proporciona uma (des)construção histórica e social em relação às banquetas. Por isso, conforme narrador adiante, Josinaldo a subjetiva como algo seu, enquanto Alexsandro não fomenta esse mesmo sentimento de pertença.

“Eu gosto do garimpo, eu gosto de tá lá na banqueta e tando em casa, eu gosto de ficar em casa...”. Com esta frase Josinaldo Carlos Heleno, casado, morador

<sup>155</sup> Josinaldo Heleno. Entrevista concedida ao autor em abril 2011.

<sup>156</sup> Definidas em um dado momento histórico, sendo, portanto, passíveis de dissolução, desconstrução, sempre que as relações sociais que os engendraram sejam modificadas, que os saberes que os puseram de pé sejam desmontados e que as relações de poder que os sustentaram sofram deslocamentos. ALBUQUERQUE JR, 2008, p.72.



de Junco do Seridó, *banqueteiro*, trinta e cinco anos incompletos, sendo, praticamente, vinte deles passados escavando a terra em busca do caulim e devido há esse tempo no garimpo de caulim, entrando e saindo das banquetas de carretel, subindo e descendo os *banquetões*, ele se considera um trabalhador experiente.

A fala de Josinaldo resume o seu sentimento, e de muitos outros que se consideram garimpeiros de “profissão”, pelas banquetas e pelo garimpo. É um relato sobre o seu trabalho e sua vida, dedicada, mais da metade dela, ao relacionamento com o garimpo, sendo, portanto, um relato carregado de sensibilidades que acaba igualando o seu trabalho a sua casa... Casa. *Quem casa quer casa*, diz um dito popular. Quer a sua casa, um espaço para chamar de seu, particular, único, individual, onde nos consideramos insubstituíveis. “Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar moral: esfera onde nos realizamos basicamente como seres humanos que têm um corpo físico, e também uma dimensão moral e social”<sup>157</sup>.

Entretanto, a casa não é só um lugar de tijolos, telhas e argamassas que utilizamos para nos abrigar das condições meteorológicas, mas, é um espaço social e histórico, em que deixamos nossos traços<sup>158</sup> e recebemos as marcas do passado. A casa é o lar, é o torrão natal, é a família que você nasceu e a que você escolheu. A casa é o refúgio das horas tristes, o aconchego das alegrias, do amor e da felicidade. A casa, às vezes, nem sempre é refúgio ou lugar de sossego, mas é uma referência espacial que nos situa enquanto moradores. Seu corpo é uma casa que a vida habita, assim como os vírus, os parasitas, as doenças também. O túmulo e/ou o cemitério é uma casa, a morada dos mortos, ou, casa não é moradia?

Banqueta “é um serviço pesado, perigoso, mas é aquela coisa né, é a única sobrevivência...”. É assim que Alexsandro Galdino da Silva, casado, morador de Junco do Seridó, ver a sua atividade, diferindo, em alguns pontos, de Josinaldo Heleno, acima citado, principalmente, no tocante ao relacionamento, o trato com a banqueta e na questão do estudo, da escolarização. Enquanto o primeiro, praticamente, não estudou e dedicou sua vida, quase, toda, a extração caulínica, criou um laço afetivo com este espaço, tanto que o compara ao seu lar, sua casa. Alexsandro, por sua vez, concluiu o ensino médio, isto, talvez, tenha aberto uma

<sup>157</sup> DAMATTA, Roberto, 1986, p. 16/17.

<sup>158</sup> De acordo com Fernando Catroga, 2001, p. 24: “Não há representação memorial sem traços. Registrada desde o século XII, a palavra (do latim *tractus*) referia-se a uma sequencia de impressões deixadas pela passagem de um animal; o que lhe permitiria funcionar como *testemunho* e *indício*. [...] podendo hoje designar qualquer vestígio humano voluntário ou involuntário...”.

gama de possibilidades não compartilhadas por Josinaldo, mas também, adquiriu um bico-de-papagaio e um desvio na coluna, por isso, ele a vê como um meio de sobrevivência, sem maiores sentimentos, com exceção do medo e do respeito...

Assim são as banquetas... Objetos de afeição e de desprendimento, espaços fronteiriços. Jonialdo (res)significa o garimpo de caulim como algo seu, subjetivado em anos de convivência nas e com as banquetas, representando uma construção desse espaço pelos seus sentimentos, suas sensibilidades, que o leva a se desfazer de um objeto de relativo valor financeiro para investir na banqueteta sem saber se terá retorno, como se estivesse investindo numa melhoria da sua casa, do seu lar...

Alexsandro, por sua vez, a subjetiva como um trabalho qualquer, sem maiores emoções, um trabalho que ele desempenhava porque não existia outro, dessa forma, nutria o respeito e o medo como sentimentos de alerta, como emoções evocadas para manter a atenção devida e não ficar tão autoconfiante, pois, poderia levá-lo a menosprezar o seu espaço e este não perdoa o arrogante que o subestima e o desafia...

Dessa forma, a banqueteta é afetivizada, é sensibilizada, é uma paisagem, parafraseando Schama<sup>159</sup>, composta tanto de lembranças quanto de minerais, subjetivada pelos garimpeiros como espaço de (sobre)vivência, de vida e de saudade, a partir das memórias individuais<sup>160</sup> construídas na coletividade de anos andando por baixo da terra nas lavras de carretel, entrando e saindo dos *banquetões*, períodos de "vacas magras" e de, não vamos dizer gordas, mas, nutridas, revelando-se como um cenário<sup>161</sup> carregado de memórias adquiridas e compartilhadas pelo lugar praticado, lugar marcado pelo suor, pelas lágrimas, pelos rastros e pelas práticas desses *banqueteiros*...

### **"HOMEM, SAI DAÍ DE DENTRO..."<sup>162</sup>: OS BANQUETEIROS...**

*Esse chão te é bem conhecido (bebeu teu suor vendido).  
Esse chão te é bem conhecido (bebeu o moço antigo).*

<sup>159</sup> Schama, 1996, p.17.

<sup>160</sup> CATROGA, Fernando. Memória, história e historiografia. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 16.

<sup>161</sup> "[...] não são apenas matéria para descrição, mas são fruto de montagem, de disposição de um conjunto de materiais, de efeitos de relações entre coisas e práticas humanas que as põem em conexão, que as retiram de seu isolamento e as fazem funcionar a serviço da produção de um sentido..." ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 80.

<sup>162</sup> Frase retirada da entrevista com José Fábio, concedida em 20 abr. 2011.



*Esse chão te é bem conhecido (bebeu tua força de marido).  
Desse chão és bem conhecido (através de parentes e amigos).  
Desse chão és bem conhecido (vive com tua mulher, teus filhos)*<sup>163</sup>.

No século XVII, os bandeirantes foram um dos principais responsáveis pelo alargamento das fronteiras da colônia portuguesa na América ao adentrarem os sertões em busca dos nativos, ouro e diamantes. No século seguinte, a mineração, principalmente, na região das minas gerais, foi responsável por novas cartografias espaciais no Brasil Colônia, com a instalação de uma sociedade mais urbana, letrada, aberta a influências filosóficas externas e com certa mobilidade social<sup>164</sup>.

Então, à riqueza promovida pelo ouro e a expansão territorial das fronteiras, transformaram o garimpeiro em símbolo do país, personagens heróicos dos livros didáticos, entretanto, do século XX ao limiar deste, a mineração passou por mudanças significativas em sua geografia. Dos "heróis" de outrora, "garimpo e garimpeiro aparecem hoje, no nosso imaginário, como agentes de poluição mercurial, destruição de sociedades indígenas e várias outras formas de enfrentamento..."<sup>165</sup>.

"Vidas Severinas...", assim, se reportou o poeta João Cabral de Melo Neto aos retirantes nordestinos, "homogêneos" na dor, na saudade, na tristeza e na falta: de terra, de comida, de perspectiva, etc. Porém, a estrofe exposta, acima, não vai se reportar aos *Severinos* fugidos do sertão por causa da seca e do latifúndio, por exemplo; mas, aos *Josés, Antonios e Franciscos*, os *banqueteiros* de Junco do Seridó, que escavam a terra, como toupeiras humanas, em busca de caulim para o seu sustento e de seus familiares.

*Banqueteiros*<sup>166</sup> deriva de *banqueta*, portanto, são garimpeiros. Identidade fabricada para diferenciá-los dos garimpeiros de outras atividades mineradoras existente em Junco do Seridó, como por exemplo: os das pedras ornamentais e os das pedras preciosas. Como as identidades são fluidas<sup>167</sup>, podendo ser culturais,

<sup>163</sup> MELO NETO, 2000, p. 61.

<sup>164</sup> BARBOSA, Livia. *Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991, p. 229-243.

<sup>165</sup> BARBOSA, Livia. *Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991, p. 229-243.

<sup>166</sup> Não encontrei registro desta palavra relacionada à sua atividade em outros locais, só nessa região, dessa forma, se fez necessário uma explicação à parte.

<sup>167</sup> Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

profissionais, sociais, religiosas, sexuais, elas são reveladas como algo a ser inventado e não descoberto, nesse sentido, o ser *banqueteiro* é uma identidade construída historicamente na sua relação com o seu meio social, as banquetas, portanto, ela pode ser desconstruída no abandono desta atividade.

*Banqueteiros.* São Guerreiros-homens, guerreiros-meninos, "super-homens" de carne e osso, batalhadores sem "cinto de utilidades" que os defendam caso ocorra um desabamento. São homens marcados pela felicidade e pela dor. Trabalhadores do medo, porque o local é assustador, embaixo da terra golpeiam-na cada vez mais forte e, acima, paredões enormes de rochas a vislumbrar esse garimpeiro arrebetando os seus "pés". Trabalhadores da coragem, da astúcia, da atenção, para enfrentarem essa jornada dia após dia em busca do material que irá lhes alimentar e a mesa do lar, mas, também, lhes pode enterrar com o seu "lençol" mineral, o caulim, reivindicando o material retirado, corroborando com a máxima cristã: "do pó vieste e ao pó voltarás...".

*Banqueteiros.* Nas banquetas estão derramando o seu sangue, o suor, as lágrimas de alegria e tristeza, a força vital e as "almas" de muitos juncoenses, pais, filhos, parentes que perderam suas vidas tentando ganhá-las no caulim. Alguns podem chamá-los de doidos, loucos, mas são vistos pela sua família como "heróis", como pessoas que arriscam sua vida onde ninguém mais tem a coragem de ir, "eu vejo que eles tem muita coragem assim de enfrentar e eles nem ligam", fala Maria das Graças<sup>168</sup> se referindo aos filhos que trabalham em banquetas. Saem da vida cotidiana para entrarem na "solidão" da banqueta e contracenarem com seus pares nesse cenário onde eles se consideram realizados, como afirma José Fábio, "(só estou) satisfeito quando estou com saúde e trabalhando dentro de banqueta..."<sup>169</sup>.

*Banqueteiros.* "Olhar divino", diria Certeau<sup>170</sup>. Invertendo a lógica deste autor, àquele que está embaixo foge à massa dos que estão em cima. É no garimpo do caulim, na banqueta, que este trabalhador se sente livre, satisfeito, patrão e empregado, senhor do seu tempo e das suas forças, se sente feliz, pois, sai de dentro de si para entrar na terra, se (re)inventam todos os dias na sua atividade, "morrem" quando vão para o trabalho, posto, a grande probabilidade de um

<sup>168</sup> Entrevistada pelo autor em abril de 2011.

<sup>169</sup> José Fábio. Entrevista concedida em abril de 2011.

<sup>170</sup> Cf. CERTEAU, 2004, p. 170.

acidente, e “(re)nascem” ao saírem deste e voltarem para casa, para o descanso merecido depois de um dia estafante e “penoso” de labor.

*Banqueteiros.* Quando retornam ao lar ou quando ocorre algum desmoração, a esposa chorando, por exemplo, diz, “homem sai daí de dentro”, eles respondem: “vou largar e vou fazer o quê, você não vai me sustentar dentro de casa”<sup>171</sup> ou que não tem jeito, se acostumaram com o trabalho e é o que sabem fazer. Mesmo porque, como os próprios entrevistados afirmaram, eles observam toda a estrutura da escavação assim que chegam e se encontram algum ponto ventando, eles vão e tiram.

*Banqueteiros.* Atividade estranha esta. O trabalho que para muitos significa vida, saúde, esperança, para esses sujeitos, também, significa morte, doença, desespero... Falar dos garimpeiros da lavra do caulim é estar atento para as coisas do dia-a-dia, dos homens “ordinários”, sem-nobreza e sem-riqueza. Portanto, escrever sobre essa atividade mineradora é adentrar em um universo que deixa marcas tanto na paisagem quanto nos corpos<sup>172</sup> dos que nela sobrevivem de forma direta e indireta, é falar sobre vida e morte “convivendo” em um mesmo espaço, as banquetas...

## 2 “DEUS LEVE E DEUS TRAGA COM VIDA E SAÚDE”<sup>173</sup>: SENSIBILIDADES DE VIDA E DE MORTE

*“Jesus abençoe o canto que eles trabalham, que nunca traga nada de ruim pra eles aqui”<sup>174</sup>*

Julho... Tarde fria... O sol brilhando em todo o seu esplendor e o vento frio nos morros do “Alto do Chorão” dão uma sensação amena a quem chega para visitar o *banquetão* e ver de perto a extração caulínica... A barraquinha de pau a pique em um canto é o “escritório” dos *banqueteiros*, do outro lado, o local de estacionar os caminhões caçambas para serem carregados de caulim e

<sup>171</sup> Alexsandro Galdino. Entrevista concedida ao autor em março 2011.

<sup>172</sup> Entendo o corpo “não apenas como corpo orgânico, mas também como construído pelas relações com as coisas que encontra durante sua existência” CARDOSO JR., 2005, p. 345.

<sup>173</sup> Maria das Graças – mãe de *banqueteiros*. Entrevista concedida ao autor em abril 2011.

<sup>174</sup> Idem.



transportados para os decantamentos locais e destes para empresas de porcelana, sandálias e cerâmicas em João Pessoa, Recife e algumas na região Sudeste.

Mais acima, por sobre uma rampa de pedras, uma pequena barraca improvisada protege o guincho e o responsável pelo seu manuseio, à frente destes, o *banquetão*... Uma abertura de quatro metros de largura por quinze metros de comprimento é a "boca" de entrada para uma cratera de mais de cinquenta metros de profundidade e, ao redor, a mata verde da caatinga, nestes períodos chuvosos, são as muralhas que os cercam e os protegem da ventania.

Os objetos existentes e vistos: guincho, barraca, gerador, veículos, *banquetão*, rompedor, natureza, só fazem sentido quando se inicia a cena, o ato, o trabalho, a movimentação dos *banqueteiros*. Cenários, cenas e sujeitos se unem para compor dramas, histórias, para tecer lugares para os homens e mulheres de Junco do Seridó. Quando a encenação começa, o labor, os movimentos e os gestos dos atores ali envolvidos constroem o cenário da lavra garimpeira, caso contrário, não passaria de um lugar estático, um descampado em meio à vegetação nativa da caatinga semiárida com objetos soltos e um buraco fundo aberto.

## ARTES DE (SOBRE)VIVER NAS BANQUETAS

A relação do ser humano com a paisagem, com a terra, é uma relação que o acompanha desde os tempos das sociedades sem escrita alfabética, uma ligação permeada pelas sensibilidades, pelas aproximações e distanciamentos entre ambos, mas, entender como os homens subjetivaram esses sentimentos e como os representam é que são difíceis de serem mensurados. Nesse sentido, o que sente um *banqueteiro* ao descer nas banquetas? Quais seus sentimentos ao se despedir da esposa, dos filhos, da mãe e ir para sua jornada sem a certeza de retornar vivo? Que emoções são extravasadas ao ver o companheiro acidentado? É nesse teatro, recheado de emoções, onde seus atores: *banqueteiros*, paisagem, banquetas, encenam capítulos em que sonhos e pesadelos se intercalam num cenário de vida e de morte...

Junco do Seridó, Paraíba, cidade onde parcela considerável de sua população é pobre, não tem estudo superior e o município não apresenta muitas alternativas de emprego que gere uma renda certa e satisfatória quanto o caulim.

Dessa forma, os munícipes, uns mais e outros menos, já subjetivaram que o trabalho em banquetas traz um ganho certo e, junto com ele, o perigo, o medo e a cessação da vida...

Por que procurá-lo? Só pela sobrevivência? Se for só por isso, ela pode ser encontrada em outras atividades, por exemplos, as pedras ornamentais, a venda de lenha e o serviço de pedreiro. O ganho nas pedras e na lenha não pode ser o mesmo do caulim, mas, o trabalhador consegue pagar a feira e não estar sujeito a tantos riscos, a idéia não é a sobrevivência? Se tiver habilidades de pedreiro, se recebe bem mais em uma diária do que no garimpo, até mesmo se for servente de pedreiro, recebe-se o equivalente aos *banqueteiros*, então, porque não recorrer a estes trabalhos?

Quero, com isto, dizer que os *banqueteiros* possuem uma arte de (sobre)viver para poder levá-los todos os dias a saírem quatro, cinco horas da manhã e enfrentar um trabalho que lhes pode tirar a vida. E essa arte não está, apenas, em um meio de (sobre)vivência, de conseguir os bens materiais, mesmo porque, "hoje em dia você só arruma gente pra trabalhar em banqueteta se tiver cuidado no trabalho. Se for gente que queira só ganhar e não quiser investir no serviço não demora muito tempo no ramo..."<sup>175</sup>.

Esta arte se encontra no prazer que muitos demonstram na sua profissão. Ela representa coragem, vida e alegria... É o frio na barriga, a adrenalina nas veias, ao descerem em um *banquetão* pela primeira vez e/ou quando estão descendo no guincho e o "comandante" deste "dá uma *banquelinha* mais um pouco e dá uma frieza grande no coração [...], o freio folga um pouco dá uma frieza no coração..."<sup>176</sup>. São as brincadeiras da hora do almoço com os outros companheiros; a alegria estampada ao fim do dia por retornar ao seio familiar em paz; a felicidade do salário recebido ao cumprir sua produção e vendê-la; e, o quão engraçado eles acham ao ver o visitante com medo de descer ao fundo da banqueteta... Pois bem, na banqueteta eles são felizes...

Mesmo nas horas difíceis esses garimpeiros demonstram dignidade pelo seu trabalho. Ressignificam-se. Em caso de acidente com o companheiro muitos correm para socorrê-lo, embora, poucos tenham "ânimo" para descer até o fundo da banqueteta. Quando morrem, seus companheiros mais próximos ficam sentidos,

<sup>175</sup> José Fábio. Entrevistado em abril de 2011.

<sup>176</sup> Josinaldo Heleno. Entrevista concedida em abril de 2011.

tristes, abatidos e cismados, pois, poderia ser eles, ou, podem ser eles as “próximas vítimas”. Porém, “o problema é no outro dia para trabalhar, você não pode escutar um torrão chiar que já fica com medo, pensando que vem arriando alguma coisa também...”<sup>177</sup>.

E, como uma tentativa de fugir da morte, eles abandonam o espaço em que ocorreu o acidente, porque, “no outro dia a gente foi trabalhar tudo desanimado, que tinha acontecido o acidente, aí a gente foi e parou lá onde trabalhava e se mudemos pra outro canto, furar outra nova...”. O problema é o outro dia... Um novo dia... Após ter perdido o companheiro no “campo de batalha”, esses “guerreiros” procuram outro espaço para reiniciar uma nova banqueteta, como se estivessem reiniciando uma nova vida...

Embora o trabalho nas banquetetas mantenha uma “relação” muito próxima com a morte, a “fuga” para outro local e (re)começar nova escavação, como dito anteriormente, é uma forma de exprimir, e esquecer, o medo e o sofrimento sentidos pela ausência do colega de trabalho, posto que, “[...] o facto de haver ‘familiaridade’ com a morte não impede a dor nem o temor e cada época, cada cultura, cada classe social ou grupo sexual tem palavras para clamar escândalo, para dizer o seu medo, para afogar o seu desgosto”<sup>178</sup>.

Mesmo, que nem todos sintam a sua falta igualmente, mas, devido o acidente ter ocorrido no espaço do trabalho comum ao que eles estão, a lembrança da dor e do desespero daquelas horas traumáticas retirando-o permanece como uma sombra pairando sobre o ambiente de trabalho e a forma que eles encontram para exprimir essas sensibilidades é o deslocamento para outra banqueteta, ainda, que esta fique a poucos metros da anterior, mas, essa saída significa deixar para trás o pesadelo do acidente e os presságios de novos acidentes, porque “fica um clima diferente, você não pode escutar um negócio cair, uma pedra cair, que já fica pensando que vai arriar alguma coisa perto do *caba* também”<sup>179</sup>.

É raro encontrar um garimpeiro do caulim que não tenha uma dessas histórias de tristeza, dor e sofrimento para contar, elas formam um “elo” que os unem, os identificam enquanto *banqueteiros*. Ler e trabalhar estas falas é uma das tarefas da história das sensibilidades, contudo, isto não significa dizer que se apreende o “real”

<sup>177</sup> Josinaldo Heleno. Entrevista concedida ao autor em abril de 2011.

<sup>178</sup> FARGE, Arlette. *Lugares para a História*. Tradução: Telma Costa. Lisboa-PO: Editorial Teorema LTDA., 1999, p. 17.

<sup>179</sup> Josinaldo Heleno. Idem.

e/ou resgata a “realidade” vivida, ao contrário, procura-se ver as cenas do cotidiano desses trabalhadores como uma forma de representação do cenário das banquetas, fruto da relação entre os objetos e as práticas humanas, um espaço construído por singularidades históricas, mas, inseridas em uma coletividade, territorialidade heterogênea que constrói o espaço a partir das lembranças e memórias individuais e coletivas, “onde as palavras forma uma brecha num particular espaço social ou imaginário”<sup>180</sup> e “as palavras de queixa, de sofrimento assinalam um lugar fronteiriço...”<sup>181</sup>.

O perigo e o medo são constantes na lavra do caulim, mesmo porque, o medo é um sentimento que acomete todos os seres humanos, imagino, “não existe esse corajoso que não tem medo”<sup>182</sup>, diz Josinaldo se referindo ao seu trabalho, e o medo é um bom sinalizador para se ter cuidado, atenção redobrada e respeito à banqueta. À vista disso, “o medo sempre tem, o cara perder o medo tá arriscado a tudo, a gente sempre tem medo, mas diante o cara trabalhar dia após dia é normal, é um trabalho normal como qualquer outro”<sup>183</sup>. Será que é um trabalho normal?

Eles podem até subjetivarem como um trabalho igual aos outros, já que “o povo diz que hoje em dia todo meio de vida é arriscado, nem todos... A pessoa vive em cima da terra é diferente do que debaixo do chão, é completamente...”<sup>184</sup>. Resignada pelas escolhas dos filhos em serem garimpeiros, Maria das Graças chama a atenção para o trabalho deles como muito perigoso por ser embaixo da terra, pois, na sua fala, ela dar a ler que abaixo do solo é o local dos mortos, é onde eles devem ser enterrados, a sete palmos do chão e não o espaço para o trabalho, representando, implicitamente, que qualquer acidente pode ter consequências gravíssimas para estes, inclusive a morte.

Ao mesmo tempo, demonstra dor e sofrimento pelas escolhas dos filhos, porque enquanto eles não chegam, “quando eles demoram, eu já fico aperreada, tempo de morrer de aperreio, eles tem sempre um horário pra chegar, um dia desses o carro desmantelou era as meninas fazendo remédio pra mim, porque não chega na hora a pessoa já fica traumatizada”<sup>185</sup>. Nesse sentido, o trabalho em banquetas e as sensibilidades advindas com eles tanto para os *banqueteiros* quanto para a sua

<sup>180</sup> FARGE, 1999, p. 18.

<sup>181</sup> Idem.

<sup>182</sup> Josinaldo Heleno. Entrevista concedida ao autor em abril de 2011.

<sup>183</sup> Alexsandro Galdino. Entrevista feita pelo autor em março 2011.

<sup>184</sup> Maria das Graças. Entrevista concedida ao autor em abril 2011.

<sup>185</sup> Idem.

família, como observado acima, “são momentos particulares onde se desenham ao mesmo tempo o singular e a sua articulação com sentimentos colectivos existentes...”<sup>186</sup>.

Portanto, é um trabalho de coragem... Por enfrentar o perigo diariamente e, mesmo assim, terem disposição para continuarem... Coragem para encarar a esposa e os filhos todos os dias antes de sair para o labor, sem o retorno ao lar garantido. Nesse sentido, que emoção não é para o *banqueteiro*, pai de família, ao acordar e ir se despedir dos filhos dormindo “sossegados”, dando-lhes um beijo e abençoando-os em nome de Deus, depois, beijar a esposa e escutar dela um *Deus lhe acompanhe* e, ainda assim, ter que partir em busca do pão da família pensando se voltará a vê-los... Como também, qual não é a emoção daquele que, igualmente a qualquer ser humano, se levanta com raiva da esposa, ou da namorada, ou, simplesmente, se acorda prepara suas coisas e parte para o trabalho, procurando escamotear esse sentimento negativo e procurar se alegrar, pensar positivo, para poder adentrar no “útero” da terra.

Numa atitude de defesa de sua atividade, ou, numa forma de “esquecer” os acidentes que ocorrem, mesmo porque, esquecer os acontecimentos experienciados é uma maneira de defesa inconsciente<sup>187</sup>. Eles procuram associar a morte do companheiro à sua imprudência, negligência ou autoconfiança, pois, “o cara vendo que uma coisa vai cair a gente não vai ficar embaixo, muita gente morre por causa disso, vê que uma coisa vai cair e continua embaixo, aí vai cair em cima, aí vai e mata...”<sup>188</sup>. E relatos iguais a este, associando as mortes à imprudência do garimpeiro, são comuns na extração do caulim, pode ser que, dessa forma, “culpando” os próprios *banqueteiros* pelos acidentes seja um alento a periculosidade do seu trabalho, pois, como afirma Arlete Farge<sup>189</sup>, “[...] Os instantes em que se exprime – de tantas maneiras – a dor revelam a formidável tensão que leva ao confronto entre a ordem e a sua negação, a violência e o sentimento vitimário, o ódio e o desejo...”

Nesse sentido, lê-se que eles procuram evitar o papel de vítimas do seu espaço, isto porque, estas pessoas, os *banqueteiros*, possuem uma arte de

<sup>186</sup> FARGE, 1999, p. 20.

<sup>187</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François et.al. 3. reimpressão. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

<sup>188</sup> Alexandro Galdino. Entrevistado pelo autor em março 2011.

<sup>189</sup> Op.cit. 1999, p. 18.

prevenção de acidentes, ou pelo menos a tentativa disto, visto que, ao descerem as banquetas vão observando as barreiras e caso elas apresentem alguma rachadura, um *trincão*, como dizem, eles “melam o dedo de cuspe ou de água mesmo e passa no trincão, porque ali tapou onde a gente passou, mas, a gente vai continuar olhando, porque se ele abre mais a gente sabe que ta abrindo...”<sup>190</sup>.

Este ensaio de antever a queda de uma barreira, o desastre, o que é muitas vezes imprevisto, ocorre porque o caulim tem tipo uma goma, que ao molhá-la ela amolece e acaba servindo de tampão para o próprio rachão. Se continuar se abrindo, eles param o serviço e procuram retirar a barreira, porém, pelas condições financeiras e/ou esperando aproveitar mais do *caulinhado* que está ventando, rachando, muitos não operam da mesma forma e acabam sofrendo o desmoronamento e, na grande maioria das vezes, morrendo...

Por conseguinte, as banquetas marcam os corpos dos *banqueteiros*, se pode afirmar que os corpos desses trabalhadores carregam as marcas da história de sua profissão. Pois,

[...] sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito.

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. [...] corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo<sup>191</sup>.

Dessa forma, o corpo é um espaço de atuação e conflito dos sentidos, lugar onde as fantasias e os desejos se unificam, paisagem em que a vida e a morte se fazem uma no transcorrer da existência humana. Nesse sentido, é difícil encontrar o *banqueteiro* que não tem uma cicatriz, um osso quebrado, um problema na coluna, ou, um caso de acidente e morte a relatar. É rara a família de garimpeiros antigos e novos que não tenha uma memória triste a ser lembrada e/ou esquecida no caulim.

No caso dos novos garimpeiros, a maioria dos acidentes ocorre por inexperiência, porque nessa atividade, e em muitas outras verossímeis a esta, a experiência só se adquire trabalhando, ou seja, dentro da própria banqueteta, porém,

<sup>190</sup> Josinaldo Heleno. Entrevista concedida ao autor em abril 2011.

<sup>191</sup> FOUCAULT, 2010, p. 22.

ela não costuma perdoar à imprudência, o deslize, ou qualquer tipo de negligência, proposital ou não, segunda chance é uma palavra, quase, inexistente no dicionário das banquetas. E, destarte, as histórias tristes e alegres, também, vão se multiplicando conforme aumenta o número de pessoas que procuram viver as emoções produzidas e consumidas nas banquetas, sensibilidades (re)vividas pelo olfato, paladar, pelos olhares, sons e toques, fabricados em um cenário que se tem uma arte de viver e uma poética dos sentidos para não morrer...

### 3 A POÉTICA DOS SENTIDOS

*[...] Há, hoje, mais sinos do que no século XIX: os sinos são mais bem feitos, têm um alcance maior. E, no entanto, você não os ouve. Não os ouve porque não os escuta. E você não os escuta, porque não tem necessidade de ouvi-los. Se você não tivesse outra coisa a não ser os sinos para marcar o tempo, para lhe assinalar os acontecimentos, então você os ouviria. Isso coloca o problema naquele campo da história da sensibilidade, [...], da história da atenção<sup>192</sup>.*

Inversamente aos sinos de Corbin, os *banqueteiros*, hoje, são mais ouvidos, suas vozes dissonantes chegam à sociedade, principalmente, porque, atualmente, o caulim, esse mineral que eles retiram do cerne da terra, está sendo mais valorizado no mercado, o que já foi dito anteriormente, como também, o número de acidentes tem aumentado. Contudo, essas falas eram escutadas e lidas como instrumento de trabalho e de degradação ambiental, mas, eles, enquanto sujeitos históricos, sensíveis as intempéries de sua atividade e da vida não tinham a mesma atenção<sup>193</sup>.

Dessa forma, procurando ler a lavra do caulim e a vida dos *banqueteiros* por meio das sensibilidades fabricadas e consumidas neste e por este espaço de trabalho, as banquetas, é que se busca dar visibilidade e dizibilidade aos sentidos desses trabalhadores enquanto construção histórica, pois, de acordo com a leitura de Durval Muniz<sup>194</sup>,

<sup>192</sup> CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. Tradução: Christian Pierre Kasper. *Revista Brasileira de História*. vol.25. nº.49. São Paulo, Jan./Jun. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-0188200500010000](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-0188200500010000)>. Acesso em: 07 jan. 2011.

<sup>193</sup> Não é interesse desse texto trabalhar os *banqueteiros* pelo viés econômico e ambiental.

<sup>194</sup> ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 113.



[...] a apreensão da natureza, do mundo se faz através daquilo que parece, à primeira vista, ser também um dado da natureza em nós, nossos sentidos. Mas nossos sentidos são educados, socializados, disciplinados, culturalizados por nossa condição de seres sociais e culturais. Nossa sensibilidade, nosso uso dos sentidos se fazem desde já mediados por conceitos, por noções, categorias, imagens que são forjadas na vida social, são artefatos culturais e linguísticos. Nossa sensibilidade é histórica: o tato, o olfato, o paladar, a visão e a audição também são testemunhas de um dado tempo e de um dado contexto social...

Assim, os sentidos são importantíssimos para se ler a pedagogia das banquetas, eles “são fundamentais [...] para a construção de novas paisagens. Através deles, definimos fronteiras, estabelecemos proximidades e recuos entre os homens e as coisas que os cercam...”<sup>195</sup>. Mesmo que estes não sejam percebidos pelos *banqueteiros* da mesma forma que o percebo nesta escrita, os sentidos estão presentes nesta territorialidade, subjetivados por eles no cheiro do caulim, na sensação térmica das banquetas, na socialização do almoço, no olhar da sua “profissão” enquanto perigosa e nos sons emitidos pela banqueteta quando esta está ventando, ou seja, rachando, sentidos fabricados historicamente e lidos, abaixo, como representação identitária destes trabalhadores, os quais dão visibilidade e dizibilidades do cenário sensível das banquetas de caulim em Junco do Seridó.

## OLFATO

O olfato. Sempre alerta como o garimpeiro do caulim dentro da banqueteta, esse sentido informa sobre os cheiros que estão em nossa volta. Segundo os *banqueteiros*, o caulim não tem nenhum cheiro, “é a mesma coisa da água”<sup>196</sup>, “mas, o caulim tem o cheiro mais frio”<sup>197</sup>. Para quem não está acostumado a esse ambiente, o caulim possui um cheiro de terra molhada misturada com raiz, é um cheiro forte, um agridoce...

No *banquetão* do “Alto do Chorão”, o odor do caulim se misturava ao da urina dos caprinos que se espojavam nele para descansar, quando os garimpeiros não

<sup>195</sup> BURITI, 2011, p. 35.

<sup>196</sup> José Fábio. Entrevistado pelo autor em abril de 2011.

<sup>197</sup> Josinaldo Heleno. Entrevistado pelo autor em abril de 2011.

estavam trabalhando, o que diferencia o cheiro do caulim puro deste misturado com “xixi” de bode, ou seja, o caulim puro do caulim sujo. Segundo Buriti<sup>198</sup>,

O **olfato** estabelece diferenciações entre a paisagem limpa e a suja, a cheirosa e a fedorenta. Ele nos informa sobre o ar puro, a poeira, a fumaça, o mau cheiro que emana de ‘pequenos charcos perto de sua casa’, do lixo e dos monturos, dos resíduos emporcalhados que são jogados próximos da residência e que agridem às novas sensibilidades... *Grifos do autor.*

O cheiro também é utilizado por eles para a desodorização do ambiente, pois, os garimpeiros quando sentem necessidades de urinar procuram ou sair da banqueta ou fazer no caulim que está sendo retirado, para que o espaço do trabalho permaneça limpo, pois, se fizer esta necessidade fisiológica em outro local dentro da banqueta e “deixa pra tirar no outro dia ou com dois dias depois, quando você vai tirar tá fedendo a podre. Aí não tem quem agüente não, abafado dentro do buraco, não é ventilado e tudo mais, a catinga não tem como sair que o vento não tira...”<sup>199</sup>.

Neste caso, é o olfato definindo o que é permitido e o que é proibido fazer dentro da banqueta. Outro ponto que os garimpeiros chamam atenção para o nariz é a relação entre frio e quente. “O caulim tem o cheiro mais frio”, disse Josinaldo acima. O cheiro frio do caulim significa dizer que a sensação térmica é de frieza, a qual é sentida, também, pelo corpo, pelo tato. Ao mesmo tempo, o abafado da banqueta é, da mesma forma, notado pelo olfato, pois, “é muita gente né, cinco pessoas trabalhando suando dentro de um buraco aí esquenta”<sup>200</sup> e respirando ao mesmo tempo, em um local de difícil ventilação, o ar que circula, na maioria das vezes, é o da própria respiração e dos companheiros, porque, embora tenha ar puro circulando “não é aquele ar livre”<sup>201</sup>.

A citação acima faz uma leitura do olfato como instrutivo sobre a fumaça, o ar puro, a poeira. No *banquetão*, a fumaça que sai do gerador utilizado para fazer funcionar o rompedor é, quase, insuportável se você estiver em sua direção. O fumar desta máquina é tão forte que, para aquele estranho a esta paisagem olfativa, o deixa sem ar, uma sensação só sentida por quem sofre de problemas respiratórios e senta perto de um fumante.

<sup>198</sup> BURITI, 2011, p. 35.

<sup>199</sup> José Fábio. Entrevistado pelo autor em abril de 2011.

<sup>200</sup> Idem.

<sup>201</sup> Josinaldo Heleno. Entrevistado pelo autor em abril de 2011.

O olfato sente o ar puro, ele também sente o “cheiro da chuva”. Um cheiro gostoso para o povo do semiárido, um cheiro de pressentimento da chuva e de acidente, um cheiro de esperança que as primeiras gotas de chuva caíam logo para melhorar a vida nesses espaços, um cheiro que traz alegria, tomando conta do homem do sertão,

ao escutar as bategas caindo do telhado de sua casa, a primavera que se inicia em seu coração ao ver as vacas a fazerem escaramuças diante do pasto verde que vem nascendo, ser capaz de avaliar a preciosa sinfonia que é para os ouvidos deste homens o coaxar em uníssono dos sapos nos açudes, o zurrar distante de um jumento numa noite sertaneja, a beleza inigualável de um céu carregado de nuvens escuras, a emoção provocada pela visão de um campo amarelecido pelos pendões loiros do milho<sup>202</sup> ...

O “cheiro da chuva” é um cheiro “bendito” para o semiárido. Ele, por um lado, é um cheiro bem vindo para os *banqueteiros*, porque, além de (sobre)viverem no sertão e sofrerem com a falta d’água, “o inverno é bom pra o preço do caulim, porque raramente, é difícil o dono do decantamento aumentar o preço do caulim, mas a época que eles aumentam o preço do caulim é no inverno...”<sup>203</sup>. Por outro lado, a chuva é o odor do medo. Ela aumenta os riscos de desabamentos das banquetas, porque corre “água na barrera né e água trás pedra e terra aí tem que sair de dentro, esperar parar pra começar de novo, se junta água agente tira. A chuva pra gente também se não abreja não é ruim não, mas abrejando agente não trabalha não”.

Então, a chuva que alegra o homem sertanejo e faz os animais pulularem como se estivessem dando vivas, nesse caso, para o garimpeiro é ruim, e se for das banquetas de carretel, pior ainda, porque nestas, eles se utilizam de cordas para subir e descê-las, com a chuva “muiá a corda, você num sobe não, escurrega que nem piaba. Eu já subi em banqueta rapano as custelas na parede e enrolano nas mãos pra pude subir que as vezes a chuva pegava de supetão...”<sup>204</sup>.

Enfim, é o olfato construindo novas paisagens sensíveis, demonstrando como o garimpeiro é um sujeito que vive na fronteira, pois, os cheiros que eles aspiram como o da chuva, por exemplo, para ele é um misto de alegria e preocupação, felicidade e medo, pois, se a seca é boa para produzir porque tem menos riscos, o

<sup>202</sup> ALBUQUERQUE JR., 2008, p.88.

<sup>203</sup> Josinaldo Heleno. Entrevista concedida ao autor em abril de 2011.

<sup>204</sup> Francisco Bento de Albuquerque, mais conhecido na cidade como Zé Bentinho. Entrevista concedida ao autor em abril de 2011.

inverno é bom para ganhar dinheiro, embora seja mais perigoso. E, mesmo os *banqueteiros* admitindo que o caulim não tem cheiro, mas, para o “estrangeiro” a esta paisagem, é fácil localizá-los em outros espaços, pelo rígido e embranquecido que fica nas roupas e pelo “cheiro de poeira molhada e mofo fresco...”<sup>205</sup> que emana do vestuário e dos corpos...

## PALADAR

Outro sentido referido pelos *banqueteiros* foi o paladar. “O paladar se mostra um aliado na economia doméstica, na saúde das finanças, na prosperidade do corpo”<sup>206</sup>. O paladar faz parte das sensibilidades desses trabalhadores para a feira do garimpo, para o alimento a ser levado todos os dias, já que, “na banqueta mesmo cada um levava uma quantia, só que nos *banquetão* não, cada um levava por quilo por semana e já deixava lá”<sup>207</sup>.

O paladar conclama a economia doméstica, das finanças, não das donas de casa, mas, dos próprios *banqueteiros*, eles procuram fazer uma “feira boa pra casa, daqui eu levo um quilo, na segunda-feira, no serviço cada um leva um quilo de alguma coisa, aí quando junta tudo dá uma feira boa”<sup>208</sup>. Nesse sentido, também, atenta para o espírito da coletividade entre eles, já que, cada um leva o seu, mas, lá eles repartem, demonstrando o papel que cada ator desempenha na economia dos *banquetões* e, pelo menos se tratando em alimentação, o que é de um é de todos.

Essa “comunhão” é sentida na “prosperidade do corpo”<sup>209</sup>, permitindo que eles tenham acesso a um café-da-manhã reforçado e diversificado, pois, uns trazem “fruta, cada qual leva o seu sabe, o café é independente da baía”<sup>210</sup>, cada qual leva bolacha, cuscuz com ovo, quem quiser cada qual leva o seu”<sup>211</sup>, mas, chegando lá “divide, bota lá, quem quiser pega, as vezes, um traz um bolo, um negócio melhor

<sup>205</sup> CALVINO, Ítalo. *Marcovaldo ou As estações na cidade*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>206</sup> BURITI, 2011, p. 37.

<sup>207</sup> Alexandro Galdino, março 2011.

<sup>208</sup> Josinaldo Heleno, abril 2011.

<sup>209</sup> BURITI, op. cit.

<sup>210</sup> O entrevistado, José Fábio, está se referindo a comida da semana. Entrevista concedida ao autor em abril de 2011.

<sup>211</sup> Idem.

né, os outros não vão comer e vai ficar olhando? Tem que dividir né, bota cada um pega um pedaço pronto”<sup>212</sup>.

Sendo assim, podemos dizer que é uma economia solidária, no caso da alimentação, é uma divisão solidária das tarefas, cada um sabe o que fazer nesta tarefa: um vai pegar a lenha para fazer o fogo, outro escolhe o feijão, um vai buscar água em outras banquetas abertas e, assim, se desenvolve o preparo dos alimentos e do almoço, ficando a cargo de ser cozinheiro o responsável pelo guincho, pois, está em cima, e, algumas vezes, o “caçambeiro”<sup>213</sup> ajuda neste preparo.

Dessa forma, comer não significa, apenas, saciar a fome depois de muito trabalho, uma atitude fisiológica, mas uma arte cênica, onde, cada ator sabe o seu papel a desempenhar, sem precisar de alguém para dizer o que fazer, sem um diretor a organizar o ato e impor suas vontades, sua ordem. A comida, também, traz lembranças da época difícil do carretel, onde, se levava o alimento contado para o dia de serviço, “um feijãozinho com um ovo, porque num tinha muita coisa...”<sup>214</sup>

O caulim também entra nesta alquimia do paladar. Como um químico e/ou um farmacêutico, os garimpeiros mais antigos se utilizavam do mineral, principalmente, o de veieiro, que vem com mais goma, para realizarem suas práticas médicas, misturando um pedaço do caulim com água eles tomavam um pouco dessa bebida para curar dores estomacais e, se observamos bem, essa beberagem é muito parecida com o leite de magnésio que compramos para curar a azia, por exemplo.

Também, bebiam água de embiratanha<sup>215</sup>, como afirma o senhor Francisco Bento de Albuquerque, conhecido como “Zé Bentinho”, segundo ele “o que nós tomava lá na banqueta pra poder continuar a trabalhar, pra num ter problema de coluna, tomava água de imbiratã, era direto no pote de três em três dia, dois em dois dia, muda a água de imbiratã”<sup>216</sup>.

Por falar em beber, não poderia fechar este tópico sobre o paladar sem falar do sabor da água que eles bebem existente nas banquetas. Neste caso, se o paladar não os diferencia diretamente, o faz de forma indireta, pois, a água bebida neste espaço, para quem não está familiarizado, para o “forasteiro” da cidade,

<sup>212</sup> José Fábio. Entrevista concedida ao autor em abril de 2011.

<sup>213</sup> É como são referidos os motoristas dos caminhões caçambas.

<sup>214</sup> Josinaldo Heleno, abril 2011.

<sup>215</sup> Com relação a bebida desta planta ficou um pouco confuso, porque o entrevistado fala imbiratan, fui pesquisar, mas, não encontrei nenhuma relação desta planta com as dores na coluna.

<sup>216</sup> Entrevista concedida em maio de 2011.

acostumado a tomar água filtrada e/ou fervida, água mineral, enfim, da forma que ele gosta, bebendo a água das banquetas ele não esquece...

Seu sabor é, praticamente, idêntico ao seu cheiro, é um gosto de uma bebida com raiz dentro, trazendo uma impressão forte ao paladar, dando-lhe um gosto impar. Isto acontece porque a água retirada das banquetas de caulim vem "filtrada" pelas raízes da vegetação que está entranhada a ele, é um filtro natural, representando esse quadro na água de beber. É uma água pura, limpa e armazenada em um pote de barro, como eles o fazem, juntamente com o frio constante da terra por causa do caulim, deixa a água sempre geladinha, mesmo não estando na geladeira, e o sabor... Ah!.. O sabor, pelo menos para mim, foi de uma sensação deliciosa...

## AUDIÇÃO

Na banqueta, esse sentido é conclamado com o propósito de vigilância. Ao escutar algum barulho mais forte, o *banqueteiro* fica em alerta procurando identificar o som e de onde vem. Dessa forma, ele sai da banqueta e vai verificar se foi um desabamento de uma barreira, ou, se foi um estrondo provocado por um acidente numa banqueta próxima.

Com relação à audição como sentido de alerta e de informação, Alexsandro Galdino<sup>217</sup> afirma que "quase que presenciou, escutou o pipoco, estava numa distância de uns 50 metros de onde eu estava pra onde ele caiu, só que era aberto, a gente pensou que tinha sido alguma barreira que tinha caído..."<sup>218</sup>. Esse relato é sobre a queda de um companheiro de atividade, que caiu de cima da barreira quando o carretel que ele trabalhava se rompeu e o fez despencar de uma altura de, aproximadamente, cinquenta metros.

A audição, também, é utilizada com um sentido de premonição, pois, ao escutar as paredes da banqueta chiando, isto é, estalando, significa que o caulim está ventando, "porque ta se soltando das barreiras, ta ventando que o povo chama, porque, as vezes, você vai cavando ele começa a estrala sabe, se estralando sozím,

<sup>217</sup> Entrevista concedida em abril de 2011.

<sup>218</sup> Idem.

aí cai os torrãozinho...<sup>219</sup>. Mas, muitas vezes, esses “torrãozinhos”, referidos por José Fábio, podem ser um aviso da banqueteta que ela está querendo desabar, pois, “caulim não tem rachadura normal não, porque rachando cai, qualquer rachão se ele não cair hoje. Pronto se ele rachar ali, ela já está avisando que vai cair né...”<sup>220</sup>. Essa mesma forma de comunicação da banqueteta com o garimpeiro é corroborada por Josinaldo, ele diz que “as vez avisa, uma barreira cai, as vez cai uma terrinha e já vem arriando, se der tempo o caba correr, mas se num der...”.

A paisagem auditiva da banqueteta é marcada por sons que são captáveis, muitas vezes, só por quem a vive, por aquele que já a subjetivou durante anos de (sobre)vivência neste espaço, porque “as vez avisa assim, caiu uma terra você tem que prestar atenção onde ta caindo, você escuta também”<sup>221</sup>, e por isso, a audição se torna uma construção histórica, visto que,

os sons convocam o arquivo de imagens de espaços que temos em nossa memória, exigindo que os situemos para que façam sentido, para que ganhem um contexto de significação. A partir de um signo sonoro toda uma cena, uma paisagem pode se abrir à frente deste olho que se ausenta. Do som anônimo a um som singularizado, particularizado pela apreensão singular do ouvinte<sup>222</sup>...

Dessa forma, um barulho estrondoso que, para os não familiarizados com ele, pode não significar nada, para os *banqueteiros*, já é um sintoma de algo fora do contexto “normal” do seu trabalho. Mesmo porque, a comunicação, os diálogos nestes espaços dos *banquetões* são curtos e rápidos durante o período de trabalho. Eles são utilizados mais para informações, como a posição da concha em relação aos trabalhadores embaixo e o aviso para o almoço e o café da tarde.

Por outro lado, esse espaço não é silencioso, pois, além do barulho do gerador, o qual é constante e muito alto, obrigando a quem estar “pilotando” ele usar protetores nos ouvidos, tem o barulho do vento na copa das árvores e nos arbustos, as conversas quando estão nas refeições, os gestos comunicando para se aproximar ou se afastar, seguir adiante ou parar, demonstrando cansaço e dores, alegria e contemplação, preocupação e raiva, medo e autoconfiança, em resumo, é um espaço silencioso, mas, não silenciado...

<sup>219</sup> José Fábio, abril de 2011.

<sup>220</sup> Idem.

<sup>221</sup> Josinaldo Heleno, abril 2011.

<sup>222</sup> ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 116.

## VISÃO E TATO

A paisagem caulínica é visual e tátil, estes aparelhos são educados, subjetivados pela experiência nas banquetas para ver e identificar novos espaços para cavar e o tipo de caulim a ser extraído daquele lugar: se ele tem mais goma ou menos, se ele é duro ou mole, neste caso, é muito importante, pois, “num pode chegar embaixo numa barreira mole, se ela tiver dura não, na barreira mole se emborcar um túnel ele fica pendurado e pode cair em cima... as vez eu olho, vou lá e pego...”<sup>223</sup>; observar as paredes das banquetas, “uma coisa que eu gosto é de olhar em banquetas quando vou descendo é olhar barreira...”<sup>224</sup>.

A visão e tato servem, também, para procurar se tem rachaduras nas banquetas ou se está do jeito que deixaram no dia anterior, porque, “se for uma barreira muito dura as vezes ele se solta né, as vezes você vê um trinco assim na barreira é uma capinha fininha, você botou um (pau) entranco pra barreira assim... aí você pode correr...”<sup>225</sup>. Todas essas análises e preocupações são acompanhadas pelo olhar e pelo toque, disciplinados para qualificar e desqualificar, permitir e proibir a circulação, pois, se “o caba chegasse embaixo [...] tinha que acender uma vela e andava no túnel todin olhando as barreiras tocano se tivesse um negossin o caba catucava com a vara, se ver que era muito podia sair de baixo que ela matava o caba”<sup>226</sup>.

A textura dos *banqueteiros* está em constante movimento, é o calor abafado de dentro da banquetas, provocado pela falta de uma circulação maior de ar puro e pela respiração dos que estão lá dentro, fazendo com que estes trabalhem de camiseta, ou só de calção; em contraste com a sensação fria despertada pelo caulim. Para exemplificar, Josinaldo Heleno<sup>227</sup> diz que começa o seu trabalho embaixo da banquetas com capacete, calção e camiseta, “porque o caulim é muito frio, mas, quando você começa a trabalhar começa a suar, porque é frio por causa

<sup>223</sup> Josinaldo Heleno, abril 2011.

<sup>224</sup> Idem.

<sup>225</sup> José Fábio, entrevistado pelo autor em abril 2011.

<sup>226</sup> Filho de Francisco Bento de Albuquerque, maior de idade, também, trabalhou em banquetas de caulim, nesta fala, ele está se referindo às de carretel. Fala pronunciada durante a entrevista com o pai dele em maio de 2011.

<sup>227</sup> Entrevistado em abril 2011.

da frieza do caulim, mas, é... num corre vento quase, porque é abafado...”, e esse não correr vento transforma o fundo da banqueteta em uma sauna natural, obrigando-os, a, praticamente, ficarem nus durante a sua jornada de trabalho, o que, muitas vezes, ocorre com o *banqueteiro* do carretel, pois, este emborca túnel e a respiração ainda é mais difícil.

Diante o exposto, o olhar é educado para perceber onde o caulim está mais mole ou duro, se está ocorrendo infiltração, pois, “quando pega a água a gente vai fechano até fazer um funil e parar pra num ter pirigo né, [...], porque tem cara que cresce o olhão, depois que pega a água, vamo ganhar espaço ai é onde muitos morre...”<sup>228</sup>.

O caulim é como uma esponja, ele absorve muita água devido às raízes que se infiltram no seu meio, tanto que o caulim bruto extraído da banqueteta não tem poeira, ele surge como uma goma de mandioca, só que é frio e, a água, neste caso, é prejudicial ao trabalho nas banquetetas, “porque depois que pega a água você tem os dias contado de você trabalhar, depois que começa a trincar a barreira e começa a arria pode tira os troço procura outro canto”<sup>229</sup>.

Portanto, as sensibilidades são conjunções do corpo e da alma, nesse sentido, se torna necessário, para o *banqueteiro*, subjetivar os conhecimentos adquiridos dentro do espaço da banqueteta para poder continuar sua vida, se faz necessário que o olfato identifique os cheiros bons e os podres; a audição esteja atenta ao estalar das barreiras e ao alarde do tombo de uma barreira ou de gente; o paladar a socializar as conversas, as intimidades; a visão e o tato a sentirem as mudanças climáticas de quente e frio, a perceber os rachões e a prevenir a queda de barreiras...

Enfim, os sentidos são as “armas” que esses trabalhadores tem para se defenderem de um possível “ataque” da natureza. São sensibilidades de um tempo, sensibilidades de um outro no tempo... Odores, gostos, desgostos, olhares, texturas, sabores, dissabores, medos... “seria isso, então, a história das sensibilidades: identificar a utilização dos sentidos que permitiu construir imagens do outro...”<sup>230</sup>.

Mas, a construção da identidade *banqueteira* não é feita somente pelos sentidos e atitudes cobertas e/ou encobertas deste, ela, também, é fabricada na

<sup>228</sup> José Fábio de Melo, entrevista concedida em abril 2011

<sup>229</sup> Idem.

<sup>230</sup> Alain Corbin. Op.cit., 2005.



relação com o outro, no caso desta escrita, com as sensibilidades institucionais e comunitárias que demarcam posições em relação ao trabalho nas banquetas, dessa forma, o próximo capítulo tratará destas várias sensibilidades posicionais (*banqueteiros*, instituições e comunidade) com o objetivo de dar um lugar sensível e humano a esses trabalhadores do caulim, fugindo das visibilidades e dizibilidades que os leem como “estranhos” e construtores de espaços degradados e de ambientes degradantes.

### Capítulo III

## ESPAÇOS POSICIONAIS

Como já foi dito nos capítulos anteriores, os espaços são construídos pelas práticas caminhanças dos sujeitos “ordinários”, mas, “são também fruto dos relatos destas práticas, das representações que aí ocorrem...”<sup>231</sup>. No capítulo segundo, se procurou dar a ler e a ver como os relatos dos *banqueteiros* (trans)formaram a extração do caulim em banquetas e *banquetões* em espaços sensíveis, em uma paisagem portadora de lembranças e subjetivadas como um ator a desempenhar o seu papel na urdidura da memória.

Nesse sentido, tanto o *banqueteiro* faz da banqueta sua página em branco, construindo novas escrituras para esta paisagem, vendo-a como um espaço sensível, afetivizado, quanto outros fazem o mesmo, sensibilidades que falam e escrevem sobre ele, como exemplos, a Cooperativa de Junco do Seridó (CooperJunco), o Departamento Nacional de Produção Mineral, Secretaria de Saúde Municipal, Conselho Tutelar e outras pessoas da comunidade e familiares, para que, reunidos os documentos, possamos vislumbrar os posicionamentos destes em relação ao trabalho nas banquetas.

A intensificação na produção do caulim, nas duas últimas décadas, acabou afetando o meio ambiente, com a destruição da vegetação, e o ser humano, onde, em um período de cinco anos (2005 a 2010), por exemplo, ocorreram dez mortes<sup>232</sup> de *banqueteiros*, isto sem contar os que sofreram algum tipo de moléstia proveniente dessa atividade e as quais não foram registradas ou foram atingidos, sem maiores conseqüências, pelo arreamento de uma barreira.

Os órgãos fiscalizadores, a exemplo do DNPM<sup>233</sup> (Departamento Nacional de Produção Mineral), que, influenciados por este número de mortes<sup>234</sup>, no lugar de buscar uma solução para amparar a família do *banqueteiro*, pensa em proibir essa

<sup>231</sup> ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. O Teatro da História: os espaços entre cenas e cenários. In: *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008, p. 81.

<sup>232</sup> Dados fornecidos pelo Cartório local, Serviço Registral e Notarial “José da Cunha”, pesquisa feita em 03 de fev. de 2011.

<sup>233</sup> Para críticas ao trabalho do DNPM, ver reportagem no portal Paraíba1. Disponível em <[http://www.paraiba1.com.br/Noticia/51516\\_mineradora-registra-segunda-morte-de-garimpeiro-em-uma-semana.html](http://www.paraiba1.com.br/Noticia/51516_mineradora-registra-segunda-morte-de-garimpeiro-em-uma-semana.html)>. Acesso em 02 de dez. 2010.

<sup>234</sup> Para o número de mortes, ver matéria no portal Paraíba1. Disponível em <[http://www.paraiba1.com.br/Noticia/52474\\_mineradores-morrem-soterrados-no-serido--sao-4-mortes-em-um-mes.html](http://www.paraiba1.com.br/Noticia/52474_mineradores-morrem-soterrados-no-serido--sao-4-mortes-em-um-mes.html)>. Acesso em 02 de dez. 2010

atividade, pois, ela é feita de forma "clandestina" e informal, como já apresentado anteriormente, e, por isso, não possuem direitos previstos em lei e não podem recorrer ao INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) em busca de um benefício ou de um auxílio, corroborando, assim, para um trabalho mal remunerado e sem qualquer garantia legal.

Salientando que esta escritura é da ordem do sensível, sendo assim, nestes relatos sobre os *banqueteiros* se procura dar um lugar sensível, um lugar humano a estes sujeitos, fugindo das tramas, conforme exemplo acima, que, muitas vezes, olham para eles como um "estranho" e o (des)escrevem como construtores de espaços degradados e de ambientes degradantes para o ser humano, as banquetas.

Portanto, neste capítulo, busca-se, por meio de entrevistas e outras fontes documentais: reportagens, dados quantitativos do Cartório local, Secretaria Municipal de Saúde, etc., relatórios do Conselho Tutelar de Junco do Seridó; outra forma de ver e de ler os garimpeiros do caulim no município que não seja como simples instrumento de trabalho ou responsável pela degradação ambiental, mas, posições sensíveis de uma atividade que pode levar à morte por causa dos acidentes e das doenças, ou, pela falta do trabalho, mas, é fonte de vida, dos *banqueteiros*, dos seus familiares e, de certa forma, da comunidade, um labor muito difícil e que beira a escravidão, porém, é constituído de alegria, de felicidade pelos que os fabricam.



## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2.ed. Recife-PE: FJN, Ed. Massangana; São Paulo-SP: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. **História: A arte de inventar o passado**. Bauru-SP: EdUSC, 2007.
- BARBOSA, Livia. **Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991, p. 229-243.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império**. Campina Grande: EDUFCG, 2011.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. 2.ed. 9.Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Marcovaldo ou As estações na cidade**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004
- CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista . In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- CUNHA, Inairan Cristino. **Representações sobre o Regime Militar Brasileiro (1964-1985): Um estudo no município de Junco do Seridó-PB**. 2006, 49f. Monografia de conclusão do curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2006.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro-RJ: Rocco, 1986.



DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução: Claudia Sant'Anna Martins. Editora Brasiliense.

FARGE, Arlette. **Lugares para a História**. Tradução: Telma Costa. Lisboa-PO: Editorial Teorema LTDA., 1999, p. 17.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. Versão 5.0. 3.ed., 1ª. Imp. revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Edição eletrônica autorizada a POSITIVO INFORMÁTICA LTDA. ©2004 by Regis Ltda.

FORTE, José Filgueira. **Cooperativas de pequenos mineradores: a experiência nos garimpos de pegmatitos do nordeste**, 1994, 150f. Dissertação (Mestrado em Geociências). Área de Administração e Política de Recursos Minerais— Instituto de Geociências, Campinas-SP, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org., Trad. e revisão técnica de Roberto Machado. 28. Reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração: memórias e práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX**. Cuiabá-MT: Carlini&Cariato;EdUFMT, 2006, p. 21.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão et all. 5.ed.4.Reimpressão. Campina-SP: Editora da Unicamp, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

NASCIMENTO, Pávula Maria Sales. **Espelhos de mim: entre as utopias e heterotopias da memória em José Lins do Rego e José Américo de Almeida**, 2009, 119 f. Dissertação de Mestrado (História). Área de concentração em História, Cultura e Sociedade – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História & História Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sensibilidades: escrita e leitura da alma**. In: PESAVENTO, Sandra Jatáhy; LANGUE, Frédérique (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PINHEIRO, Onofre. **Tarde Sertaneja**. 1997. Letra, gentilmente, cedida pelo autor em 28 abr. 2011.



POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução: Dora Rocha Floksman. Vol.2.n.3. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989, p. 3-15.

PRODER (Programa de desenvolvimento de emprego e renda). **Diagnóstico Sócio-Econômico de Junco do Seridó-PB**. João Pessoa: SEBRAE-PB, 1997.

REMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François et.al. 3.reimpressão. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SERRES, Michel. **Atlas**. Tradução João Paz. Lisboa-PO: Instituto Piaget, 1994.

#### Acervos

Serviço Registral e Notarial "José da Cunha", pesquisa feita em 03 de fev. de 2011.

#### Sítios online

<<http://3.bp.blogspot.com/-X0Ca91wEqGY/Tduyxz5iLUI/AAAAAAAAAJ0/NboqMIMBCmA/s1600/Governo%2Bdo%2BEstado%2B%2B-%2BMapa%2B1%2Bbanner%2B300%2Bx%2B170.png>>. Acesso em: 21 jul. 2011.

<<http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/paulo-diniz/estradas-2>>. Acesso em: 21 jul. 2011.

<[http://dsc.ufcg.edu.br/~nigini/maps/Paraiba\\_Traveled\\_Medium.jpg](http://dsc.ufcg.edu.br/~nigini/maps/Paraiba_Traveled_Medium.jpg)>. Acesso: 21 jul. 2011.

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\\_diniz\\_%28cantor%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_diniz_%28cantor%29)>. Acesso em: 21 jul. 2011.

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\\_diniz\\_%28cantor%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_diniz_%28cantor%29)>. Acesso em: 21 jul. 2011.

<<http://www.ferias.tur.br/fotogr/73641/juncoaoamanhecer-fotopaulo-cesar/juncodoserido>>. Acesso em: 23 jul. 2011.



<<http://www.paralerepensar.com.br/cassimiro.htm>>. Acesso em 30 jul. 2011.

### Artigos online

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades.** Disponível em:  
<<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. **No Espaço em que me Centro, em que me identi-fico: sobre identidade e região.** Disponível em:  
<[www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm)>. Acesso em: 17 abr. 2011.

ALMEIDA, Iaponan Cardins de Sousa; RAMOS, Alexandre José dos Santos Ramos; DINIZ, Maro Túlio Mendonça. A problemática ambiental da extração de caulim no Alto do Chorão em Junco do Seridó-PB. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DO GEÓGRAFOS – CRISE, PRÁXIS E AUTONOMIA: ESPAÇOS DE RESITÊNCIA E DE ESPERANÇAS, ESPAÇOS DE DIÁLOGOS E PRÁTICAS, 2010, Porto Alegre-RS. **Anais...** ISBN 978-85-99907-02-3. Disponível em: <http://www.agb.org.br/xvieng/anais/index.html>. Acesso em: 14 nov. 2010.

ANUÁRIO MINERAL BRASILEIRO 2006 - Parte III – Estatística por Substâncias. Disponível em:  
<[http://www.dnpm.gov.br/assets/galeriaDocumento/AMB2006/I\\_2006.pdf](http://www.dnpm.gov.br/assets/galeriaDocumento/AMB2006/I_2006.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2011.

CARDOSO JR., Hélio Rebello. **Para que serve uma Subjetividade? Foucault, tempo e corpo.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, p. 345. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2011.

Cassimiro de Abreu – Meus Oito Anos. Disponível em: <<http://www.paralerepensar.com.br/cassimiro.htm>>. Acesso em 30 jul. 2011.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. Tradução: Christian Pierre Kasper. **Revista Brasileira de História**, vol.25, nº.49. São Paulo, Jan./Jun. 2005. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882005000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000100002)>. Acesso em: 07 jan. 2011.

CUNHA, Inairan Cristino. "Cavar a cova e levar a vela para não morrer sem ela": sensibilidades, identidades e memórias de vida e morte no caulim. In: II COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: FONTES HISTÓRICAS, ENSINO E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2010, Campina Grande-PB. **Anais...** ISSN 2179-2011. Disponível em: <<http://www.ufcg.edu.br/~historia/iiclh>>. Acesso em: 07 jan. 2011.



DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL – DNPM.

Disponível em: <<http://www.dnrm.gov.br>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo

2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>.

Acesso em: 12 mar. 2011.

LUZ, Adão Benvindo da et al. **Pegmatitos do Nordeste: diagnóstico sobre o aproveitamento racional e integrado**. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2003. 49 p. (Série Rochas e Minerais Industriais, n.09). Disponível em:

<[http://www.cetem.gov.br/publicacao/series\\_srmi/srmi-09.pdf](http://www.cetem.gov.br/publicacao/series_srmi/srmi-09.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2009.

MASCARENHAS, João de Castro et. al (Org.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea: Diagnóstico do município de Junco do Seridó-PB**. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. Disponível em:

<<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/JUNC095.pdf>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Temp(l)os de consumo: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX)**. SAECULUM – Revista de História. n.16; João Pessoa-PB, jan./jun. 2007.

Disponível em:

<[http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum16\\_dos05\\_oliveira.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum16_dos05_oliveira.pdf)>. Acesso em: 27 mar. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Colóquios, 2004.

Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

SANTANA, José Augusto da S. **Padrão de distribuição e estrutura diamétrica de *croton sonderianus muell. arg.* (marmeleiro) na caatinga da estação ecológica do Seridó**. Revista Verde, v.4, n.3, Mossoró–RN, julho/setembro de 2009. Disponível em:

<<http://gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/viewFile/201/201>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS. **SBRT**. Beneficiamento de Caulim: resposta técnica. Elaborado por: Luiz Rodrigues Pereira; Sândalo Salgado Ribeiro. Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais – CETEC, 2007. Disponível em: <<http://www.sbrt.ibict.br>>. Acesso em: 01 set. 2009.

#### Reportagens online:

<[http://www.paraiba1.com.br/Noticia/51516\\_mineradora-registra-segunda-morte-de-garimpeiro-em-uma-semana.html](http://www.paraiba1.com.br/Noticia/51516_mineradora-registra-segunda-morte-de-garimpeiro-em-uma-semana.html)>. Acesso em 02 de dez. 2010.



<<[http://www.paraiba1.com.br/Noticia/52474\\_mineradores-morrem-soterrados-no-serido--sao-4-mortes-em-um-mes.html](http://www.paraiba1.com.br/Noticia/52474_mineradores-morrem-soterrados-no-serido--sao-4-mortes-em-um-mes.html)>. Acesso em 02 de dez. 2010

### **Slides de Aula**

COSTA, Antonio Albuquerque da, 2009. **Slides de aula**. Campina Grande-PB. 17 abril 2010. 36 *slides*. Apresentação em *Power-point*.